



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Paulo Sérgio Ribeiro Barboza

**Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: o contágio
emocional como influência**

Rio de Janeiro

2022

Paulo Sérgio Ribeiro Barboza

Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: o contágio emocional como influência

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Alberto José Filgueiras Gonçalves

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B239 Barboza, Paulo Sérgio Ribeiro
 Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: o contágio
 emocional como influência / Paulo Sérgio Ribeiro Barboza. – 2022.
 160 f.

 Orientadora: José Filgueiras Gonçalves.
 Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Instituto de Psicologia.

 1. Psicologia Social – Teses. 2. Futebol – Teses. 3. Inteligência emocional –
 Teses. I. Oliveira, Verônica Borges de. II. Universidade do Estado do Rio de
 Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paulo Sérgio Ribeiro Barboza

Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: o contágio emocional como influência

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Douto, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 30 de novembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alberto José Filgueiras Gonçalves (Orientador)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dr. Vitor de Castro Gomes
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dr. Erick Francisco Quintas Conde
Universidade Federal Fluminense – UFF

(Prof.^a Dr.^a. Amanda Alves da Silva
Centro Universitário e Faculdade Projeção – Uniprojeção

Prof.^a Dr.^a. Adriana de Lacerda Amaral Miranda
Clube de Regatas Flamengo - CRF

Rio de Janeiro

2022

O que realmente importa para o sucesso, caráter, felicidade e conquistas ao longo da vida é um conjunto definido de habilidades emocionais - sua inteligência emocional - não apenas habilidades puramente cognitivas que são medidas por testes convencionais de QI.

(Daniel Goleman)

AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre foi uma palavra que permeou minha vida inteira e muitas são as pessoas que estiveram comigo ao longo dessa empreitada no Doutorado, assim como na minha carreira profissional que completa 35 anos. A elas, deixo meu mais profundo afeto e carinho por tanto que me deram nesse tempo todo.

Aos Meus pais (in memorian).

Ao Victor Leonardo.

Ao Alberto Filgueiras, meu orientador.

Aos meus colegas de laboratório.

Aos Executivos de Futebol, Isaías Tinoco, Paulo Angione , Ênio Farias e Anderson Barros

À Sueli Ávila, Coordenadora de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida e minha grande incentivadora para o meio acadêmico.

À Maria Helena Rodriguez, minha amiga e irmã de todas as horas.

À Adriana Lacerda, amiga e Dra. em Psicologia.

Ao Erick Conde, amigo e Dr. em Psicologia.

À Amanda Alves, Dra. em Psicologia e de um afeto incrível.

Ao Vitor Castro, Dr. em Psicologia.

À Daniele Muniz, amiga e Mestre em Psicologia.

Ao Luiz Felipe, Dr. em Psicologia. Sem você eu não teria conseguido realizar a mineração dos dados.

À Gisele Silva (Palmeiras), à Emily Gonçalves (Fluminense), à Simone Luz (Fluminense) e à Maíra Ruas (Vasco), meu agradecimento especial pela imensa ajuda na coleta de dados.

Ao Clube de Regatas Vasco da Gama, Clube de Regatas do Flamengo e Botafogo de Futebol e Regatas meu agradecimento por tanto que me deram.

RESUMO

BARBOZA, Paulo Sérgio Ribeiro. *Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: o contágio emocional como influência*. 2022. 160f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O presente estudo teve como objetivo geral investigar o colapso de desempenho em equipes de futebol profissional considerando a influência do contágio emocional. Como metodologia foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória com análise de conteúdo (discurso) envolvendo 16 atletas de Futebol profissional do gênero masculino de 4 grandes clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro na faixa etária entre 18 e 26 anos, com a coleta de dados a partir de uma entrevista semiestruturada (questões no anexo), considerando uma perspectiva narrativa autobiográfica. A sequência e condução das entrevistas foram feitas por este pesquisador assim como também por outros colegas psicólogos(as) devidamente inscritos em seus conselhos de classe e que pertencem às Instituições que aceitaram aplicar o questionário com as perguntas disparadoras (no anexo). Nas transcrições das entrevistas, foram retirados todos os aglutinadores linguísticos como preposições, advérbios conjunções. Depois de retirados esses elementos, o que permaneceu será analisado utilizando o *software* Iramuteq. IRaMuTeQ (acrônimo de Interface de R *pour* Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) Este é um *software* livre ligado ao pacote estatístico R para análises de conteúdo, lexicometria e análise do discurso, desenvolvido pelo *Laboratoire d' Études et de Recherches Appliquées en Science Sociales* (LERASS) da Universidade de Toulouse. Ele vai trazer além da mineração dos dados em textos, os agrupamentos das palavras que aparecem juntas (nuvem de palavras) e, a partir desse agrupamento serão criadas categorias que serão levadas em consideração no momento da análise do conteúdo dos discursos, permitindo assim a obtenção de análises quantitativas dos corpos linguísticos e sua classificação hierárquica. Foi possível verificar como principais causas do colapso de equipes de esporte de grupo por conta do contágio emocional negativo: situações adversas em jogos, descrença, críticas externas, conflitos intraequipe, falta de autoconfiança e resiliência do grupo. Dessa forma, é possível dizer que as causas do colapso de desempenho são multifacetadas. Ao final deste estudo concluiu-se que o colapso de desempenho é uma constante entre atletas da elite do futebol brasileiro, sendo as causas multifacetadas, com a pressão por resultado se apresentando como a principal entre elas. A inteligência emocional precisa ser trabalhada nesses jogadores e jogadoras para que seja possível evitar que esses casos aconteçam e os resultados possam ser alcançados, primando pela saúde mental desses profissionais, ensinando-lhes estratégias de regulação emocional que podem ser utilizadas dentro de campo.

Palavras-Chave: Contágio Emocional. Colapso de Desempenho. Futebol. Esportes de Equipe. Inteligência Emocional.

ABSTRACT

BARBOZA, Paulo Sérgio Ribeiro. *Performance collapse in professional soccer teams: Emotional contagion as an influence*. 2022. 160f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The present study aimed to investigate the performance breakdown in professional soccer teams considering the influence of emotional contagion. As a methodology, an exploratory qualitative research was carried out with content analysis (discourse) involving 16 male professional football athletes from 4 major clubs in the first division of the Brazilian Championship in the age group between 18 and 26 years, with data collection from of a semi-structured interview (questions in the annex), considering an autobiographical narrative perspective. The sequence and conduct of the interviews were carried out by this researcher as well as by other psychologist colleagues duly registered in their class councils and who belong to the Institutions that agreed to apply the questionnaire with the triggering questions (in the annex). In the transcripts of the interviews, all linguistic agglutinators such as prepositions, adverbs and conjunctions were removed. After removing these elements, what remained will be analyzed using the Iramuteq software. IRaMuTeQ (acronym for Interface de R pour Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) This is free software linked to the R statistical package for content analysis, lexicometrics and discourse analysis, developed by Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées in Science Sociales (LERASS) from the University of Toulouse. It will bring, in addition to the mining of data in texts, the groupings of words that appear together (cloud of words) and, from this grouping, categories will be created that will be taken into account when analyzing the content of the speeches, thus allowing to obtain of quantitative analyzes of linguistic bodies and their hierarchical classification. It was possible to verify as the main causes of the collapse of group sports teams due to negative emotional contagion: adverse situations in games, disbelief, external criticism, intra-team conflicts, lack of self-confidence and group resilience. In this way, it is possible to say that the causes of the performance collapse are multifaceted. At the end of this study, it was concluded that the performance collapse is a constant among elite athletes of Brazilian football, and the causes are multifaceted, with the pressure for results presenting itself as the main among them. Emotional intelligence needs to be worked on in these players so that it is possible to prevent these cases from happening and the results can be achieved, prioritizing the mental health of these professionals, teaching them emotional regulation strategies that can be used on the field.

Keywords: Emotional Contagion. Performance Collapse. Football. Team Sports. Emotional intelligence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP	Abordagem Centrada na Pessoa
APA	<i>American Psychological Association</i>
BPR-5	A Bateria de Provas de Raciocínio
CRP-05	Conselho Regional de Psicologia, no Rio de Janeiro
CCA	Córtex Circundado Anterior
ECE	Escala de Contágio Emocional
EEG	Eletroencefalograma
fNIRS	Espectroscopia Funcional em Infravermelho Próximo
IE	Inteligência Emocional
LERASS	<i>Laboratoire d' Études et de Recherches Appliquées em Science Sociales</i>
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
QI	Quociente de Inteligência
SL	Sistema Límbico
SOBRAPE	Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte
SOSUPE	Sociedade Sulamericana de Psicologia do Esporte
SC	Som Condicionado
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Modelo circumplexo da emoção	39
Figura 2. Modelo de regulação emocional.....	81
Figura 3. Tipo de competição em que ocorreu o colapso de desempenho.....	101
Figura 4. Tempo de duração do colapso de desempenho.....	102
Figura 5. Jogadores atingidos no colapso de desempenho vivenciado.....	103
Figura 6. Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente.....	104
Figura 7. Nuvem de Palavras.....	109
Figura 8. Análise de Similitude	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Circuito de Papez	43
Quadro 2. Redes relacionadas às emoções não pertencentes, originariamente, ao circuito de Papez	44

SUMÁRIO

	PREFÁCIO	12
	INTRODUÇÃO	17
1	PSICOLOGIA DO ESPORTE E A VISÃO SISTÊMICA SOBRE O FENÔMENO ESPORTIVO	26
1.1	Psicologia do esporte.....	26
1.2	Adotando uma visão sistêmica para o esporte em grupo.....	30
2	COLAPSO EMOCIONAL NO ESPORTE	33
2.1	Contextualizando as emoções	33
2.1.1	Neurobiologia das emoções	41
2.1.2	Comportamento emocional e esquemas cognitivos.....	45
2.2	EMPATIA.....	51
2.3	CONTÁGIO EMOCIONAL	56
2.3.1	O papel dos neurônios-espelho no contágio emocional	62
2.4	Trabalho em equipe e as perspectivas de grupos.....	65
2.4.1	Grupos operativos de Pichon-Riviere.....	66
2.4.2	O processo grupal na perspectiva de Bión.....	71
2.5	Inteligência emocional	74
2.5.1	Estratégias de regulação emocional individual e de grupos	79
2.5.2	Inteligência emocional para o esporte	82
2.6	Contágio emocional e colapso de desempenho em esportes coletivos	84
3	MÉTODO.....	90
3.1	Caracterização da pesquisa	90
3.2	Sujeitos da pesquisa	96
3.3	Aspectos éticos.....	96
3.4	Processo de coleta dos dados.....	97
3.5	Processo de análise dos dados	99
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	101
4.1	Questões fechadas	101
4.2	Questões abertas	104
4.2.1	Estatísticas textuais e Classificação Hierárquica Descendente.....	104
4.2.2	Classe 1 – “Situações adversas em jogo”	105
4.2.3	Classe 2 – “Descrença”	105

4.2.4	Classe 3 – “Críticas externas”	106
4.2.5	Classe 4 – “Conflitos intraequipe”	107
4.2.6	Classe 5 - “Falta de (auto)confiança”	107
4.2.7	Classe 6 - “Resiliência do grupo”	108
4.3	Nuvem de palavras e análise de similitude	109
4.4	Discussão dos resultados	111
	CONCLUSÃO	118
	REFERÊNCIAS	120
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	132
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	137
	APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)	139
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	146
	APÊNDICE D – ENTREVISTAS TRANSCRITAS	147

PREFÁCIO

Quando iniciei minha trajetória profissional na Psicologia do Esporte na década de 1980, jamais poderia pensar no rumo que tudo iria tomar até os dias de hoje. Nunca imaginei sequer ser psicólogo do esporte, muito menos que eu estaria atualmente, trinta anos depois, militando nessa área e vendo que tudo que lá atrás foi plantado ainda germina.

Mais precisamente em 1986 no último semestre da faculdade de Psicologia, cheguei ao Clube de Regatas Vasco da Gama, levado pela minha professora de psicologia escolar, Cláudia Bello, e lá iniciamos uma agenda de trabalho que mais tarde seria nossa porta de entrada no clube para fundar o Serviço de Psicologia do Esporte do Vasco da Gama, instituição a qual agradeço muito por nos ter aberto as portas.

Nosso conhecimento naquele momento era somente a existência de uma assistente social na instituição e que, por essa via, poderíamos conhecer um pouco mais sobre os atletas e suas demandas. Não tínhamos local certo para receber os atletas para atendimento e usávamos, muitas vezes, as arquibancadas do estádio de São Januário. Já ali eu estreitava um laço de amizade com a pessoa que teria presença marcante na minha trajetória. O nome dela é Maria Helena Rodriguez, amiga e companheira de muitos apertos, acertos, erros, investidas e fundamental na concretização de um trabalho neste clube que dura até os dias de hoje. Só no Vasco da Gama, Maria Helena, essa minha irmã, passou 30 anos de sua vida.

Não sabíamos muito sobre a metodologia a ser utilizada, uma vez que os estudos em Psicologia do Esporte, em língua portuguesa, eram de difícil acesso. De pronto, nos agarramos num instrumento muito conhecido pelos psicólogos: uma anamnese. Foi com base nela que começamos a construir um questionário que dar-nos-ia um norte de como chegar um pouco mais fundo na história de vida daqueles garotos, muitos deles com medo de responder algo que não fosse bom ou coisa que o valha. Para eles, naquele momento, psicólogo era coisa para maluco. Então, na sua acepção, tudo que dissessem poderia depor contra eles, uma vez que poderíamos passar tudo ao treinador, preparador físico, diretor etc.

Percebemos ali a enorme necessidade de informá-los sobre o que de fato faz um psicólogo do esporte. A partir desse momento, já tínhamos uma ideia do que fazer para que os atletas nos conhecessem melhor, passei boa parte do tempo trabalhando nesse sentido e cada vez mais fomos conquistando sua confiança com nossa intervenção. Mas, as coisas não seriam tão simples assim como poderíamos imaginar: a psicologia ainda era vista da perspectiva da patologia e da doença. Explico. Quando um atleta apresentava um problema de comportamento, era comum que os dirigentes encaminhassem a demanda para os psicólogos como se

estivéssemos em uma escola, ou seja, éramos vistos como alguém que pudesse consertar aquele menino que fez algo de errado.

Foi uma luta muito grande para que pudéssemos nos desvincular dessa imagem, pois, caso contrário, estaria jogada por terra toda e qualquer confiança que o atleta pudesse nos depositar. Não somos um elo disciplinar entre a Diretoria do clube e a Comissão técnica. Fosse isso, jamais poderíamos ter acesso ao grupo de jogadores em que também começávamos a notar uma grande demanda de trabalho no sentido da compreensão da definição de grupo. Naquele instante, ainda éramos vistos como os profissionais que iriam tratar um atleta rebelde. Com o tempo, fomos encontrando nosso lugar e nos firmando como mais um membro da Comissão técnica que poderia contribuir para a excelência da performance de cada jogador e do grupo.

Nosso espaço foi crescendo e no Vasco da Gama permaneci até o ano de 1990, quando me transferi para o Clube de Regatas do Flamengo, onde permaneci ininterruptamente até o ano de 2011, ou seja, 21 anos de trabalho árduo nessa instituição que me fez o profissional que hoje sou. São 32 anos de trabalho na Psicologia do Esporte. Nesse período, construí uma metodologia especial para o futebol, pois aprendi muito e modifiquei vários de meus conceitos e também a minha abordagem teórica dentro da Psicologia. Saio da universidade em 1987, completamente imbuído dos estudos de Lacan e dou início na letra freudiana, instituição psicanalítica, minha formação enquanto terapeuta, e por lá permaneci por 3 anos consecutivos.

Por volta dos anos 1990 percebo que, no esporte, a psicanálise tal como se apresentava a mim, era impossível de ser introduzida como prática terapêutica no meu dia a dia, em face da urgência que o esporte exigia no que se referia à performance de um atleta. Sigo um longo período sem encontrar, de fato, uma abordagem teórica específica que pudesse auxiliar no trato com atletas de forma mais dinâmica e efetiva, até que em meados de 2005, começo a me interessar pela abordagem cognitivo-comportamental e, de fato, foi onde encontrei a maioria das respostas de que precisava para melhorar e otimizar meu trabalho com os atletas.

Nesse tempo todo, também fui conselheiro efetivo do Conselho Regional de Psicologia, no Rio de Janeiro (CRP-05), e conseguimos formar a comissão de Psicologia do Esporte da qual fui presidente e, de lá, enviamos vários ofícios para universidades do nosso Estado a fim de sensibilizá-las para a importância da disciplina de Psicologia do Esporte no currículo da graduação. Hoje, grande parte das universidades do Rio de Janeiro tem em sua grade curricular a oferta dessa disciplina.

Foi atuando como conselheiro que, no ano de 2001, o CRP-05 começou a reconhecer a Psicologia do Esporte como uma especialidade da Psicologia, evento que culminaria no reconhecimento nacional da área de especialidade no ano seguinte.

Dessa forma, procuro aqui demonstrar uma pequena parte da minha trajetória até o presente projeto de Mestrado, porque esse plano não nasceu com meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, embora tenha demorado um pouco para sair da minha mente. Em verdade, foi por meio do meu trabalho de todos esses anos que consegui reunir a maioria das questões aqui presentes e que, em minha opinião, afetam consideravelmente a performance de um atleta.

Uma área foi divisora de águas na minha vida profissional e acadêmica: a neurociência. Pelos idos de 2004/2005, recebi um estagiário para me auxiliar no Clube de Regatas do Flamengo, onde eu era o Supervisor do Serviço de Psicologia do Esporte, e, para minha surpresa, ele era um estudante voltado para medidas em Psicologia, área que eu conhecia pouco e, confesso, não me interessava tanto. Ele começou a me mostrar um universo que eu ainda não tinha acesso, mas que desejava muito aprender. Ele criou no meu Departamento um trabalho voltado para o tempo de reação em goleiros e apresentou o resultado em forma de vídeo. Eu fiquei embevecido com tudo aquilo. Eu só tinha uma preocupação: não deixar de ser Psicólogo do Esporte, sempre dizia isso a ele. Expressava que não podíamos perder o contato afetivo com o atleta, e ele sempre procurava me tranquilizar quanto a isso.

Nesse momento, comecei a ter os primeiros contatos com algo que fazia muito sentido para mim: o cérebro e sua relação com o comportamento. Passei a entender as diferenças entre emoção como comportamento biológico e a percepção subjetiva do sentimento. Esse estagiário fez a diferença em minha vida e consegui contratá-lo assim que terminou sua graduação. O nome dele é Erick Conde. Hoje, Doutor em Neurociência e professor da Universidade Federal Fluminense.

Recebo, junto da contratação do Erick, dois anos depois de sua chegada, mais um estagiário para auxiliá-lo na implantação do Serviço de Neurociência de nosso Clube. O novo estudante de psicologia se revelou uma pessoa muito interessada em tudo que se relacionava à neurociência. Assim, eu e Erick estávamos com as pessoas certas no lugar certo para medir os resultados dos trabalhos desenvolvidos. Esse novo estagiário iniciou o Setor de Pesquisa e Iniciação Científica do Serviço de Psicologia do Flamengo. O nome dele é Alberto Filgueiras, hoje Doutor em Neurociências e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Tive muita sorte de ter essas pessoas comigo e de ter contribuído de certa forma com a formação deles, e para o sucesso que têm hoje. Ao meu lado também no Clube, tive duas guerreiras da Psicologia do Esporte. A primeira, Adriana Lacerda, hoje doutoranda em neurociência pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professora da Universidade Veiga de Almeida na disciplina de Psicologia e Esporte, desde sempre comigo,

nos melhores e nos piores momentos de nossa trajetória. Juntos construímos uma amizade e uma parceria que dura até hoje e, a ela sou muito grato por tudo isso. A segunda, também contratada por mim no Flamengo, Daniele Muniz, hoje Mestre em Psicologia Social e professora do Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação do Rio de Janeiro, da mesma forma brilhando no atendimento clínico a atletas em seu consultório e na construção da neuropsicologia para atletas.

Existe uma razão para eu apresentar meu percurso profissional e acadêmico neste projeto: mostrar que ele faz parte de uma história de vida e de contribuição para o engrandecimento da Psicologia do Esporte, o que faço também hoje como docente na Universidade Veiga de Almeida em três disciplinas, entre elas a Psicologia do Esporte. Somente alguns momentos dessa trajetória foram citados nessa breve apresentação. Eu levaria muito mais tempo, e mais páginas, para declarar meu amor por essa área, mas isso meu projeto de pesquisa vai demonstrar.

Desde que me deparei com os atletas pela primeira vez, senti a necessidade de eles compreenderem a importância do manejo das emoções tanto do ponto de vista individual quanto de grupo. Não se trata tão somente apenas saber controlar os níveis de ansiedade ou medo percebidos, mas sim de experimentar de forma positiva as emoções que subjazem ao processo competitivo esportivo.

A alegria de fazer um gol e a tristeza de sofrer um, a ansiedade de se ver frente a frente com o goleiro e a displicência de chutar a bola para o gol vazio, a raiva quando se erra e a felicidade de quando se faz um bom jogo. Todos esses aspectos emocionais são importantes e devem ser plenamente vividos de maneira congruente com a situação a fim de levar o atleta à sua melhor performance. Importa muito para ele construir uma jornada emocional que lhe permita a excelência. Porém, não me dei por satisfeito e, do alto dos meus 56 anos de idade resolvi passar pelo processo seletivo do doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Essa minha inquietude me levou a querer compreender mais e mais sobre as emoções dos(as) atletas, desta vez dentro dos grupos. Em uma de minhas aulas no doutorado, me matriculei numa disciplina com a Professora Dra. Edna Ponciano que tinha como temática central a regulação emocional. Ela separou um texto para cada aluno apresentar durante o semestre e, para mim, ela entregou um texto que falava sobre as causas do colapso em equipes de esportes coletivos. Bingo! Era a cereja do bolo que me faltava e, olha que não era esse exatamente o tema de minha pesquisa nessa pós-graduação e resolvi mudar tudo. Vivi isso ao longo dos meus 34 anos de experiência no futebol e nunca havia dirigido minha atenção para

esse fascinante estudo dos grupos no que se refere ao contágio emocional positivo ou negativo. Eu sabia que existia algo relacionado a isso em virtude dos inúmeros grupos com os quais trabalhei, porém só me dei conta de esse fenômeno poderia ser objeto de mais estudo durante essa disciplina. Daí a importância de aliar a nossa prática à vida acadêmica ou vice-versa e seu fascinante e inesgotável universo de aprendizado.

Dessa forma chego a esse momento da minha vida, hoje aos 58 anos, entendendo que preciso aprender cada vez mais e, todas essas pessoas citadas no início desse texto me foram muito caras no sentido de me aperfeiçoar e assim contribuir para o crescimento da Psicologia do Esporte no nosso país. Sou eternamente grato a elas por terem passado pela minha vida e deixado marcas inesquecíveis. A você Alberto Filgueiras, meu orientador, deixo aqui registrada toda minha gratidão. Você representa cada uma dessas pessoas das quais falei.

INTRODUÇÃO

A palavra grupo possui uma série de definições, podendo ser entendida como uma reunião de pessoas ou de objetos, um agregado organizado de indivíduos, um conjunto sistemático e constante de relações, uma comunidade de interesse ou objetivos ou um aglomerado casual e momentâneo de pessoas, entre outras tantas definições (ÁVILA, 1999). Ao se pensar em um indivíduo somos remetidos imediatamente à ideia de sociedade, visto que é o grupo onde estamos inseridos, sendo este responsável por lhe dar o referencial e sentido para seu comportamento.

É em grupo que o indivíduo tem sua personalidade formada, visto que é nele que se percebe como ser humano e passa a agir de forma pautada e reconhecida pelos outros, compartilha da vida de seus semelhantes e que é igual aos outros, apesar de ser único (ÁVILA, 2007). Assim, analisar grupos é fazer ressaltar as estruturas determinantes dos acontecimentos interindividuais. Estas estruturas são de natureza tanto psíquica quanto social e é preciso fazer emergir os condicionantes do comportamento, decifrando sua origem e seus efeitos para que nova orientação possa ser assumida pelos grupos. É preciso descobrir aquilo que organiza os grupos para que estes possam se auto-organizar. Para isso se propõem as análises psicológica e institucional de seu funcionamento.

Por estrutura entende-se, com base em Pereira (2013), a *totalidade* do grupo e a forma como esta totalidade interfere em cada uma de suas partes. A totalidade do grupo é o número total de *relações* que ocorrem no grupo, relações entre pessoas, entre processos, entre funções, etc. As partes da totalidade grupo são os fatos, causas ou processos tomados isoladamente.

O grupo dá a seus participantes uma condição de pertencer. Podemos então comparar a identidade grupal com a figura de uma célula, envolta, protegida, delimitada e configurada por sua “membrana”. As tarefas, objetivos e projetos grupais também se realizam nos planos consciente e inconsciente (ÁVILA, 1999). Além disso, apresentam uma importância muito grande, do ponto de vista psicológico, pois constituem-se em rede de sustentação para as individualidades. Pode-se dizer que o Grupo é a matriz da Identidade e que o verdadeiro *habitat* do indivíduo são os outros indivíduos (PEREIRA, 2013).

Na prática de esporte tem-se o desencadeamento de emoções intensas, emoções estas que podem vir a prejudicar ou ajudar a ação esportiva, sendo assim, é importante que haja uma regulação nos níveis de emoções dos(as) atletas evitando perda de seu desempenho desportivo. Dessa forma, pode-se dizer que o esporte possui a necessidade de uma psicologia voltada para a regulação das emoções dos(as) atletas, não com o intuito de uma análise clínica, mas sim

voltada para o seu desempenho em valências como concentração, preparação psicológica, motivação, atenção, enfim, trabalhar sempre no sentido de tornar o comportamento emocional funcional ao(à) atleta melhorando assim o seu desempenho.

No caso deste estudo foca-se nos grupos formados pelo esporte, mais especificamente do futebol profissional, considerando o colapso de desempenho dentro dessas equipes. Sobre o assunto, Apitzsch (2019) elucida que colapso de desempenho tem sido cada vez mais relatado por pesquisadores no cenário de esportes coletivos. Em sua pesquisa com jogadores de futebol profissional, Apitzsch (2019) afirma que o colapso de desempenho ocorre quando a maioria dos jogadores de uma equipe de repente tem um desempenho abaixo do esperado em uma partida, apesar de um início satisfatório ou quando uma equipe tem um desempenho inferior desde o início da partida. Em seus resultados verificou que o colapso de desempenho geralmente é seguido por emoções negativas, que se espalham entre a equipe, resultando em contágio emocional. A partir disso verifica-se a importância de um olhar da psicologia do esporte com vistas a melhor compreender os fatores envolvidos na ocorrência de colapso de desempenho em equipes de futebol profissional considerando a influência do contágio emocional.

Salienta-se que a psicologia e o esporte começaram a se relacionar em torno do final do século XIX após alguns estudiosos e estudiosas apontarem os efeitos dos aspectos psicofisiológicos sobre as atividades físicas e esportivas, fazendo surgir o que se chama hoje de Psicologia do Esporte. O manejo das emoções no esporte é uma temática explorada por diversas frentes. Contudo, de modo geral, o que parece ressaltar aos olhos do público leigo e dos pesquisadores e pesquisadoras é a ansiedade e suas consequências na performance de atletas (CARSON; COLLINS, 2016).

De fato, desde a teoria do U invertido de Yerkes-Dodson, os profissionais de psicologia do esporte acreditam que existe um nível ótimo de ansiedade que gera o melhor nível de desempenho, ansiedade de menos gera displicência, ansiedade demais leva à rigidez muscular e cognitiva (BARRETO, 2010). A ansiedade é somente uma das emoções que podem fazer a diferença no(a) atleta ou no grupo de atletas.

A psicologia do esporte, contudo, historicamente vem negligenciando outras emoções, tais como medo, raiva, melancolia, felicidade e prazer (LABORDE; DOSSEVILLE; ALLEN, 2015). Contudo, vivenciar integralmente cada aspecto emocional do esporte, como a alegria da vitória e a tristeza da derrota, pode ser essencial para o sucesso do(a) atleta (FILGUEIRAS, 2016; MEIRIZAL, 2014). De fato, há evidências de que o uso das emoções positivas como

alegria e felicidade podem ajudar no desempenho esportivo de atletas de modalidades individuais ou mesmo de equipes.

Em pesquisa realizada com atletas de elite, o professor Alberto Filgueiras (2016) demonstrou que a prática de imagens mentais de situações vitoriosas como vencer um campeonato ou sentir o peso da medalha no peito afeta positivamente a motivação do(a) desportista em seu treino diário, que, por conseguinte, tende a aumentar o desempenho dos(as) atletas em competições. Achados semelhantes foram encontrados por Meirizal (2014) ao apresentar dados que apontam para maior motivação e melhora do desempenho de atletas após uma vitória em detrimento a uma derrota.

O objetivo fundamental da psicologia do esporte consiste em abordar os fatores psicológicos e suas interferências nas ações de exercícios físicos e na prática esportiva de modo geral (FILGUEIRAS, 2013), uma vez que, conforme apontado por Filgueiras (2017), a relação entre os fatores físicos e psicológicos é contemplada como indissociável na área esportiva, de modo que se faz indispensável dar ênfase para os fatores cognitivos, motivacionais e emocionais que exercem direta ou indiretamente qualquer influência no nível do rendimento esportivo.

O trabalho desempenhado pelos psicólogos e psicólogas do esporte consiste em abordar o autoconhecimento do(a) atleta em relação aos seus processos mentais e emocionais, com o intuito de promover o alcance de uma melhor performance física, de modo que esse profissional atuante na área esportiva busque o desenvolvimento de uma maior percepção do(a) atleta quanto à percepção de seu corpo e de sua mente, nos termos elucidados por Damásio (1996), o qual sugere que não existe tal dualismo. Essa hipótese inicial dá indícios de que os resultados proporcionados por essa “tomada de consciência” podem contribuir de modo significativo ao aumento da concentração durante práticas esportivas, diminuição do estresse psicológico e emocional, otimização da memória, celeridade de raciocínio e atenção, dentre outros benefícios.

No esporte coletivo a coesão de grupo é essencial, haja vista as inúmeras modalidades que trabalham com equipes, sendo o desenvolvimento do espírito de equipe um fator preponderante para sucesso do trabalho e um esforço coordenado da equipe, assim, os integrantes devem estar em sintonia (BECKER JR.; SAMULSKI, 2002). Dessa forma, é papel do(a) profissional de psicologia do esporte, entender as vias de obtenção de informações e de influências psicológicas a serem trabalhadas em cada situação e como determinadas emoções podem ser determinantes na forma de contagiar elementos do grupo de trabalho.

O trato com grupos requer uma boa experiência por parte dos psicólogos e psicólogas, pois muitas são as nuances ou mesmo armadilhas que se apresentam como desafios grandiosos

na administração desse coletivo. Esse(a) profissional que atua nessa área possui inúmeras tarefas a cumprir, tais como: o diagnóstico, o tratamento, o assessoramento individual, questões educacionais, bem como, questões preventivas dentro da comunidade esportiva sendo de suma importância que o(a) atleta seja bem preparado(a) do ponto de vista mental para que tenha o melhor de seu desempenho.

Dentre as questões a serem trabalhadas no viés psicológico em esportes de grupo está o contágio emocional, verificando-se uma escassez de pesquisas relacionadas ao assunto, poucos foram os autores e as autoras brasileiros que dedicaram-se ao estudo do contágio emocional em esportes de grupo. Esse trabalho pretendeu contribuir para preenchimento dessa lacuna, partindo do pressuposto que o contágio emocional é fator fundamental para o sucesso ou fracasso de uma equipe esportiva.

De acordo com Goleman (2014), as emoções são contagiosas dentro de um grupo. Em sua pesquisa realizada com 56 líderes de equipes de trabalho que foram manipulados para estar de bom ou mau humor a fim de analisar o impacto emocional que produziriam em seus grupos de trabalho, evidenciou que os(as) líderes que estavam bem-humorados(as) melhor conduziram suas equipes, com os membros fazendo mais com menos esforço, enquanto as equipes lideradas por mal-humorados(as) tornaram-se ineficientes, além de demonstrarem pânico e ansiedade em agradar seus(suas) liderados, o que fez com que tomassem decisões equivocadas e adotassem estratégias erradas.

O campo da Psicologia Cognitiva, de tal forma, vem elucidando importantes questões para a Psicologia do Esporte, sendo um dos mais recentes ramos de investigação do segmento psicológico, passando a ser desenvolvido como uma área própria dentre o fim da década de 1950 e início da década de 1960 (EYSENCK; KEANE, 2007). Na segunda metade do século XIX, as funções da mente humana deixaram de ser tão somente objeto de ensaio do campo da Filosofia, tornando-se objeto legítimo das investigações científicas (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

De tal modo, a Psicologia Cognitiva se legitimou como uma área do conhecimento que produz saberes acerca das capacidades dos indivíduos humanos em aprender, perceber, memorizar, lembrar e pensar sobre determinadas situações da vida, contribuindo de modo significativo para a atuação de um(a) atleta profissional em seu grupo de trabalho e para a pessoa que pratica atividade física de qualquer natureza (FILGUEIRAS, 2010). O psicólogo ou psicóloga cognitivo, nesse sentido, deve sempre considerar as possíveis ligações entre a complexidade do comportamento humano e suas manifestações emocionais e a variedade de nuances que o compõe.

Conforme apontado por Gazzaniga e Heatherton (2010), a Psicologia Cognitiva na contemporaneidade visa uma abordagem ampla das referidas “ciências cognitivas”, dando ênfase, dentre outros aspectos, para a relação entre os processos cognitivos e o comportamento humano. Dentro desse contexto, observa-se uma grande contribuição desse campo do conhecimento à Psicologia do Esporte, sobretudo no que envolve a memória, a linguagem, a atenção (FILGUEIRAS, 2010; FILGUEIRAS, 2013), bem como do impacto na performance dos(as) atletas (VESTBERG et al., 2017).

Atualmente, a Psicologia Cognitiva vem se concentrando em uma abordagem de perspectiva evolucionista, sugerindo que todos os processos mentais dos seres humanos se desenvolvam para que tais indivíduos possam interagir melhor com o ambiente com o qual eles se relacionam (PINKER, 2015; OLIVA: 2016). Nesse ponto já podemos pensar acerca das relações que são estabelecidas dentro de um grupo esportivo e suas consequências quando não bem estruturadas. São os sentidos humanos que medeiam o indivíduo e o ambiente que o cerca, de modo que estudar os processos perceptivos e sensoriais é de demasiada importância para aprofundar conhecimentos acerca do fértil campo de estudo da mente humana, até mesmo para os(as) praticantes de esporte e de atividades físicas (FILGUEIRAS, 2013). Tal abordagem, entretanto, deve ser realizada de modo minucioso, sempre considerando os conhecimentos já produzidos nesse sentido e no seu devido nível de complexidade.

Dentro desse contexto, um fator que deve sempre ser considerado é o papel desempenhado pelas emoções humanas no processo de tomada de decisão. Embora as emoções humanas sejam costumeiramente confundidas com os sentimentos, entretanto, Damásio (1996) nos ensina que o sentimento seria o processo de construção de uma emoção, de modo que essa maquinaria cognitiva e neurológica está subjacente ao processo decisório e à capacidade de resolver problemas. De tal modo, as decisões devem sempre ser estruturadas com base na elaboração de planos de ação dos indivíduos estejam eles em grupo ou não, ou em uma sequência de respostas adequadas, de modo selecionado e esquematizado (FILGUEIRAS, 2010; VESTBERG et al., 2017).

Conforme apontado por Diamond (2013) no âmbito da neuropsicologia, a resolução de problemas diz respeito a fenômenos intimamente atrelados à flexibilidade cognitiva e ao processo decisório. Independentemente da modalidade esportiva na qual atuam, de tal modo, os(as) atletas precisam ter celeridade e capacidade de processamento para decidirem de modo imediato a melhor estratégia e ação a ser tomada durante a prática esportiva, o que indica que o manejo adequado dos aspectos emocionais dos(as) atletas no momento da tomada de decisão é balizador do seu comportamento e da sua performance, assim como com relação às

consequências dele (DAMÁSIO, 1996; FILGUEIRAS, 2010; PINKER, 2015; VESTBERG et al., 2017).

De acordo com Mennin e Fresco (2009), os processos emocionais nos seres humanos (tristeza, medo, ansiedade etc.) impactam diariamente em seu sistema motivacional, de modo que tais emoções (sobretudo as negativas) devem ser devidamente administradas para que os indivíduos alcancem seus objetivos também no que se refere a grupos.

Segundo Brandão e Rebutini (2008), a prática esportiva no âmbito do alto rendimento parte sempre de uma busca incessante a um determinado objetivo, implicando na rivalidade e no confronto com outros(as) atletas ou entre equipes. São atletas que buscam o melhor resultado, as marcas pessoais, o alcance de recordes ou a superação de um adversário em nível individual ou coletivo, o que proporciona uma série de estados emocionais distintos nos(as) atletas, com níveis elevados de tensão. Por conta disso, podemos também levar em consideração a existência desses comportamentos dentro da mesma equipe, visto que, individualmente, os(as) atletas também clamam por bater recordes e marcas.

Dias et al. (2010) apontam que a competitividade é um dos principais fatores psicológicos contemplados na prática de esportes em âmbito profissional, visto que muito é exigido dos(as) atletas pelo público e pelos treinadores e treinadoras, além de uma grande cobrança dos(as) próprios(as) atletas em função de seu desempenho, o que proporciona um grande nível de estresse e de emoções como o medo de perder ou a tristeza por não alcançar o resultado ou desempenho desejado. Talvez aí o contágio emocional deva ser objeto de estudo de suma importância para aqueles(as) que, direta ou indiretamente, lidam com equipes esportivas.

Ainda nesse tópico, de acordo com Lazarus (1991), as reações de estresse nos(as) atletas são motivadas pelo excesso de exigências em nível demasiado da atividade desportiva, com base no emprego de recursos pessoais dos quais fazem uso com o intuito de lidar com essa situação complexa. O(a) esportista é sempre colocado(a) de frente com um ambiente pautado pela competitividade, contemplando os processos de avaliação cognitiva responsáveis pela interpretação das situações e como serão administradas pelo(a) próprio(a) atleta.

Importante mencionar que de acordo com Wergin et al. (2018), colapso grupal coletivo é o momento ou processo quando a *performance* de um time decai além do normal e de maneira inesperada. Trata-se de uma situação em que o time experimenta um colapso significativo durante uma competição (um processo, uma construção) ou jogo. É o momento ou processo em que mais nada funciona em termos de ações centradas no trabalho planejado.

É sabido por parte daqueles(as) que militam nos ambientes esportivos, que são inúmeras as situações que podem levar uma equipe de esporte coletivo a um colapso no desempenho, dentre elas podemos destacar: a influência da personalidade do treinador ou treinadora, do preparador ou preparadora físico, as características individuais dos(as) atletas envolvidos, a incapacidade de gestão de determinados(as) dirigentes, falta de uma política clara de premiações, atrasos salariais (que são muito recorrentes), dificuldades financeiras dos clubes, a troca constante de comando técnico, ausência de confiança de maneira geral, em si e nos outros, falta de harmonia entre todos os profissionais, lesões constantes, falta de compromisso de alguns de seus membros, interesses individuais mais presentes em detrimento ao coletivo, estresse, ansiedade, falta de resultados positivos, redes sociais e mídias de um modo geral e outras tantas que podemos aqui elencar (WERGIN et al., 2018).

Aquino (2002), em sua obra *Uma paixão Nacional*, afirma que articular sobre o futebol não é uma tarefa fácil, pois esse assunto possui diversas vertentes que podem ser tematizadas e discutidas. O futebol, esporte coletivo que pressupunha companheirismo e disciplina é considerado neste estudo em relação ao colapso de desempenho em decorrência do contágio emocional entre os atletas.

Na análise das necessidades, vividas e existentes, o papel do profissional de psicologia, em termos de se apropriar das informações, das dinâmicas presenciadas e partilhadas e do contexto comunitário delineado, tem fundamental e decisiva importância. Verardi et al. (2014) elucidam que quando se trata de jogadores e jogadoras de futebol, seu desempenho está diretamente relacionado à gestão de suas emoções, aqueles(as) que apresentam melhor desempenho são aqueles(as) que melhor lidam com situações estressantes, com a síndrome de Burnout se configurando como um dos limitadores do desempenho desses(as) atletas. Nesse sentido, os autores citam que o *coping*, ou seja, a forma de enfrentamento utilizada pelo(a) atleta para lidar com demandas internas, incide diretamente em seus resultados.

Os fatores que influenciam na performance de jogadores e jogadoras de futebol, também foram analisados na pesquisa de Corrêa et al. (2002), que mencionaram fatores psicológicos, físicos, técnicos e táticos e de suporte social oferecido a esses profissionais. De acordo com os autores, “em toda ação, presente em um jogo de futebol, existe um envolvimento psíquico, sendo esse consciente ou não, mas a qualidade desse envolvimento terá fundamental importância no resultado da ação” (CORRÊA et al., 2002, p. 448). Os autores ainda complementam que “dividir uma bola com um adversário desperta no atleta sentimentos de posse, de levar vantagem, de triunfo, de competição” (CORRÊA et al., 2002, p. 448). Nesse

sentido, os jogadores e jogadoras de futebol estão em constante interação em grupo, o que pressupõe o contágio emocional entre eles(as).

Nesse sentido, o presente estudo visou contribuir para o preenchimento da lacuna de pesquisas sobre o assunto, enfocando em equipes de esportes de grupo, no caso aqui o futebol profissional e o colapso de desempenho ocasionado pelo contágio emocional entre seus membros. Pode-se dizer, assim, que o estudo possui relevância social por envolver a prática esportiva e acadêmica na tentativa de contribuir com mais trabalhos de pesquisa sobre o tema e, mais ainda, pela relevância no aspecto profissional por trazer subsídios para que psicólogos e psicólogas, líderes de equipes em esportes de grupos e outros profissionais interessados possam melhor compreender sobre o impacto do contágio emocional no desempenho de uma equipe.

Com isso, o presente estudo tem como objetivo geral investigar o colapso de desempenho em equipes de futebol profissional considerando a influência do contágio emocional. De forma específica se busca: identificar a relação entre o contágio emocional pelo perfil do atleta, considerando o ambiente em que está inserido; verificar a influência do colapso de desempenho nas partidas seguintes, considerando o impacto da emoção individual no clima gerado na equipe, sob a perspectiva do contágio emocional e sua influência no colapso do desempenho; e pesquisar as causas do colapso de equipes de esporte de grupo por conta do contágio emocional negativo.

Como metodologia foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória com análise de conteúdo (discurso) envolvendo 16 atletas de Futebol profissional do gênero masculino de 4 grandes clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro na faixa etária entre 18 e 26 anos, com a coleta de dados a partir de uma entrevista semiestruturada, considerando uma perspectiva narrativa autobiográfica. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e aprovado sob o n. 5.672.864 (ANEXO A).

Para melhor entendimento deste estudo, esta tese foi estruturada em seis capítulos, sendo que o primeiro consiste nesta introdução que apresenta, problematiza e justifica a pesquisa realizada, além de apresentar os objetivos almejados no decorrer do trabalho.

No segundo capítulo iniciou-se a abordagem teórica do estudo, considerando a Psicologia do Esporte a partir de uma visão sistêmica sobre o fenômeno esportivo. Trata-se o assunto, sob o viés do esporte coletivo, considerando as experiências emocionais que envolvem a prática esportiva.

Ainda em abordagem teórica, o terceiro capítulo traz um estudo sobre as emoções no ambiente esportivo. Inicia-se com uma contextualização das emoções, abordando-a à luz da

neurobiologia, bem como considerando o comportamento emocional e os esquemas cognitivos. A empatia também é abordada durante o capítulo, com vistas a trazer um melhor conhecimento sobre o processo que pode gerar o contágio emocional, tratando, assim, temas que precisam ser compreendidas nesse processo. Assim, logo após faz-se um estudo sobre o contágio emocional e o papel dos neurônios-espelho para que venha a ocorrer.

Ainda no terceiro capítulo abordou-se o trabalho em equipe e as perspectivas em grupo, considerando a abordagem de Pichon-Riviere, Bión e o contágio emocional como fonte de colapso de desempenho. Por fim, estuda-se a inteligência emocional, tratando mais especificamente as estratégias de regulação emocional individual e de grupos e a inteligência emocional para o esporte.

O quarto capítulo descreve a metodologia utilizada para desenvolvimento da pesquisa realizada. Inicia-se com uma caracterização da pesquisa, descrevendo o tipo de estudo realizado. Em seguida são apresentados os sujeitos que participaram do estudo realizado. O processo de coleta dos dados é apresentado em seguida, trazendo a abordagem realizada junto aos jogadores que participaram desta pesquisa. Os aspectos éticos também são descritos neste capítulo, que é finalizado com a caracterização do processo de análise dos dados, que foi baseado em uma análise de conteúdo.

Já no quinto capítulo são analisados os resultados encontrados a partir do levantamento dos dados realizado junto aos jogadores, buscando discuti-los com base na literatura publicada sobre o assunto, considerando a categorização dos resultados realizada a partir da análise de conteúdo, as quais: ambiente (clube e grupo), influência na próxima partida e fatores que contribuíram para o colapso de desempenho (resultado ruim, pressão por resultado, confiança no companheiro, desconcentração e apagão). A tese é finalizada com a conclusão que se chegou ao final do estudo realizado que é apresentada no sexto capítulo.

1 PSICOLOGIA DO ESPORTE E A VISÃO SISTÊMICA SOBRE O FENÔMENO ESPORTIVO

1.1 Psicologia do esporte

O esporte apresenta dentro da relação social, de acordo com Tubino (1992) certos conceitos de manifestações esportivas, o primeiro é o esporte como instituição social (não deve ser analisado fora de suas dimensões sociais, pois seria uma veia reducionista); o segundo é o esporte educação (percepção como ramo no esporte performance, perde o sentido educativo, reproduzindo competições que deformam o conceito de educação); o terceiro é o esporte participação (prazer lúdico tem por finalidade o bem estar social dos seus praticantes); e por último o esporte performance (grande relevância social, por ser atividade cultural, fortalecimento da sociedade, causa uma indústria do esporte).

O esporte na relevância social e sua complexidade envolve não só fatores do desenvolvimento econômico, político e social, mas também o fator ser humano, aspirando uma melhor qualidade de vida enquanto cidadãos. Porém, é preciso ter um aprofundamento no conceito do esporte, visando suas fundamentações comprometidas com a educação, a participação e a performance, baseado em diretrizes socioculturais na metodologia, nos métodos e avaliações, não só dos participantes diretos, mas também dos participantes indiretos, proporcionando assim, oportunidades de uma melhoria de vida e convivência humana. (FREIRE, 1997).

O esporte tornou-se um fenômeno social, nos últimos anos assiste-se a uma mudança radical, a ponto de uma simples comparação entre o seu passado recente e o seu presente poder criar a ilusão de que se está diante de dois fenômenos distintos. Mas, não, a sociedade encontra-se diante de um mesmo fenômeno, que como todos os fenômenos sociais, é historicamente condicionado e culturalmente determinado (COUTO, 2000).

O conceito de esporte, atualmente, transcende as especificações das atividades formais, regulamentadas e reconhecidas através de suas competições oficiais. O esporte está inserido na multiplicidade das ações, seja nos jogos informais do final de semana, ou na ginástica das academias, ou nas caminhadas ecológicas, ou nas danças de salão da terceira idade, ou das brincadeiras nas praças públicas. O esporte tem espaço para receber todas as pessoas, sem limites etários ou sociais, com objetivos de alto rendimento ou não, atuando com pessoas normais dentro dos conceitos de saúde, ou com necessidades especiais. (COUTO, 2000).

O esporte é, portanto, o conteúdo da educação física, que ela em sua pluralidade de sentidos, pode manifestar-se na escola, nos clubes, nas academias, nas ruas, e em qualquer ambiente da sociedade, sendo reconhecido como promotor da saúde, da formação e da educação humana. Sua representatividade, conforme Couto (2000), pode se dar formalmente, como transmissão de conhecimentos sistematizados, e regras pré-definidas, ou ainda, informalmente, como bem cultural e prazer de quem o pratica.

A Psicologia do esporte visa auxiliar tanto aos técnicos quanto aos atletas em suas dificuldades psicológicas e sociais, ajudando-os emocionalmente, evitando a insegurança, promovendo a autoconfiança de modo que eles tenham o melhor rendimento durante uma competição. Além disso, envolve o cuidado da pessoa que pratica atividade física, independentemente da faixa etária ou da modalidade esportiva (CARVALHO, 2019).

Acredita-se que a Psicologia do Esporte deve envolver aspectos como: preparação psicológica, concentração, motivação, coesão de grupo, ansiedade, dentre outros. Em relação à preparação psicológica, de acordo com Bouet (1988), deve ser bem programada e bem administrada para que se possa conseguir o nível motivacional, a confiança, o equilíbrio emocional, fazendo com que o atleta consiga transpor barreiras emocionais.

Nitsch (1985, p. 14) elucida que “o objetivo e a meta do treinamento psicológico é a modificação dos processos e estados psíquicos (percepção, pensamento, motivação), ou seja, as bases psíquicas da regulação do movimento. Essa ajuda será alcançada com a ajuda de procedimentos psicológicos”.

Quanto à concentração, Rúbio (2000) destaca que se a concentração for bem treinada haverá melhoria na capacidade de focalizar a atenção em um ponto específico do campo da percepção, focalizando estímulos relevantes do ambiente, mantendo o foco ao longo do evento esportivo. Falando-se de motivação sabe-se o quanto ela é importante para o ser humano, seja no ambiente de trabalho, seja nos estudos, enfim, no esporte não é diferente para conquistar vitórias é essencial que o atleta esteja motivado. Segundo Harter (1978), a falta de motivação pode conduzir o indivíduo ao aumento da tensão emocional, problemas disciplinares, aborrecimento, fadiga e rendimento ineficiente.

No esporte a coesão de grupo é essencial, haja vista as inúmeras modalidades que trabalham com equipes, sendo essencial o desenvolvimento do espírito de equipe e um esforço coordenado da equipe, assim, os integrantes devem estar em sintonia. Para Johnson (2002) quando o indivíduo se sente bem aceito pelo grupo ele tende a explorar com mais segurança e liberdade os obstáculos que surgirem, passando a assumir riscos, a analisar suas próprias capacidades, tornando-se abertos a aceitarem seus próprios erros e aprenderem com os mesmos.

Quanto à ansiedade ressalta-se que esta pode ter influências tanto positivas quanto negativas nos(as) atletas. Há alguns anos esse fator vem sendo estudado, mas não se chegou a uma resposta definitiva sobre o assunto. De acordo com alguns autores e autoras as vantagens e desvantagens vão depender do grau de ansiedade.

Segundo Fleury (2005, p. 52), “a ansiedade pré-competitiva é um estado emocional que se caracteriza por nervosismo, preocupação e apreensão que pode ser gerado por nossos pensamentos (ansiedade cognitiva) ou por reações fisiológicas (ansiedade somática)”. Assim, se for uma ansiedade leve poderá trazer para o(a) atleta benefícios em sua performance, mas se caracterizar-se por uma tensão emocional poderá vir a prejudicar o desempenho do atleta, sendo essencial, portanto, que se trabalhe esse lado emocional.

Nesse contexto, para desenvolver seu trabalho, o profissional de Psicologia de Esportes deve entender as vias de obtenção de informações e de influências psicológicas a serem trabalhadas em cada situação. O profissional de Psicologia que atua nessa área possui inúmeras tarefas a cumprir, tais como: o tratamento, o assessoramento, questões educacionais, bem como, questões preventivas dentro da comunidade esportiva (CARVALHO, 2019).

É de suma importância que o(a) atleta seja bem preparado psicologicamente para que tenha o melhor desempenho possível. Salienta-se que além de voltar para o desempenho do(a) atleta, não se pode esquecer de mencionar o fato da recuperação de atletas que sofreram algum tipo de lesão, sendo neste ponto fundamental para manter o equilíbrio emocional do indivíduo.

A Psicologia do Esporte busca tratar de pessoas inseridas no esporte, sejam elas os atletas, os dirigentes, seus familiares ou agregados, árbitros e demais integrantes deste macro contexto, exercendo um fluxo de conhecimentos, inter-relacionando os conhecimentos advindos das diferentes ciências e não assumindo apenas uma área. Nesta visão, a Psicologia do Esporte aceita uma visão de homem e as questões de como cuidar dos problemas deste homem, além de se preocupar com onde ele se encontra e como suas características psicológicas podem influenciar o rendimento (MACHADO, 2008, p.102).

Dessa forma, é possível dizer que a atuação do profissional de Psicologia do esporte se volta para a comunidade envolvida no esporte, apesar de o(a) atleta ser seu principal foco, considerando que todos aqueles e aquelas envolvidos, desde treinador(a), comissão técnica até os familiares exercem influência em seus resultados, se preocupando como suas características psicológicas podem influenciar em seu rendimento.

Sobre o assunto, Rúbio (1999) elucida que o profissional de Psicologia do esporte pode atuar em diferentes circuitos neurais, como: esporte de rendimento; esporte escolar; esporte recreativo; e esporte de reabilitação, detalhando sobre essa atuação, a autora explica:

O **esporte de rendimento** que busca a otimização da performance numa estrutura formal e institucionalizada. Nessa estrutura o psicólogo atua analisando e transformando os determinantes psíquicos que interferem no rendimento do atleta e/ou grupo esportivo. O **esporte escolar** que tem por objetivo a formação, norteadas por princípios socioeducativos, preparando seus praticantes para a cidadania e para o lazer. Neste caso, o psicólogo busca compreender e analisar os processos de ensino, educação e socialização inerentes ao esporte e seu reflexo no processo de formação e desenvolvimento da criança, jovem ou adulto praticante. Já o **esporte recreativo** visa o bem-estar para todas as pessoas. É praticado voluntariamente e com conexões com os movimentos de educação permanente e com a saúde. O psicólogo, nesse caso, atua na primeira linha de análise do comportamento recreativo de diferentes faixas etárias, classes - sócio econômicas e atuações profissionais em relação a diferentes motivos, interesses e atitudes. Por fim o **esporte de reabilitação** desenvolve um trabalho voltado para a prevenção e intervenção em pessoas portadoras de algum tipo de lesão decorrente da prática esportiva, ou não, e também com pessoas portadoras de deficiência física e mental (RUBIO, 1999, p. 63, grifo original).

Portanto, o profissional de Psicologia do esporte tem um amplo leque de atuação, sempre considerando a influência dos aspectos psíquicos na prática esportiva, seja com atletas de rendimento, com crianças e adolescentes ou mesmo com pessoas em processo de reabilitação. Samulski (2002) ainda aponta a atuação desse profissional como clínico ou consultor, ambos visando levar o(a) atleta a desenvolver suas capacidades e, conseqüentemente, alcançar excelente rendimento, seja durante um treino ou em uma competição. O autor ainda afirma que:

O aconselhamento psicológico tem como meta ajudar os técnicos e desportistas a entender e solucionar, da melhor maneira possível, os seus problemas psicológicos e sociais. Uma tarefa específica do psicólogo é ajudar emocionalmente as pessoas nas fases de insegurança, a fim de que elas possam encontrar rapidamente a sua segurança e autoconfiança (SAMULSKI, 2002, p. 8).

Ainda sobre o campo de atuação profissional de Psicologia do esporte, destaca-se, com base em Vieira et al. (2010), a prática enquanto intervenção profissional, em que se tem aqueles(as) que se especializam no trabalho com atletas ou praticantes de exercícios físicos, com foco na sua saúde física e mental, e enquanto disciplina acadêmico-científica, que atua na investigação e desenvolvimento de teorias e modelos relacionados ao esporte.

Nesse sentido, se verifica a amplitude da atuação do profissional de Psicologia do esporte, podendo enfatizar sua importância, como bem afirma Cozac (2003, p. 3): “dar aos atletas respaldo psicológico é tão importante quanto lhes fornecer uma alimentação balanceada, programada por nutricionistas. Afinal, o corpo físico e o mental são as duas faces de uma mesma unidade e merecem igual atenção”.

1.2 Adotando uma visão sistêmica para o esporte em grupo

As experiências emocionais podem ser influenciadas por variáveis individuais e situacionais, com as características e requisitos do esporte sendo capaz de moderar as experiências emocionais. Muitos dos resultados inconsistentes na relação entre emoção e desempenho podem, portanto, ser devidos a uma comparação de resultados de diferentes tipos de esportes.

Vom Hofe (1982) classificou os esportes por suas interações sociais (esportes individuais versus esportes de equipe), ambientes (naturais e ambientes padronizados) e as emoções ligadas à sua fisicalidade (esportes de contato x esportes sem contato). Essas características objetivas intrínsecas aos esportes específicos demonstraram posteriormente influenciar a ansiedade e outras emoções relacionadas ao esporte. Os esportes coletivos tem sido constantemente apontado nas pesquisas como responsáveis por experiências estressantes.

Os jogos coletivos, de acordo com Bayer (1994), surgiram nas antigas civilizações, quando o ser humano jogava de forma semelhante as que se desenvolveram no século XX, assim pode-se dizer que esse tipo de jogo não surgiu recentemente, mas sim que ela faz parte da história da sociedade. Dentre os jogos cita-se o basquetebol, handball, rugby e futebol. Sobre os jogos coletivos, Teoderescu (1984, p. 23) cita que:

O Jogo Desportivo Coletivo representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através de luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo) manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas.

Dessa forma, os jogos coletivos são considerados como um momento de convívio social, onde trabalhar em equipe é fundamental para a vitória. Balbino (2001) explica que aqueles indivíduos que praticam essas modalidades passam a ter seu espírito coletivo, passando aceitar as regras, tornando-se fácil em resolver as dificuldades e analisar as situações que levam ao desenvolvimento de raciocínio.

Para iniciar nos jogos coletivos é importante que os praticantes assimilem e reúnam informações não só de como irão se comunicar com a bola, mas também como essa comunicação será feita entre colegas de um mesmo time e contra-comunicar com seus adversários. Assim, é fundamental que lhes sejam passadas e estimuladas situações que sejam

ajustáveis ao nível e desenvolvimento dos alunos e praticantes, considerando as exigências de cada modalidade.

A relação professor-aluno-aluno baseia-se na finalidade principal que é o aprendizado e que por muitas vezes, devido a essas diferenças acabam que distorcendo valores gerando conflitos comportamental de agregação verbal e muitas vezes, transformada em agressão física (SILVA, 2005). O relacionamento interpessoal entre professor e aluno e aluno-aluno consiste na abertura de pensamentos e ideias, bem como no respeito mútuo, onde um é capaz de ouvir o outro, onde as diferenças possam se completar.

De acordo com Galatti (2006) as estratégias mais utilizadas são as formas jogadas ou de jogos, visto se mostrarem mais atrativas para os(as) praticantes, contendo inúmeras situações problema, que devem se aproximar da realidade e características do jogo, podendo ter as regras alteradas, começando a partir daquelas consideradas mais fáceis até as complexas, diminuindo o número de jogadores ou jogadoras e, até mesmo, o espaço de jogo. Konzag (1985, p. 18) elucida que os jogos coletivos:

Possuem um sistema de referências com vários componentes em que se integram todos os jogadores e com o qual se confrontam constantemente. Ambas as equipes formam dois coletivos que planificam as suas ações e agem através de comportamento sempre determinado pela relação de contrastes: ataque-defesa ou defesa-ataque.

No estudo realizado por Campo et al. (2012) foi evidenciado que a ansiedade e a raiva foram as emoções mais comuns estudadas, potencialmente devido à natureza combativa dos esportes de contato em equipe. De acordo com os autores, a influência dos processos de grupo nas experiências emocionais também foi proeminente, sendo destacada a necessidade de aumentar a conscientização da experiência emocional nos esportes de contato em equipe e desenvolver estratégias de regulação específicas das emoções.

Assim como todo indivíduo, o atleta também está sujeito ao desenvolvimento de transtornos psicológicos, destacando-se as questões de percepção corporal e de desempenho esportivo, como muitos que chegam a recorrer a substâncias químicas para manutenção do corpo desejado e melhoria dos resultados na prática esportiva.

Apesar disso, Ribeiro et al. (2018) afirmam que a procura por um psicólogo é pouco frequente, podendo ser justificado pelo estigma de que um perfil de atleta não pode se associar a um tratamento psicológico, considerando que são vistos como saudáveis, com uma representação social de heróis, como pessoas sem vulnerabilidades, tendo que se portar como atletas mesmo quando estão em seus momentos de lazer.

O desenvolvimento de transtornos psicológicos é bastante comum em atletas, que vivem em um cenário de constante competição, não só nas disputas esportivas, mas consigo mesmos, fazendo parte da sua rotina o estresse, o processo de lidar com a derrota, pensamentos sobre o pós-aposentadoria, já que se trata de uma carreira curta, além da manutenção do condicionamento físico. Ribeiro et al. (2018) salientam, assim, que se faz importante um acompanhamento que leve em consideração as questões emocionais, incluindo todas as esferas de sua vida, auxiliando-o a lidar com seus esquemas.

2 COLAPSO EMOCIONAL NO ESPORTE

2.1 Contextualizando as emoções

A palavra “emoção” deriva do latim “*ex movere*” significando movimento. Entende-se como um estado mental e fisiológico repleto de sentimentos, pensamentos e comportamentos diversos. (FELLOUS; ARMONY; LEDOUX, 2002). Freud (1987) explica que o indivíduo registra em sua psique as representações afetivas relacionadas às experiências emocionais. Freud, Ries e Rodrigues (2004, p. 68) explicam que corresponde a um “estado especial de vigilância, acompanhado de processos de meditação que tendem a excitar o comportamento, tanto construtivo como destrutivo, tanto fortalecedor, como debilitador”.

O que é relevante na conceituação supracitada, é a ênfase nos seus componentes, ou seja, o nível de vigilância e processo mediacional. Estes responderiam, inclusive, pela diversificação das respostas emocionais com as ideias de luta ou fuga, predominando nas reações de medo, se revelando importantes nos processos caracterizados pelo ódio.

Explica-se ainda que cada pessoa responde fisiologicamente às mesmas emoções de forma diferente. Muitos pesquisadores e pesquisadoras distinguem sentimento de emoção, onde o sentimento refere-se à experiência subjetiva da emoção. Alguns acreditam que emoções pode ocorrer inconscientemente, e, portanto, que a emoção é um fenômeno mais geral do que a sua sensação subjetiva (FELLOUS, ARMONY; LEDOUX, 2002). Diferentes teorias surgiram no decorrer dos anos com vistas a explicar as emoções, destacando-se as teorias evolucionistas, biológicas e cognitivas.

Na teoria evolucionista tem-se Charles Darwin como principal teórico. De acordo com a visão original de Darwin, as emoções básicas são consideradas estados subjetivos (sentimentos) expressos em comportamentos típicos da espécie. Acredita-se que eles forneçam as bases biológicas para todas as emoções, sejam geneticamente determinados e tenham adquirido suas funções adaptativas em resposta a desafios recorrentes ao indivíduo e à espécie ao longo de gerações de história evolutiva.

Darwin (2000) propõe que há uma homologia funcional, compreendendo que o próprio cérebro humano foi evoluindo em três níveis hierárquicos principais (teoria do cérebro trino): cérebro reptiliano; cérebro límbico; e o neocortex. Trata-se, assim, dos três saltos evolutivos, acreditando que as emoções surgem com o desenvolvimento e a evolução dos mamíferos, com os grupamentos celulares acima dos circuitos neurais do tronco encefálico que começaram a monitorar alterações fisiológicas e a reagir com repertório comportamental eficiente para

minimizar os impactos das alterações da homeostase fisiológica do organismo. Então, os organismos começaram a antecipar qualquer estímulo que poderia alterar a homeostase do organismo, ocorrendo.

As principais características desta perspectiva são evidentes na teoria psicoevolucionista da emoção de Plutchik (2001), que postula oito dimensões emocionais básicas, organizadas em quatro pares: alegria *versus* tristeza, raiva *versus* medo, aceitação *versus* repulsa e surpresa *versus* expectativa. Plutchik (2001) formulou a hipótese de que as emoções básicas foram combinadas para produzir emoções mistas, estados de personalidade e psicopatologia. Assim, a partir desta teoria se tem as emoções como reações adaptativas a estímulos.

Todavia, críticas têm sido dispensadas ao modelo de emoções básicas. Segundo Mandler (1984), restringir as inúmeras possibilidades que podem resultar da avaliação dos eventos, um mecanismo que se supõe ser responsável para a gênese emocional em um número limitado de emoções faz pouco sentido.

No âmbito das teorias biológicas destaca-se que desde a Grécia Antiga e até meados do século XIX, profissionais da Filosofia e da Psicologia acreditavam que as emoções eram instintos básicos que deveriam ser controlados sob pena de o ser humano ter a sua capacidade de pensar seriamente afetada. Até meados do século XX, a emoção era totalmente descartada dos seus domínios por influência do pensamento cartesiano.

Dentre eles cabe destacar René Descartes, nascido no ano de 1596 no povoado de La-Haye na França, foi filósofo e matemático, criador da doutrina do cartesianismo e considerado um dos fundadores da Filosofia moderna e pai da geometria analítica. Suas obras revolucionaram o sistema filosófico e marcaram o início da nova perspectiva para o conhecimento moderno.

Descartes (2005) acreditava que precisava de uma verdade indubitável para que pudesse edificar seu conhecimento. E a partir de suas dúvidas chegou à sua primeira evidência que consiste em: “se duvido, penso e se penso, existo” (p. 258); mesmo que algum “Gênio Maligno me engane eu preciso existir para ser enganado” (p. 258). Com isso chega-se a duas concepções: a luz natural e o eu pensante.

A luz natural é a responsável pela capacidade de discernimento, é o que se apresenta de mais perfeito no ser humano e, se ela não puder mostrar o que é claro e distinto e, portanto, verdadeiro, nada mais poderá. O eu pensante, por sua vez, consiste em uma exceção à dúvida universal, pois sua existência é somente intelectual e não afirma senão ela mesma (DESCARTES, 2005). O teórico sustentava a tese do dualismo corpo-mente.

Descartes (2005) sustenta que a natureza da mente (ou seja, uma coisa pensante, não estendida) é completamente diferente daquela do corpo (ou seja, uma coisa estendida, não pensante) e, portanto, é possível um existir sem o outro. O mental pode existir fora do corpo. Descartes (2005) desenvolveu uma teoria da mente como uma substância imaterial e não extensa que se envolve em várias atividades ou passa por vários estados, como pensamento racional, imaginação, sentimento (sensação) e disposição. A matéria ou substância extensa, obedece às leis da física de maneira mecanicista, com a importante exceção do corpo humano, que Descartes (2005) acreditava ser causalmente afetado pela mente humana e que causalmente produz certos eventos mentais.

A conceituação clássica de William James (1884) identifica a emoção como a consciência de perturbações fisiológicas desencadeadas diretamente pela percepção de certos estímulos ou situações. Carl Lange (1885) também desenvolveu conceito semelhante apoiando-se na chamada hipótese ideomotora, fundamental na perceptiva teórica proposta por James. Tal hipótese sugere que todos os estados mentais, úteis, inúteis ou prejudiciais determinam uma atividade corpórea. Eles conduzem às modificações invisíveis na respiração, na circulação, na tensão muscular em geral, na atividade glandular ou visceral, mesmo quando não provoquem movimentos visíveis nos músculos da vida voluntária. Assim, não somente os estados de consciência são privilegiados (tais como as volições, por exemplo), mas todos os estados mentais, sejam puros pensamentos ou puros sentimento, provocam movimentos.

Na concepção de emoção baseada em James (1884) e Lange (1885), a elicitação de uma emoção particular é determinada pela percepção de um padrão específico de excitação periférica, ou seja, sentimos medo porque estamos tremendo. Esses autores recapturaram a ideia consagrada pelo tempo de que cada emoção tem seu próprio padrão de mudanças fisiológicas.

Contrapondo-se às teorias de James (1884) e Lange (1885), surgiu a chamada abordagem centralista da emoção, apoiada por Cannon (1927) e Bard (1928), que consideraram que o desencadeamento de uma emoção específica é determinado pelo processamento de um estímulo no sistema nervoso central, com o padrão periférico de excitação não sendo específico nem causal. Essa teoria, portanto, destaca a importância do sistema nervoso central, especificamente o tálamo, no desencadeamento de uma determinada emoção. Assim, as alterações fisiológicas não são consideradas causas, mas sim consequências da emoção.

Cannon (1927) levantou inúmeras objeções à teoria de James e de Lange e realizou uma série de estudos empíricos com o objetivo de refutá-la, dentre as quais observou que reações viscerais difusas semelhantes ocorrem com várias emoções, bem como em estados não emocionais, além disso, relatou que a supressão das aferências viscerais não suprimia as

emoções. No entanto, Fraisse (1963) verificou que as críticas levantadas por Cannon (1927) não eram isentas de falhas e, portanto, não justificavam uma rejeição total da Teoria de James e Lange.

Diante disso, a teoria de James e Lange representou um efeito revolucionário no campo das emoções, dada a originalidade da proposta, bem como pelo fato de ser empiricamente testável e, portanto, refutável. Sua teoria também influenciou a continuidade das pesquisas sobre emoção.

Importante mencionar ainda a teoria polivagal descrita por Stephen Porges (2011), que busca uma compreensão da etiologia da desregulação emocional, discorrendo sobre como o sistema nervoso humano autônomo medeia inconscientemente o envolvimento social, a confiança e a intimidade. Explica-se que especifica dois ramos distintos do vago, ou décimo nervo craniano. Estes incluem um ramo filogeneticamente mais antigo originado no núcleo motor dorsal e um ramo mais novo originado no núcleo ambíguo.

O núcleo motor dorsal e o núcleo ambíguo estão localizados nos complexos vagal dorsal e ventral, respectivamente, estruturas neurais adjacentes na medula oblonga. Embora ambos os ramos forneçam estímulos inibitórios ao coração por meio do sistema nervoso parassimpático (SNP), eles o fazem a serviço de funções evolutivas distintas (PORGES, 2011).

O núcleo motor dorsal, às vezes referido como *vago vegetativo*, está enraizado na estratégia de sobrevivência primária de vertebrados, anfíbios e répteis primitivos, que congelam quando ameaçados. Consequentemente, as funções do vago vegetativo suprimem as demandas metabólicas em condições de perigo. Em contraste, o núcleo ambíguo, ou *vago inteligente*, é distintamente mamífero e evoluiu em conjunto com a necessidade de regular dinamicamente a produção metabólica substancialmente aumentada. Isso inclui a modulação de luta / fuga (F / F) respondendo a serviço de comportamentos de afiliação social (PORGES, 2011).

Dessa forma, a teoria polivagal emergiu como um construto explicativo importante para uma ampla gama de condições psiquiátricas, além disso, quando usada em conjunto com teorias de reforço social e motivação, aumenta a compreensão dos substratos do sistema nervoso autônomo e central de regulação emocional e labilidade emocional, sugerindo possíveis pontos de intervenção para comportamento externalizante.

No século XX, as investigações produzidas sobre a emoção levaram a outro olhar e entendimento sobre as emoções humanas, despertando o fato de que se um indivíduo se emocionar, mas compreender e estar consciente das suas emoções, trata-se de uma qualidade que lhe permite desenvolver a capacidade de melhor se relacionar consigo e com o mundo. E ainda, com o auxílio da tecnologia, pesquisadores e pesquisadoras estão descobrindo que a

emoção influi diretamente no sistema imunológico do ser humano, ou seja, em sua saúde, pois a incapacidade de lidar com as emoções pode trazer doenças, como o estresse (GARDNER, 1999). Dar-se início às teorias cognitivistas.

De acordo com Janet (1926, p. 72), as condutas emocionais estão vinculadas à vivência de situações de fracasso. Elas se produzem sempre que formas mais adaptadas se revelassem fora do alcance do sujeito envolvido na situação a se dominar. Skinner (1969) define a emoção como um estado inferido da modificação na força de um certo número de reflexos como resultado de certas operações. Tal definição revela-se análoga a que se propõe para o conceito de impulso ou motivação. A operação pela qual se define um estado de aversão, consiste na apresentação de estímulos negativos, como choques, sons irritantes, etc. Tal operação é afinal a mesma que se estrutura quando pretendemos conceituar a emoção.

Outra teoria que também buscou explicar as emoções foi apontada por Schachter e Singer (1962), a chamada teoria de dois fatores, em que uma emoção é determinada por uma interação entre dois componentes: uma excitação fisiológica e uma cognição a respeito do reconhecimento da situação que desencadeou essa excitação fisiológica. Como tal, a excitação física é considerada indiferenciada por natureza, difusa e inespecífica para uma emoção na determinação da intensidade, mas não a qualidade da emoção. A interpretação da situação levaria à identificação da emoção sentida.

Na teoria de Schachter e Singer (1962) é possível verificar base tanto na ideia de James e Lange quanto na ideia de Cannon e Bard, acreditando que uma excitação fisiológica é necessária para que uma emoção seja produzida, mas também que as mudanças fisiológicas não são específicas para uma emoção particular (embora não excluam a possibilidade de mudanças que diferem de acordo com a emoção, eles acreditam que essas diferenças seriam sutis demais para ter um efeito psicológico).

Todavia, sua teoria é falha ao não explicar o processo de desencadeamento das emoções, apesar de Schachter e Singer (1962) serem considerados como precursores da teoria cognitiva das emoções, visto que introduziram a existência de um componente cognitivo associado à excitação fisiológica como um determinante da qualidade da emoção. Além disso, sua teoria tem a vantagem de considerar a dimensão social da emoção, uma vez que a emoção decorre em parte do uso de informações retiradas do meio social. Outra tendência teórica, enquadrada na perspectiva evolutiva, também destacou a dimensão social da emoção ao focar especificamente na função comunicativa das emoções por meio de suas expressões.

Mais recentemente destaca-se a teoria dos marcadores somáticos de Damásio (1994), que revive a ideia de James (1884) e de Lange (1885) do papel causal das mudanças físicas na

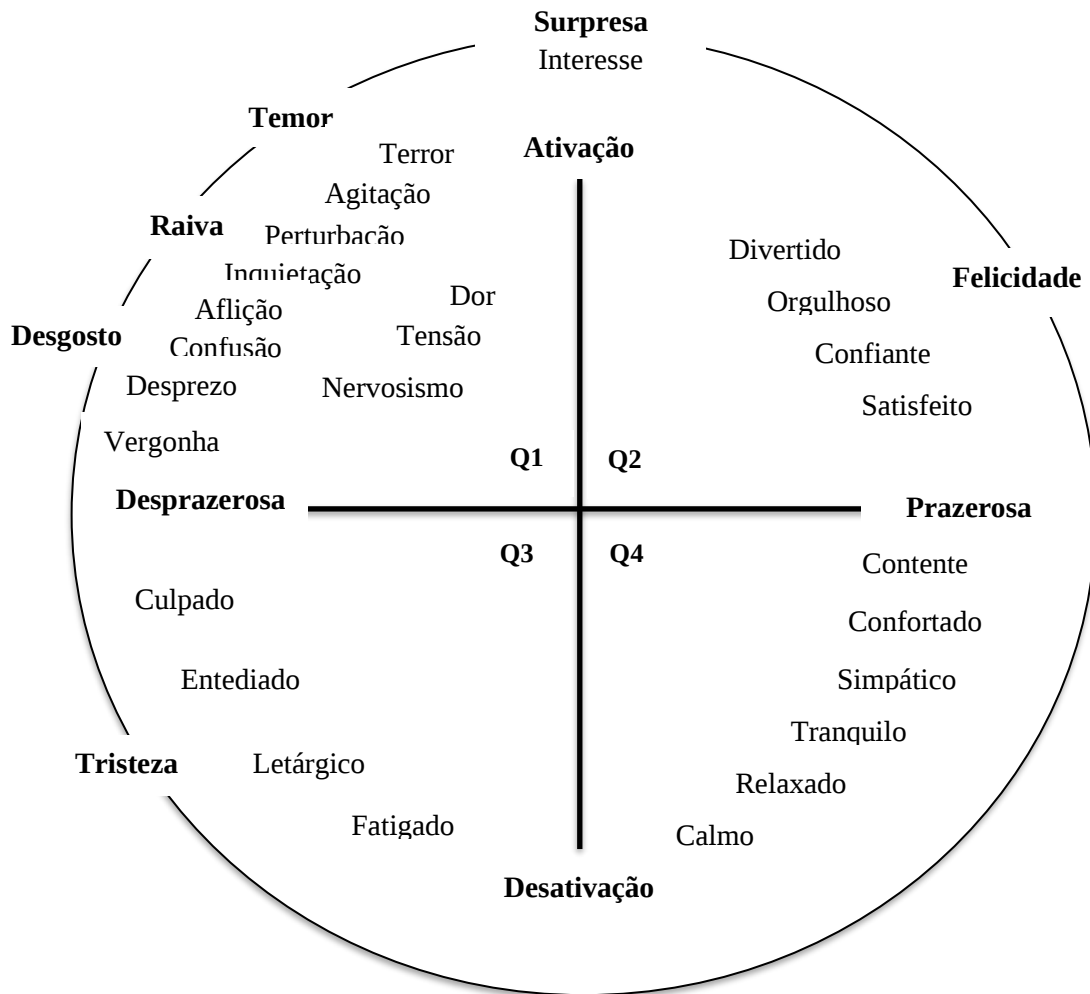
emoção. A hipótese de Damásio et al. (1994) é de que existem marcadores somáticos, ou seja, reações fisiológicas associadas a eventos emocionais passados. Esses marcadores devem ser ativados quando um novo evento é processado e influenciam as decisões em relação às suas consequências potenciais. A teoria de James (1884) pode ser considerada a base das teorias de feedback facial da emoção, que assumem que os movimentos faciais regulam o sentimento emocional.

Conforme verificou-se a proposta de James (1884) e de Lange (1885) sobre o conceito de emoções já foi modificada e adaptada por diferentes teóricos e além dessa linha de raciocínio é possível apontar ainda outras contribuições teóricas que envolvem uma perspectiva evolucionária, enfatizando a noção de adaptação das emoções. Considerando esse caráter adaptativo das emoções, alguns pesquisadores e pesquisadoras sugeriram a existência de um número limitado de emoções universais fundamentais, cada uma com uma função evolutiva: "emoções básicas" ou, alternativamente, emoções "primárias", "fundamentais" ou ocasionalmente "discretas".

Destaca-se, ainda, a teoria bidimensional das emoções, em que Barret (2006) sugere que as respostas emocionais existem, que podem ser funcionais e, muito provavelmente, o resultado da evolução. No entanto, isso não significa necessariamente que raiva, tristeza e medo sejam categorias úteis. Barrett (2006) adota uma abordagem bidimensional, em que o afeto é descrito em relação a dimensões elementares independentes que são propriedades fenomenológicas centrais na experiência afetiva, dimensões que podem ser combinadas.

Atualmente, as teorias bidimensionais são baseadas na concepção de Wundt (1897) sobre a experiência emocional, que identifica três dimensões básicas para descrever o sentimento emocional: prazer / desprazer; excitação; inibição e tensão / relaxamento. O modelo proposto por Russell (2000), representa as emoções por meio de um círculo em que são necessários dois eixos: a dimensão de valência que indica prazer/desprazer e a dimensão de excitação (fraca/forte) que representa o afeto como uma experiência subjetiva em um continuum, conforme se demonstra na Figura 1.

Figura 1. Modelo circumplexo da emoção



Fonte: Adaptado de Russel (2000).

Como se verifica na Figura 1, este modelo circular é denominado circumplexo e corresponde a um formalismo matemático para representar a estrutura atual de um grupo de estímulos em torno de um círculo. Atualmente, esta abordagem é provavelmente a mais comumente usada para medir a experiência emocional subjetiva e é encontrada em diferentes culturas e seria potencialmente universal, embora isso nem sempre seja confirmado por meio de dados empíricos. O referido modelo também recebe críticas, dentre as quais é possível destacar a sua capacidade de diferenciar emoções, considerando, por exemplo, que medo e raiva se encontram no mesmo quadrante porque essas duas emoções são particularmente negativas e intensas. No entanto, em um nível subjetivo, expressivo e comportamental, essas duas emoções são muito diferentes.

Prosseguindo com as teorias que buscaram compreender as emoções menciona-se a abordagem de apreciação, que foi desenvolvida em duas linhas. A primeira linha conceitua a emoção como um sistema de processamento de informações como qualquer outro mecanismo

(THAGARD, 2002). E, a segunda, supõe que um tipo avaliativo de processamento cognitivo (avaliação) está na raiz da eliciação de emoção (THAGARD, 2002). Verifica-se que o termo *appraisal* (apreciação) é o termo mais comumente utilizado para descrever o processo cognitivo que provoca emoção.

Assim, diferentes foram as contribuições ao longo do tempo em busca de descrever as emoções e seu funcionamento, sendo possível mencionar, ainda, a contribuição de Frijda (2006), que considera que as emoções são desencadeadas por eventos significativos que são definidos como ocorrências que “tocam em uma ou mais das preocupações do sujeito”. Para Frijda (2006), a emoção envolve estados de preparação para a ação que são induzidos pela avaliação de eventos como importantes para o indivíduo.

De acordo com Davidoff (1983, p. 61), ao nascer, o ser humano utiliza suas emoções como meio de demonstrar suas necessidades, o choro pode representar uma dor, a fome ou mesmo ser apenas uma forma de chamar pela mãe, são, assim, sua forma de expressar-se. A raiva surge durante o segundo semestre de vida, observações recentes sugerem que o grito de aflição do neonato produz uma reação semelhante em um outro. Psicólogos e psicólogas acreditam que esta resposta demonstra o começo da empatia, a capacidade de entender os afetos de outras pessoas, sentindo-os diretamente.

Doenças e estresse, as reações fisiológicas durante a emoção dependem da situação e do organismo envolvido. Estresse e diferentes produzem reações diferentes. Os estresses e as tensões diárias podem ser prejudiciais à saúde quanto são as grandes mudanças de vida, ou até mais ainda (DAVIDOFF, 1983 p. 52).

Diferenças humanas em repostas fisiológicas às mesmas emoções nos leva a pensar que, provavelmente, você sinta ansiedade, raiva e felicidade de um modo, algo diferente de outras pessoas. As pessoas variam marcadamente no tipo e na intensidade de suas reações fisiológicas. No estudo realizado por Nascimento (2013), verifica-se que essas emoções se manifestam no corpo, sendo possível perceber a emoção que um indivíduo está sentindo a partir dessas expressões, como bem disserta o autor:

Ao ouvirmos poesia, drama, ou narrativa heroica, muitas vezes somos surpreendidos com o arrepio cutâneo que, como uma onda súbita, corre por nós, e com aperto no coração e a efusão lacrimal que inesperadamente nos atinge em tempos. Ao ouvir música, o mesmo é ainda mais notavelmente verdadeiro. Se abruptamente vemos um vulto em movimento na mata, nosso coração para de bater, e nós recuperamos o fôlego de imediato antes que qualquer ideia articulada de perigo possa surgir. Se algum amigo se aproxima da beira de um precipício, ficamos com a conhecida sensação de ‘vertigem por empatia’ e recuamos, embora nitidamente *saibamos* que ele está seguro e sequer conjecturamos sua queda (NASCIMENTO, 2013, p. 103).

Essa vertigem por empatia é um sentimento pelo outro, um medo sentido por algo que não lhe pertence, tratando-se do que se chama de processo empático que resulta em um contágio emocional. Para que melhor seja possível compreender sobre o assunto, nos tópicos a seguir dissertaremos sobre a neurobiologia das emoções.

2.1.1 Neurobiologia das emoções

Os últimos anos testemunharam o surgimento de novas e poderosas ferramentas para analisar o cérebro e uma notável aceleração da pesquisa focada na interação entre emoção e cognição. De fato, pesquisas como as de Williams et al. (2006), Ratiu et al. (2004), Damásio et al. (1994) e Koenigs et al. (2007) já evidenciaram que territórios cerebrais e processos psicológicos comumente associados à cognição, como o córtex pré-frontal dorsolateral e a memória de trabalho, desempenham um papel central na emoção. Além disso, circuitos neurais supostamente emocionais e cognitivas se influenciam por meio de uma rede complexa de conexões de maneiras que contribuem em conjunto para o comportamento adaptativo e desadaptativo.

Indivíduos ansiosos tendem a dedicar atenção excessiva à ameaça e há evidências de que esse viés cognitivo contribui causalmente para o desenvolvimento e manutenção de transtornos de ansiedade, podendo as questões serem relacionadas à infância. Na pesquisa realizada por Kessel et al. (2013) foi evidenciado que preconceitos emocionais na atenção são influenciados pelo estilo de cuidador. Usando uma combinação inovadora de técnicas comportamentais e eletrofisiológicas, as autoras mostram que, embora as crianças inibidas temperamentalmente dediquem mais atenção a sinais aversivos, isso é reduzido entre os filhos e filhas de pais que dependem de incentivo, carinho e apreço para reforçar o comportamento positivo. Um desafio-chave para pesquisas futuras será testar se intervenções direcionadas destinadas a cultivar estilos parentais mais salubres têm consequências semelhantes.

As emoções são frequentemente conceituadas como fugazes, no entanto, existem evidências crescentes de que as emoções podem ter consequências persistentes para a cognição e o comportamento (DAVIDSON, 2004; SULS; MARTIN, 2005; QIN et al., 2009). De acordo com Todd et al. (2012), com a ascensão da teoria da evolução no século XIX, muitos cientistas adotaram a visão de que as emoções são funcionais e melhoram até o condicionamento físico.

Assim, acredita-se que indivíduos com altos níveis de neuroticismo ou emocionalidade negativa sejam propensos à ansiedade exagerada em face de pistas, contextos e desafios

relevantes para as características (por exemplo, punição, feedback negativo), como ilustrado nas contribuições (KESSEL et al., 2013). Essas observações levantam a possibilidade de que estados emocionais possam influenciar a cognição na ausência de distração ou desafio emocional explícito.

Nas últimas décadas, os avanços das neurociências têm permitido a construção de hipóteses que explicam as emoções, principalmente por meio dos estudos envolvendo o sistema límbico (SL). O sistema límbico, principal foco da cirurgia para transtornos de comportamento, foi descrito a primeira vez por Paul Broca em 1878, que descreveu os lobos límbicos. Já em 1937, Papez propôs uma ampliação dos circuitos formados por lobos límbicos de Broca (1878), o que passou a ser conhecido como circuito de Papez. Papez afirmava que as bases anátomo-fisiológicas das emoções eram dadas por conexões entre o lobo frontal e suas redes límbicas subcorticais (YAMPOLSKY; BENDERSKY, 2014).

No circuito de Papez, o septo se conecta com o hipocampo através do giro do cíngulo, hipocampo se conecta com o hipotálamo através do fórnix, terminando nos corpos mamilares. As eferências neuronais continuam do hipotálamo aos núcleos talâmicos anteriores, retornando ao cíngulo. Esse circuito foi modificado em 1952, conectando ao neocórtex com redes límbicas (YAMPOLSKY; BENDERSKY, 2014). Atualmente, sabe-se que o sistema límbico é composto por hipocampo, ¹ amígdala, ² fórnix, ³ hipotálamo, ⁴ núcleo septal, ⁵ corpos mamilares, ⁶ estriado ventral ⁷ (composto por núcleo accumbens e porção ventral do caudado e putâmen), núcleos dorsomedial e ventral anterior do tálamo, cíngulo (redes 24 e 25 de Brodmann, redes 8, 9, 10 e 32 de Brodmann e rede orbitofrontal, 10, 11, 13 e 43 de Brodmann) (YAMPOLSKY;

¹ O hipocampo trata-se de uma estrutura do cérebro que se encaixa no lóbulo temporal de cada córtice cerebral, sua função envolve a regulação da motivação, emoção, aprendizagem e memória.

² A amígdala é uma pequena região em forma de amêndoa na parte anterior do lobo temporal e tem sido apontada como importante rede no sistema emocional, estando envolvida na resposta a demonstrações não faciais de emoção, incluindo estímulos auditivos, olfativos e gustativos desagradáveis e na memória para informações emocionais (SEBASTIAN; AHMED, 2018).

³ Se situa partir do hipocampo no temporal mesial lob e se estende longitudinalmente ao diencefalo e prosencefalo basal, formando um arco sobre o tálamo. Por fazer parte do sistema límbico, o fórnix está associado aos processos de cognição, consolidação da memória, emoções e respostas sexuais.

⁴ Configura-se como uma região do encéfalo que tem como função manter a homeostase, equilibrando as funções internas do corpo de acordo com o ambiente em que estão inseridos. Sua atuação se dar por meio da coordenação entre o sistema nervoso e o sistema endócrino.

⁵ A área septal está situada logo abaixo da parte inferior do corpo caloso, constituindo como uma das redes de prazer do cérebro.

⁶ Núcleos arredondados de tecido nervoso na extremidade do arco frontal do fórnix cerebral. Estão localizados na superfície inferior do cérebro, podendo assim ser considerados parte do diencefalo e do sistema límbico.

⁷ Núcleo Estriado Ventral faz conexões com redes corticais do Sistema Límbico, e dessa forma, participa da regulação do comportamento emocional. Enquanto que as estruturas dorsais do Corpo Estriado são fundamentalmente Motoras Somáticas.

BENDERSKY, 2014). Outras redes paralímbicas, como giro para-hipocampal e córtex insular também estão envolvidas (YAMPOLSKY; BENDERSKY, 2014).

Outras redes envolvidas na resposta ao material emocionalmente saliente incluem a região ventral do giro cingulado anterior e as redes ventromedial e ventrolateral do córtex pré-frontal. O giro cingulado anterior ventral, incluindo as redes subgenua e pré-genital ou rostral, é importante para a função autonômica e para o comportamento emocional. Estudos que empregam técnicas de neuroimagem funcional em humanos demonstraram atividade dentro desta estrutura na indução do humor e durante a ansiedade associada à antecipação da dor (ADOLPHS, 2018).

O córtex pré-frontal ventromedial e a região medial desta estrutura, o córtex orbitofrontal que tem conexões diretas com a amígdala, parecem ser particularmente importantes em animais e humanos para: a percepção de odores, sabores e estímulos táteis agradáveis e desagradáveis; a representação do valor de recompensa de um estímulo; e a maneira como essa representação orienta o comportamento social normal direcionado a um objetivo. O córtex pré-frontal ventrolateral encontra-se lateral ao córtex orbitofrontal na superfície ventral dos lobos frontais. Estudos de neuroimagem funcional humana demonstraram atividade dentro desta região durante a resposta a informações emocionais, incluindo a indução de humor triste e a lembrança de memórias pessoais e material emocional (ADOLPHS, 2018).

De acordo com Espiridião-Antônio et al. (2008), evidências experimentais relacionaram o SL às emoções e, participam dos mecanismos neurais das emoções, circuitos como hipotálamo, amígdala, núcleos da base, área pré-frontal, cerebelo e septo. Incluem-se, ainda, o giro do cíngulo e o giro para-hipocampal. Salienta-se que um dos principais estudos sobre o assunto foi desenvolvido por Joseph Papez, que demonstrou que esses componentes atuavam como um circuito. No Quadro 1 estão as estruturas consideradas por Papez para descrever a neurobiologia das emoções:

Quadro 1. Circuito de Papez

Componentes do circuito	Descrição
Giro do Cingulo	Esse componente do circuito está intimamente relacionado à depressão, à ansiedade e à agressividade, podendo ser observado em humanos, lentidão mental em casos de lesão. Além disso, auxilia nos conteúdos da memória, sendo possível observar significativo aumento de sua atividade quando as pessoas mentem.
Giro para-hipocampal	Esse componente do circuito está intimamente relacionado ao armazenamento da memória. Processos lesivos nesse componente produzem amnésia retrógrada isolada, com preservação da capacidade de armazenar novas memórias explícitas.

Hipotálamo	Esse componente do circuito se constitui como central do sistema límbico, relacionando-se às diversas redes límbicas e encefálicas. Possui efeitos profundos sobre as emoções dos humanos e dos animais.
Tálamo	As suas funções mais conhecidas relacionam-se com sensibilidade, motricidade, motricidade, comportamento emocional e ativação do córtex cerebral.
Hipocampo	Esse componente do circuito exerce importantes influências nas funções relacionadas ao comportamento e à memória. Quando uma pessoa é submetida à remoção bilateral do hipocampo, ela consegue ainda acessar à memória aprendida, porém, não é capaz de ter novas aprendizagens. Esse componente do circuito também está diretamente relacionado à tomada de decisões.

Fonte: Adaptado de Espiridião-Antônio et al. (2008).

Na descrição de Papez, o hipocampo exercia papel fundamental nesse processo neural das emoções, todavia, atualmente já são reconhecidas projeções realizadas pelas amígdalas para o córtex no vivenciamento do medo e de outras emoções cognitivas. A amígdala somente depois do estudo de Papez foi considerada como parte importante do desenvolvimento das emoções (Quadro 2).

Quadro 2. Redes relacionadas às emoções não pertencentes, originariamente, ao circuito de Papez

Redes	Funções
Amígdala	Essa rede é ativada em situações com marcante significado emocional, estando relacionada aos aprendizados emocionais e ao armazenamento de memórias afetivas. Tem ainda como função a formação da associação entre estímulos e recompensas.
Septo	Essa rede está relacionada à raiva, ao prazer e ao controle neurovegetativo. Quando é estimulada é possível observar alteração na pressão arterial e do ritmo respiratório.
Circuito pré-frontal	Essa rede vem sendo considerada a “sede” da personalidade. Também tem sido apontada como atuante na tomada de decisões e na adoção de estratégias comportamentais mais adequadas à situação física e social; Além disso, parece estar relacionada à capacidade de seguir sequências ordenadas de pensamentos e a modalidades de controle do comportamento emocional.
Cerebelo	Essa rede atua em diversos processos cognitivos. Danos nessa rede resultam em disfunções em tarefas executivas, de aprendizagem, memória processual e declarativa, processamento de linguagem e funções visuais e espaciais, além de disfunções na personalidade, no afeto e na cognição. Além disso, vem sendo considerado um poderoso coordenador, capaz de contribuir tanto para as habilidades motoras, quanto sensoriais e cognitivas, graças às conexões que estabelece com redes encefálicas responsáveis pela execução dessas funções.

Fonte: Adaptado de Espiridião-Antônio et al. (2008).

Importante mencionar ainda sobre o circuito de recompensa descrito por James Olds e Peter Milner, que considera que a recompensa e a emoção estão relacionadas, e às vezes as

emoções são até definidas como estados eliciados por recompensas e punições: as recompensas podem provocar emoções como euforia ou êxtase, e a ausência de recompensas esperadas pode provocar frustração ou raiva. As recompensas são consideradas como uma categoria de estímulos, de modo que as propriedades das categorias de emoções são atribuídas às propriedades de estímulos. Os estímulos que provocam prazer são tipicamente categorizados como recompensas, e esse vínculo sistemático entre as dimensões dos estímulos e as dimensões das emoções é amplamente observado. Esse circuito está envolvido na tomada de decisão e no comportamento de busca (ANDRIAN-VENTURA et al., 2019).

As medidas da resposta relacionada à recompensa podem ser conceituadas para componentes típicos da resposta emocional: No sistema nervoso autônomo, a recompensa está associada a um aumento da excitação psicofisiológica (por exemplo, atividade eletrodérmica, frequência cardíaca); no que diz respeito à resposta de tendência de ação, a recompensa está associada a uma tendência aumentada de abordagem; no que diz respeito à resposta motora, a recompensa estaria particularmente associada a 'gostar' de expressões orofaciais (por exemplo, protuberâncias da língua, sorrisos); e, no que diz respeito à resposta de sentimento, a recompensa está associada à experiência fenomenológica hedônica de gosto consciente ou, como é frequentemente conceituado nos estudos humanos, prazer (ANDRIAN-VENTURA et al., 2019).

2.1.2 Comportamento emocional e esquemas cognitivos

Emoção e cognição emergem das interações dinâmicas de redes cerebrais em larga escala. Simplificando, medo, alegria, atenção, memória de trabalho e outras construções psicológicas não podem ser mapeados para redes isoladas do cérebro, porque nenhuma região é necessária e suficiente. Da mesma forma, perfis semelhantes de comprometimento podem emergir de danos a diferentes circuitos neurais localizados na mesma rede funcional (KARNATH; SMITH, 2014). Adotar uma perspectiva de rede também nos lembra que o circuito funcional subjacente à interação entre emoção e cognição provavelmente é complexo e não precisa recapitular o padrão mais simples de projeções diretas revelado pelas técnicas invasivas de rastreamento anatômico.

A distinção entre o cérebro emocional e o cognitivo é embaçada e depende do contexto. De fato, há evidências convincentes de que territórios e processos convencionalmente associados à cognição desempenham um papel central na emoção. Além disso, circuitos neurais supostamente emocionais e cognitivas influenciam dinamicamente umas às outras por meio de

uma rede complexa de conexões anatômicas recorrentes, geralmente indiretas, de maneiras que contribuem em conjunto para o comportamento adaptativo (DAUM et al., 2008).

Coletivamente, essas observações mostram que a emoção e a cognição estão profundamente entrelaçadas no tecido do cérebro, sugerindo que as crenças amplamente defendidas sobre os principais constituintes do cérebro emocional e do cérebro cognitivo são fundamentalmente defeituosas.

Importante mencionar a integração vertical dos circuitos cognitivos, que propõe, na perspectiva do cérebro trino, que os circuitos cognitivos foram desenvolvidos a partir do sistema límbico. Por exemplo, se os mamíferos desenvolveram o sistema límbico para tentar antecipar a recompensa ou se prevenir de predadores, o entendimento é de que com o desenvolvimento do neocortex, principalmente nos humanos, esse comportamento ficou mais elaborado. O ser humano não apenas reage/interage com o meio ambiente para garantir a homeostase, ele passou a modificar o meio ambiente de forma a preservar sua homeostase e garantir todas as recompensas necessárias aos sobreviventes (TUCKER; DERRYBERRY; LUU, 2000).

Então nessa organização vertical dos circuitos é possível perceber que acima do cérebro límbico surgem as conexões que viabilizam uma interação entre os circuitos emocionais e cognitivos. Nesse sentido, uma tarefa cognitiva pode minimizar ou aumentar o processamento emocional, a depender de fatores como foco da atenção, da memória seletiva, entre outros, assim como por técnicas cognitivas, como a distração e a refocalização (TUCKER; DERRYBERRY; LUU, 2000).

A importância do aspecto cognitivo nos grupos é importante até na adaptação do indivíduo. Uma das características mais evidentes após ter recebido algum tipo de emoção são as mudanças no comportamento e isso não envolve apenas a modificação simples de como se adaptar, mas também a aquisição de aspectos da cognição que serão adicionados a nova aprendizagem na psicologia do grupo.

O conceito de cognição compreende as atividades que os seres humanos realizam para alcançar o real objetivo pretendido no grupo, sendo uma atividade emocional que ocorre em um contexto social através de um processo de internalização (MALDONADO, 2004). Para tornar aspectos cognitivos eficientes são necessários três fatores: inteligência e conhecimento, experiência e emoções; e deve-se compreender que sem a devida cognição qualquer ação que tomamos não será totalmente satisfatória. A definição psicológica referida garante o desejo de aprender direcionando a energia para o fator psicológico.

Nesse sentido, é possível afirmar que os esquemas cognitivos representam nosso conhecimento e suposições sobre o mundo, sendo desenvolvidos por meios das experiências

vividas e exercendo fortes efeitos na maneira como as informações são processadas e interpretadas, o que pode levar a erros e distorções importantes na memória. De acordo com Bzuneck (1991), esses esquemas cognitivos exercem funções de roteiros, que são ativados sempre que o indivíduo é exposto a um estímulo ambiental, equivalendo, portanto, a um quadro de referência. Com isso, ainda de acordo com o autor, é possível mencionar também como função desses esquemas os processos de armazenagem e recuperação da informação. Diante disso, é possível depreender que os esquemas cognitivos fazem parte do processo de aprendizagem dos indivíduos.

Nesse campo do desenvolvimento de esquemas cognitivos, vale destacar Jean Piaget, que é considerado um dos maiores estudiosos do comportamento infantil, pois contribuiu com inúmeros relatos sobre os resultados conquistados ao longo de suas pesquisas com diversas crianças, as quais possibilitaram conclusões fundamentais a respeito do desenvolvimento da inteligência e das construções mentais ocorridas durante a infância (FERRARI, 2014).

Em sua formação, Piaget realizou pesquisas com outros animais em que pode tirar conclusões sobre a constante adaptação que eles sofrem quando se deparam com mudanças em seu *habitat* natural, possibilitando diversas teorias sobre o assunto. Nesse sentido, ele baseou seus estudos na compreensão do conceito de gênese, a partir de uma sequência de fases em que se constrói a inteligência das pessoas desde a primeira infância (FERRARI, 2014).

Essa teoria é conhecida como ‘teoria do conhecimento’ ou epistemologia genética pela qual Piaget (1987) explica a evolução das estruturas mentais como imprescindíveis ao desenvolvimento intelectual das crianças, em que o ponto de partida de todo o processo ocorre desde o nascimento e somente se encerra com a morte. Contudo, deve ficar claro que o desenvolvimento da inteligência vem acompanhado do desenvolvimento do conhecimento de modo qualitativo, uma vez que a pessoa e o meio devem formar um todo, pois existe interdependência entre sujeito e objeto e a inteligência é o centro de todo o desenvolvimento humano.

Na concepção de Piaget (1987), a inteligência é fundamentalmente um princípio de intervenções vivas e influentes. É a adequação mental mais adiantada, uma forma imprescindível às interações entre o sujeito e o meio. Nessa linha de pensamento, considera-se a adaptação como o balanceamento entre as ações desenvolvidas pela pessoa.

É o uso da inteligência que traz novas invenções e modificações, fazendo com que o mundo seja um lugar melhor de se viver, pois novas situações são melhores compreendidas, uma vez que é a partir daí que ela aparece com mais força. Na criança, a inteligência é desenvolvida com tudo que ela inventa e descobre, por mais simples que possa parecer, pois

ela não é inata, dependendo da capacidade de realização de cada um, exteriorizando todo o conhecimento adquirido (FERRARI, 2014).

As pesquisas de Piaget procuram esclarecer cientificamente as premissas que fundamentam o desenvolvimento humano, na elaboração de novidades e na sua adequação sucessiva à realidade. Assim, a epistemologia genética de Piaget (1987), busca analisar como o conhecimento e a inteligência são desenvolvidos a partir da interação da pessoa com meio ambiente.

Além de apresentar as distintas constituições e o aumento do conhecimento como interação, cria um padrão voltado à compreensão interacionista. No modelo desenvolvido por Piaget, a adaptação é compreendida como uma moderação entre a assimilação e a acomodação ou um equilíbrio estabelecido durante o processo de troca entre os sujeitos e os objetos. Segundo Ramalho (2000, p. 19):

A adaptação acontece através de dois processos complementares, ou seja, a assimilação e a acomodação. É com a ação do organismo sobre o meio que ocorre a assimilação e pode-se dizer que, o organismo ao assimilar algo, está introduzindo ou incorporando elementos do exterior. O organismo, primeiramente acomoda, ocorrendo uma modificação necessária para que a assimilação seja efetivada. Sendo assim, há a necessidade de uma modificação (acomodação) para que haja a assimilação dos elementos do meio exterior. Por exemplo, uma criança frente a um novo estímulo, ou seja, cachorro, e não possuindo um esquema para cachorro, cria este esquema (acomodação) para que possa incorporar este novo estímulo (assimilação).

Em seus estudos, Piaget (1993) considera a assimilação como a ação da pessoa sobre o meio no qual ela está inserida, podendo transformá-lo em proveito próprio. Isso significa a incorporação de novos objetos ao esquema de ação, com a criança encarando novos desafios e buscando assimilá-los aos processos que já compreende. Esse é um processo contínuo, em que a pessoa recebe inúmeros estímulos durante suas interações, fazendo com que amadureçam suas ideias e ajude no desenvolvimento de sua inteligência e de seus conhecimentos.

A teoria de Piaget (1993) considera que o desenvolvimento cognitivo só pode acontecer caso a criança atue no meio ambiente no qual está inserida, pois são a partir dessas interações que podem ser desenvolvidos os processos de assimilação e acomodação, possibilitando a obtenção dos dados necessários a este procedimento. Para Piaget (1993), o desenvolvimento humano tem sua fase primordial na infância, ocorrendo em períodos, os quais: período sensório-motor; período pré-operacional; e operacional formal.

O período sensório-motor compreende, aproximadamente, os dois primeiros anos de vida da criança, e é marcada pela ausência da função simbólica. Nesse período, a inteligência

trabalha com as percepções de ação e deslocamento do próprio corpo da criança. De acordo com Piaget (1993), no período sensório-motor a criança constrói noções de objeto, espaço, causalidade e tempo.

Por sua vez, o período pré-operacional se manifesta aproximadamente entre os dois primeiros anos de vida até os seis ou sete anos. É a partir desse período que a criança apresenta a função simbólica, que é manifestada por uma imitação diferida, pois ainda não é presente na criança a noção de imitação. Ao resumir esse estágio, Piaget (1993) afirma que ele é a base de organização da atividade mental com os aspectos afetivos e intelectuais resultantes do processo de desenvolvimento. Ressalta-se também que, em determinadas crianças, esse estágio pode ser mais prolongado, de acordo com os seus níveis de maturação que devem ser sempre considerados.

Piaget (1993) em estudo acerca da vida da criança apontou que o desenvolvimento intelectual da criança ocorre em diferentes fases, de 2 aos 7 anos tem-se o nível pré-operacional e de 7 aos 11 anos, a fase das operações concretas. Assim, é possível dizer que na segunda infância, a criança está em transição do nível pré-operacional para a fase de operações concretas.

Na etapa de 2 a 7 anos, ocorre a ausência de lógica no pensamento da criança. Verifica-se a feição e inteligência peculiar, onde a criança vê um artifício e o associa a outros. Nesse momento, ocorre a ideia em pensamento por meio de constituições intelectuais. A criança percorre algum objeto e configura o seu pré-conceito e sua opinião no intelecto. Na fase pré-operacional, ela cunha suas favoráveis alegorias intelectuais para a percepção e absorção de objetos, indivíduos, atmosferas, momentos futuros e afastados (PIAGET, 1993).

De 7 a 12 anos, a criança está na etapa das intervenções palpáveis, onde inventam arcaísmos operacionais e opiniões, como o conhecimento de classe, ambiente, momento, espaço etc. São desenvolvidas particularmente ou em grupo e a anunciam oralmente, cooperando na sua compreensão por diferentes pessoas e, então, na experiência em coletividade. Outro aspecto observado é a criação de entendimento logo que ajustes de pensamentos e afinidades de objetos e, assim, advêm afirmações sobre a atmosfera (PIAGET, 1993). Nesse aspecto, a criança adquire o desenvolvimento mental completo, a cada estágio de maturação da infância.

Dos onze anos de idade, Piaget (1993) classifica o período como operacional-formal, manifestando-se até a fase adulta. O(a) adolescente, aqui, liberta-se do objeto, o pensamento passa a ser hipotético e dedutivo, já formula proposições para enfrentar os problemas. Isso explica o fato de se apresentar como um ser rebelde às ações e pensamentos dos indivíduos

adultos. Porém, apesar de certo egocentrismo, o(a) adolescente consegue conversar e viver em grupo, é cooperativo e recíproco.

Todavia, é preciso entender que essas interações irão variar de indivíduo para indivíduo, a influência que o meio irá exercer irá impactar de diferentes formas e é justamente disso que se tratam os esquemas cognitivos adaptativos e desadaptativos, é a forma como irão ser processadas e interpretadas pela memória.

Young, Klosko e Weishaar (2003) propuseram inicialmente dezoito esquemas desadaptativos, os quais: privação emocional; abandono; desconfiança/abuso; isolamento social; defectividade/vergonha; fracasso; dependência/incompetência; vulnerabilidade ao dano ou à doença; emaranhamento; subjugação; autossacrifício; inibição emocional; padrões inflexíveis; grandiosidade/arrogo; autocontrole/autodisciplina insuficientes; busca de aprovação; negativismo; e postura punitiva.

Ressalta-se que esses esquemas são agrupados em cinco domínios de esquemas amplos, com base nas necessidades básicas de uma criança as quais o esquema está relacionado, se essas necessidades não forem satisfeitas, desenvolvem-se esquemas desadaptativos que levam a padrões recorrentes de reações a eventos de vida. Os cinco domínios consistem em:

- a) **Desconexão e rejeição:** é tipificada pelo medo de não obter estabilidade, segurança e empatia nas relações familiares, de forma consistente ou previsível;
- b) **Autonomia e desempenho prejudicados:** este domínio do esquema é tipificado por expectativas sobre si mesmo e sobre o ambiente pessoal que interferem na sua crença na capacidade de funcionar de forma independente e na capacidade percebida de sobreviver sozinho ou demonstrar sucesso;
- c) **Limites prejudicados:** é caracterizado por uma falta geral de limites internos, respeito e responsabilidade para com os outros;
- d) **Direcionamento ao outro:** descreve um foco excessivo nos desejos e necessidades dos outros, em detrimento dos próprios desejos; e
- e) **Supervigilância e inibição:** é tipificada por um foco extremo em temas de controle, supressão ou ignorância de emoções e impulsos espontâneos.

Nessa perspectiva, os esquemas desadaptativos podem ser descritos como rotas inadequadas provenientes de relações interpessoais repetitivas e desfavoráveis com outras pessoas, que são significativas durante a infância e a adolescência. Por causa dessas experiências desconexas, as necessidades psicológicas fundamentais não são satisfeitas.

Esses esquemas desadaptativos resultam da interação entre o temperamento emocional do indivíduo e as experiências aversivas do início da sua vida e que a psicopatologia adulta subsequente aponta a partir da iniciação e manutenção dessas crenças centrais estabelecidas, tendo como base suas experiências clínicas.

De acordo Young, Klosko e Weishaar (2003), os esquemas influenciam o que se entende e como se interpreta as coisas, eles podem enviesar e distorcer os pensamentos, percepções e comportamentos. É a operação de esquemas que, em parte, explica o fato de que, em muitos casos, se tem mais probabilidade de notar e lembrar informações que apoiam as crenças sobre o mundo do que informações que as desafiam. Esses esquemas podem, portanto, levar a vieses e pontos cegos no processamento de informações durante a avaliação clínica ou intervenções psicoterapêuticas.

Importante mencionar que a teoria dos esquemas cognitivos postula que todos os indivíduos têm esquemas desadaptativos, que são temas ou padrões centrais que se repetem continuamente ao longo da vida.

2.2 Empatia

O termo “empatia” foi cunhado há mais de 100 anos por Titchener, uma adaptação da palavra alemã *Einfühlung*. Porém, as discussões sobre empatia podem até remontar aos primórdios do pensamento filosófico e mesmo assim, com essa extensa história, o termo empatia não tem uma noção bem definida, mas sim, definições de diversos autores e autoras.

Ao interpretar os achados de pesquisa relacionados à empatia, é preciso primeiro determinar com precisão o que está sendo estudado e o grau de associação com os conceitos relacionados. Isso pode dificultar a interpretação dos resultados, comprometendo a comparabilidade dos estudos (STRAYER, 1987). Assim, existem diferenças na maneira como pesquisadores e pesquisadoras e profissionais conceituam a empatia, levando a uma incompatibilidade entre a maneira como é pesquisada e tratada, ademais, podem surgir dificuldades quando os conceitos são entendidos de maneira diferente.

Embora a diversidade de definições não deva ser necessariamente desencorajada, por exemplo, esforços devem ser feitos para reunir conhecimento para melhorar o entendimento e

reduzir a confusão no campo. Embora não haja maneira de determinar qual definição está correta, é possível comparar e contrastar como a empatia é contextualizada e discutir quaisquer diferenças, examinando pontos de vista concorrentes à luz da atual base de conhecimento.

Várias tentativas notáveis foram feitas para diferenciar empatia de uma série de conceitos associados. Outros, por exemplo, denotam a empatia como uma categoria abrangente, contendo todos os conceitos associados, como contágio emocional, simpatia e compaixão. Para explicar por que a empatia é comumente mesclada com termos associados, Ickes (2003) utilizou a discussão de Scheler sobre os conceitos relacionados de sentimentos compartilhados devido a circunstâncias partilhadas, a empatia como entender as emoções de outras pessoas por meio de perspectivas, a imitação das emoções de outras pessoas, sem experimentar eles mesmos, a simpatia como reação intencionalmente emocional, o contágio emocional, onde um é "infectado" pelas emoções do outro e uma forma intensa de se deixar levar pelas emoções do outro.

Esses termos diferem em três dimensões: o grau de representações cognitivas do estado emocional do alvo; o grau de compartilhamento de emoções; e o grau em que uma distinção entre o *eu* e *outra* é mantida. Observou-se que a empatia está localizada na faixa intermediária das três dimensões, e que o significado desse termo tem uma ambiguidade inerente que convida ao tipo de debates de definição que continuaram sem solução desde que o termo *Einfühlung* foi introduzido pela primeira vez há quase um século (HEBERLEIN; SAXE 2005).

Foi Robert Vischer, filósofo alemão, quem inventou o termo *einfühlung*, traduzido posteriormente como 'empatia'. Para o teórico, o indivíduo deve se imaginar como alguém com uma obra de literatura ou arte e sentir as emoções reproduzidas pelo artista. Segundo ele, o indivíduo deve se encher ou se deixar levar pela emoção. Para o referido teórico, a empatia não é apenas imaginar como deve ser para o outro, é ser capaz de compreender as experiências do outro no que ele sente (GANCZAREK; HÜNEFELDT; BELARDINELLI, 2018).

Theodor Lipps também foi um dos primeiros a teorizar sobre empatia, apontando-a como a forma como as pessoas entendem os estados mentais das outras pessoas. Com sua teoria de *Einfühlung*, ele buscou explicar as ilusões de ótica. Para Lipps, o processo inconsciente de *Einfühlung* é baseado em um "instinto natural" e na "imitação interior". Para explicar esse processo de empatia, ele usou o exemplo de assistir um acrobata em uma corda bamba e sugeriu que os movimentos percebidos e as expressões afetivas são "instintivamente" e simultaneamente espelhados por "esforços" cinestésicos e experiências de sentimentos correspondentes no observador. Salienta-se que a teoria de Lipps tem influência no conceito de

simpatia de David Hume, principalmente quando considera a possibilidade de uma mente se tornar o espelho de outra (HOLMES, 2007).

Vygotsky (1999) também teorizou sobre a empatia partindo da estética e da arte. A empatia sustenta a resposta social sincrônica ao estado mental e ao comportamento de outra pessoa. Representa uma experiência particular porque não é um estado diretamente acessível: ao contrário de outros construtos psicológicos, não é uma conduta, nem é sempre evidente por meio de expressões comportamentais específicas. De acordo com o autor:

[...] a obra de arte não suscita sentimentos em nós como as teclas de piano suscitam os sons, cada elemento da arte não introduz em nós o tom emocional, mas a questão se dá exatamente ao contrário. De dentro de nós mesmos nos inserimos na obra, projetamos nela esses ou aqueles sentimentos que brotam do mais profundo do nosso ser e, evidentemente, não estão na superfície dos nossos próprios receptores mas relacionados à mais complexa atividade do nosso organismo. [...] Se deixarmos de lado as construções e princípios puramente metafísicos, que Lipps inseriu frequentemente em sua teoria, e ficarmos apenas com os fatos empíricos que ele descobriu, poderemos afirmar que essa teoria é, sem dúvida, muito fecunda e que alguns dos seus elementos integrarão a futura teoria psicológica objetiva da estética. (VYGOTSKY, 1999, p. 262-263).

Dessa forma, a empatia é como uma dança entre dois indivíduos cujos passos se movem entre a cognição e os afetos. De acordo com o teórico, as ações apoiadas no uso de ferramentas e intencionalmente voltadas para a produção, criam o pensamento. Assim, o que se percebe é que as teorias da empatia se iniciaram com a percepção de contemplação da arte, basicamente com o sentimento do outro.

Verifica-se, assim, como bem afirmam Sampaio, Camino e Roazzi (2009), que autores como Lipps, Brentano, Robert Vischer e Lévy Vygotsky, consideraram a empatia como um processo de imitação interna, como uma projeção do self a partir da apreciação de obras de artes, indo além das artes, chegando à capacidade de compreender o outro, sentindo e percebendo o que acontece com ele.

No século XX, uma das principais abordagens que envolveram a empatia foi de Carl Rogers com a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Na teoria de Rogers (1997), considera-se que todo indivíduo tem uma essência boa e isso vai sendo modificado com as interferências do ambiente, da cultura e este sempre tem uma tendência de buscar novamente uma vida plena nesse meio. Meio este, que poderá fornecer inúmeras condições para que esta tendência seja dinamizada ou bloqueada. Rogers (1997) falava de uma compreensão empática, indo além de um entendimento “exterior” sobre os pensamentos e sentimentos da outra pessoa, chegando a compreendê-la “de dentro”.

Talvez a discussão mais frequente sobre esse tema seja a diferença entre empatia e simpatia. Várias definições parecem mesclar conceitos de empatia e simpatia, ou pelo menos não tornam essa distinção clara, enquanto outros argumentam contra a fusão de simpatia e empatia onde a simpatia é como uma reação emocional indireta baseada na apreensão do estado ou situação emocional de outra pessoa, que envolve sentimento de tristeza ou preocupação pelo outro.

Para Gilbert (2014), o cuidado humano atrai competências empáticas e simpáticas, todavia, afirma que as habilidades de sensibilidade às necessidades dos outros variam de pessoa para pessoa e estão ligadas à variação genética e a competências cognitivas como mentalização, processos empáticos, 'atenção plena social' e dimensões de personalidade. O autor exemplifica que pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, podem lutar para processar esses tipos de sinais sociais. Enquanto, pessoas com dificuldades psicopáticas, podem ter competências sociais para empatia, mas não têm motivação para cuidar. Quando as pessoas se sentem ameaçadas, também é mais difícil sentirem empatia. Para o autor, a empatia é uma competência da mentalidade social da compaixão, mas não é a compaixão em si, podendo ser usada para fins bons ou ruins.

A distinção entre empatia e simpatia foi descrita como “sentindo como e sentindo pelo outro”, respectivamente. Por exemplo, ao perceber a tristeza em outro, a empatia causará tristeza no observador, a mesma emoção, ou seja, sentimento como, enquanto a simpatia acarretará sentimentos de preocupação, uma emoção diferente um sentimento por. Isso é consistente com as diferenças relatadas nos processos neurológicos subjacentes aos dois construtos (DECETY; MICHALSKA, 2010).

Devido a essas implicações emocionais distintas, é de opinião dos autores e autoras atuais que a empatia e a simpatia devem ser separadas. A emoção de “sentir por” outro merece um nome e, dado o tratamento atual na literatura por muitos autores e autoras, a “simpatia” se presta como a mais apropriada no momento.

Duas outras construções comumente equiparadas à empatia são a compaixão que é o sentimento que surge ao testemunhar o sofrimento de outra pessoa e que motiva um desejo subsequente à ternura numa abordagem expansiva, um sentimento de “calor-e-difuso”, muitas vezes suscitado pelos delicados e indefesos.

É possível diferenciar ternura, compaixão e simpatia. A ternura tem sido associada à vulnerabilidade no alvo, ou seja, uma necessidade a longo prazo, enquanto a motivação resultante da simpatia é direcionada para uma necessidade atual. Embora a distinção relativa à compaixão seja menos clara, uma sugestão é que a compaixão é um construto de ordem

superior, que consiste em sentimentos de simpatia e pena. Como esses termos estão mais preocupados com os sentimentos de um em relação à situação do outro, em vez de compartilhar emoções, eles estão mais relacionados à simpatia do que à empatia (GILBERT, 1989).

Talvez o aspecto mais discutido da empatia seja se é um conceito cognitivo ou afetivo. Empatia cognitiva é a capacidade de entender os sentimentos alheios, intimamente relacionados à teoria da mente (BLAIR, 2005). A empatia afetiva preocupa-se com a experiência da emoção, provocada por um estímulo emocional. Algumas definições são baseadas apenas em componentes afetivos ou cognitivos, entretanto, muitas definições incluem ambas.

Por exemplo, Lamm, Batson e Decety (2007) sugeriram que, embora a empatia afetiva seja automaticamente desencadeada, a manipulação de elementos cognitivos pode modular elementos afetivos. Dada a discussão anterior, um ponto de vista apropriado pode ser o de Heberlein e Saxe (2005), pois enquanto os componentes afetivos e cognitivos podem ser separados, é importante lembrar a interação entre os dois processos. Para dar outra perspectiva, Strayer (1987) sugeriu que o componente afetivo é o conteúdo da empatia, enquanto o componente cognitivo é o processo pelo qual esse conteúdo é formado.

Um outro ponto a considerar é se a empatia é necessariamente restrita a um contexto emocional, ou se a cognição pode ser considerada apenas "empatia". Por exemplo, a empatia apenas cognitiva poderia ajudar os terapeutas a entender os pensamentos e os significados dos clientes, e os professores a reconhecerem uma falta de entendimento nos alunos.

No entanto, embora inferir compreensão e significado em outros use processos muito semelhantes à empatia cognitiva (por exemplo, tomada de perspectiva), a falta de interação com qualquer processo afetivo parece inconsistente com a visão amplamente aceita da empatia como um evento emocional (explicitamente declarado ou implícito pela a maioria das conceituações aqui identificadas). Para evitar confusão, recomendamos um termo diferente para esses cenários, como o entendimento empático (ROGERS, 1967). Outro debate diz respeito à questão de saber se a empatia cognitiva e a tomada de perspectiva (ou seja, a perspectiva do alvo, adotando seu ponto de vista) são o mesmo construto.

Doherty (1997) elucida que a empatia envolve tanto componentes cognitivos quanto componentes emocionais mais primitivos, considerando que mesmo os neonatos parecem sentir o que os outros estão sentindo e responder de maneira congruente. Como bem afirma Goleman et al. (2017, p. 52): “A transmissão de emoções é um processo primitivo e inconsciente que age como uma sincronia e nasce da nossa sobrevivência”. Importante mencionar, ainda com base em Doherty (1997), que a empatia e o contágio emocional estão diretamente relacionados, pois,

envolve a atenção de pistas internas e externas, quanto mais empática uma pessoa, maior a probabilidade de sua instabilidade emocional.

De acordo com Barsade (2002), a empatia é um constructo multifacetado, que tem o contágio emocional como componente, que se inicia com o indivíduo vendo e/ou antecipando a emoção de outra pessoa e, em seguida, experimentando-a, como a outra, de forma explícita. Assim, é possível entender a empatia como fio condutor do contágio emocional, com a empatia como um o processo inicial, seguido do contágio emocional. Esse assunto é melhor abordado no tópico a seguir.

2.3 Contágio emocional

Os seres humanos têm uma capacidade surpreendente de compreender intuitivamente os estados mentais de outros indivíduos, isso porque a observação de uma ação em outro indivíduo aciona diretamente a ativação de substratos neurais correspondentes no observador através do qual a ação pode ser entendida. Estudos recentes têm demonstrado que circuitos neurais são ativados na observação da ação do movimento do outro, surgindo a *Action Observation Network*, em português Rede de Observação da Ação, que descreve a atividade nos córtices pré-motor e parietal bilaterais durante a observação da ação (CONDY et al., 2021; LIEW et al., 2013).

A Rede de Observação da Ação trata-se de um sistema de estruturas cerebrais propostas para ter habilidades de "espelhamento" (por exemplo, ativa quando um indivíduo completa uma ação ou quando observa outro completar essa ação), foi estudada em humanos por meio de medidas neurais como a Espectroscopia Funcional em Infravermelho Próximo (fNIRS) e eletroencefalograma (EEG) (CONDY et al., 2021). Considerando esse espelhamento a partir da observação de uma ação, é possível melhor compreender sobre o contágio emocional.

De acordo com Doherty (1997), o contágio emocional é um conjunto de fenômenos psicofisiológicos, cognitivos, comportamentais e sociais, nos quais os estímulos provocadores surgem de um indivíduo, agem sobre um ou mais e produzem respostas emocionais congruentes, que podem ser alterações experimentais, fisiológicas e/ou comportamentais. A notável capacidade de compartilhar os estados afetivos de outros e ter empatia com os outros é a principal característica de muitas das realizações modernas da humanidade. O desenvolvimento da cognição social está intimamente relacionado ao desenvolvimento da comunicação emocional e afetiva entre uma criança e sua mãe.

O contágio emocional é definido como a tendência a assumir os estados sensoriais, motores, fisiológicos e afetivos de outras pessoas que formam um grupo. Um dos principais mecanismos subjacentes ao contágio emocional é o mimetismo automático (sincronização de expressões, vocalizações, posturas e movimentos com os de outra pessoa). Quando as pessoas imitam inconscientemente as expressões de emoção de seus parceiros, elas passam a sentir reflexos dessas emoções também.

É importante notar que, embora o contágio emocional esteja relacionado à imitação, não é o mesmo fenômeno. O contágio emocional é um fenômeno multinível que pode surgir de vários tipos de imitações que ocorrem em diferentes níveis de processamento (sensoriais, motor, fisiológico e afetivo). Por exemplo, se alguém imita nossas expressões faciais, isso não significa que ele esteja experimentando o mesmo estado emocional que nós. Isso ocorre porque o componente afetivo somente dos músculos motores nem sempre se estende à experiência emocional completa, ou seja, ao sentimento psicológico associado a ele.

Em outras palavras, o contágio emocional é um construto cognitivo / emocional mais alto que não está necessariamente vinculado a uma forma específica de imitação. Uma teoria desenvolvida por Hatfield et al. (1994) propôs que o contágio emocional é resultado de múltiplos fenômenos psicológicos e comportamentais. Isso ocorre porque o contágio emocional pode ser produzido por uma estimulação social complexa (por exemplo, uma mãe dando um elogio / crítica verbal ao filho) ou um estímulo não-verbal mais inato (por exemplo, expressões faciais positivas / negativas da mãe para o bebê). Nos dois casos, é provável que essas expressões resultem em contágio emocional (uma transferência afetiva entre a mãe e o bebê).

Miller et al. (2012) evidenciaram o bocejo contagioso tendo como ideia básica que observando os outros, as espécies aprendem indiretamente com seus co-específicos a adaptar prontamente o mesmo estado que os co-específicos, que por sua vez trazem benefícios de sobrevivência.

Nesse ponto, cabe destacar o estudo realizado por Tamietto e Gelder (2008), que evidenciou que até mesmo pessoas cegas neurológicas que não conseguem identificar uma figura, têm ativado pelo menos as áreas ascendentes do tálamo, não chegando até a visão, mas, ainda assim, ativando o cérebro. É o que os autores chamam de visão cega afetiva, que é a capacidade visual residual de pacientes com danos ao córtex visual primário (V1, córtex estriado) de reagir de forma confiável à valência emocional de estímulos apresentados a seus campos visuais cegos e cuja presença e propriedades, eles são incapazes de relatar.

Na medida em que a visão não consciente pode ser criada por técnicas experimentais em indivíduos com visão normal, suas habilidades residuais também são chamadas de visão

cega afetiva quando se trata de estímulos emocionais. A partir disso, pode-se concluir que mesmo pessoas cegas conseguem fazer mímica facial, ou seja, se observarem uma expressão facial de uma outra pessoa, ainda que não estejam vendo, acabam ativando circuitos implícitos de processamento emocional (TAMINETTO; GELDER, 2008).

Prosseguindo com este estudo, Celeghin, Gelder e Tamietto (2015) trouxeram como principais conclusões de sua pesquisa que: pacientes com cegueira cortical podem responder acima do acaso a emoções invisíveis; esses pacientes oferecem uma janela para as propriedades vestigiais de nosso sistema visual; e que o repouso induzido por emoções invisíveis sublinha a atividade das estruturas subcorticais. De acordo com os autores, abordar a consciência, e sua ausência, do ponto de vista do processamento da emoção pode revelar relações importantes entre os dois fenômenos, já que a consciência pode ter evoluído como uma especialização evolutiva para interagir com outras pessoas e tomar consciência de suas expressões sociais e emocionais.

A representação esquemática de Kret (2015) do processamento emocional mostra que as emoções são expressas e experienciadas dentro de três principais compartimentos de comunicação, a saber: psicológico (sentimentos / emoções), fisiológico (excitação) e comportamental (expressões). Consequentemente, o contágio emocional provavelmente ocorrerá por todos esses três canais, embora nem sempre sejam necessários simultaneamente.

Wergin et al. (2018) e Moll, Jordet e Pepping (2010), buscaram avaliar a relação do contágio emocional com o desempenho dos(as) atletas durante uma partida, no caso de Wergin et al. (2018), a ideia foi de analisar os casos de colapso em equipes coletivas, já Moll et al. (2010) tentou identificar a relação que existe entre a reação de comemoração de um jogador ou uma jogadora de futebol ao fazer um gol numa disputa de pênalti e o resultado final da disputa de pênalti.

Corroboram ainda para este tema as pesquisas de Hatfield, Cacioppe e Rapson (1994) definindo contágio emocional como "a tendência pessoal de mimetizar e sincronizar expressões faciais e corporais, vocalizações faladas e cantadas, posturas e movimentos de outra pessoa de modo a convergir emocionalmente" (p. 96). Trata-se de um fenômeno multiplicador, que envolve tendências psicológicas, fisiológicas, comportamentais e sociais. Ou seja, é um fenômeno que se processa em múltiplas dimensões: a emoção é percebida e interpretada por outro(s) ou outra(s), o que desencadeia uma experiência emocional correspondente ou mesmo complementar. Desse modo, se pode chegar a uma sincronia emocional, de atenção e comportamento, apontando tanto uma utilidade adaptativa para grupos sociais quanto para o indivíduo.

No estudo realizado por Doherty (1997), é destacado que o contágio emocional entre indivíduos é resultado de processos empáticos, havendo um consenso de que a empatia consiste em componentes emocionais cognitivos e um dos mais primitivos que faz com que o indivíduo, em convivência com o outro, tome para si o que o outro está sentindo. E por ser a empatia algo natural ao ser humano, não ser contagiado emocionalmente exige um desenvolvimento cognitivo capaz de diferenciar os atributos psicológicos de si e dos outros.

De acordo com o modelo de percepção-ação de Preston e de Waal (2002), a forma mais básica de empatia é o contágio emocional, que é a tendência a assumir os estados sensoriais, motores, fisiológicos e afetivos de outros. Empatia é colocar-se no lugar da outra pessoa, pensando em sua visão de mundo e sentimentos. É uma arte verdadeira que nem todo mundo sabe usar, mas seria muito útil se soubessem, mas colocar-se no lugar da outra pessoa não significa desapegar-se de suas próprias emoções. Tudo o que isso significa é lembrar que a outra pessoa está lá e tentar entendê-la. Por outro lado, contágio emocional significa tornar as emoções de outras pessoas as suas.

O contágio emocional depende principalmente de comunicações faciais e outras comunicações não verbais, embora tenha sido demonstrado que ocorre através de telecomunicações. Heyes (2018) explica que o contágio emocional e a empatia estão diretamente relacionados, exemplificando com a empatia em ver uma pessoa triste, havendo uma tendência do sujeito ser mais simpático, “tenho simpatia por você sempre que entendo que você está triste”.

Por outro lado, aqueles ou aquelas que consideram a empatia primariamente como uma força para o bem na vida pública e pessoal tendem a identificar empatia com qualquer tipo de sentimento generoso ou compassivo em relação aos outros. Meu desejo de que você faça bem e evite o sofrimento é empático, independentemente de onde ele veio e o que você está sentindo atualmente. Meu estado emocional não precisa ser semelhante ao seu (HEYES, 2018).

Para Gilbert (2010), a neurobiologia da empatia é central neste aspecto emocional e interpessoal. De acordo com o seu pensamento, os princípios e desafios da humanidade é estimular o real caminho evitando os problemas e pensando na melhor maneira possível em realizá-los para o benefício de todos e estar pronto para aprender todas as coisas.

Gilbert (2009) ainda observa a importância do habitar e o domínio do ser como ser uma pessoa escolhida de inteligência eminente, dedicada exclusivamente ao sucesso social e depende também como as pessoas são afetadas as emoções e o estado real de espírito dos outros sendo um exemplo de vida. O indivíduo tem que proporcionar atividades que gostam e exercer a sua curiosidade, para que se sentem melhor para fazer seus próprios pontos de vista sobre o

interesse e as necessidades de distinguir ambientes seguros dos inseguros para uma reação melhor na vida.

Nesse âmbito vale destacar a neurobiologia interpessoal, que integra cérebro, corpo e relacionamentos, explorando os impactos recursivos de nosso eu físico-neurológico e processos sociais, inseridos no contexto sociocultural mais amplo. Nessa perspectiva, de acordo com Siegel (2011), verifica-se a percepção de que as interações sociais afetam em tudo o indivíduo. A necessidade que o ser humano possui de interagir socialmente é neurobiológica, o contato com outras pessoas desencadeia a ativação neural, o que influencia o ambiente interno dos neurônios.

Explica-se que as emoções servem como comunicação entre as pessoas. Existem músculos faciais dedicados a expressar emoções e neurônios do cérebro que se especializam em ler emoções no rosto de outras pessoas. Ambos os processos acontecem rapidamente e sob a consciência. Existem emoções universais compreendidas por culturas em todo o mundo. Nessa interação, os indivíduos captam emoções um dos outros (SIEGEL, 2011).

De acordo com Harfield, Cacioppo e Rapson (1994), à medida que captamos as emoções dos outros, somos afetados por elas, às vezes experimentando contágio emocional. Isso ocorre sob a consciência e pode ser deletério se o outro estiver transmitindo emoções negativas ou tóxicas. Interpessoalmente, a reatividade em um membro da família ou parceiro pode ser captada e sentida por outro, sem que nenhum deles esteja ciente do que está acontecendo.

Enquanto na neurobiologia da empatia, se tem um limite entre o eu e o outro. Ao observar outra pessoa com dor, os próprios centros de dor são ativados. Tanto a ínsula quanto o córtex somatossensorial estão envolvidos. Sobre o assunto, Doherty (1997, p. 133) explica:

O contágio emocional é uma família multiplamente determinada de fenômenos psicofisiológicos, cognitivos, comportamentais e sociais em que os estímulos eliciadores surgem de um indivíduo, agem sobre um ou mais outros e produzem respostas emocionais que são congruentes (por exemplo, resposta sorridente a sorrisos) ou complementares (por exemplo, retirada de uma ameaça de golpe) para os estímulos eliciadores. As respostas podem incluir mudanças experienciais, fisiológicas e / ou comportamentais características da expressão emocional que está sendo imitada.

Na pesquisa realizada por Gondim et al. (2014), foi verificado que as mulheres são mais suscetíveis ao contágio emocional, visto que são favorecidas por seu processo de socialização que as prepara para reconhecer e vivenciar as emoções do outro e expressar-se em congruência com este estereótipo. Os autores ainda verificaram que quanto maior o nível educacional das pessoas, menor é o contágio emocional, justificando como, possivelmente, por melhor

conseguirem separar as suas emoções das do outro. Gouveia et al. (2007) também confirmaram maior suscetibilidade da mulher para o contágio emocional.

A maior suscetibilidade das mulheres para o contágio emocional pode ser explicada pelas suas próprias características sociais, considerando que baseando-se em Doherty (1997), Gouveia et al. (2007, p. 47) apontaram as seguintes características presentes nas pessoas mais propensas ao contágio emocional:

- (a) prestam muita atenção e são capazes de ler as expressões emocionais dos outros;
- (b) percebem-se como interdependentes e interrelacionadas, muito mais do que independentes e únicas;
- (c) tendem a imitar expressões faciais, vocais e posturais; e
- (d) sua experiência emocional consciente é muito influenciada por feedbacks periféricos, isto é, comentários e observações realizadas a seu respeito por outros, ainda que de forma indireta.

Verifica-se, assim, características de personalidade mais presentes no público feminino. Nesse sentido, Doherty (1997) afirma que a suscetibilidade ao contágio emocional pode ser influenciada por fatores como genética, gênero, experiência inicial e características de personalidade, destacando-se elementos de temperamento, como tendências de aproximação ou retirada, distração e capacidade de atenção, além de limiar e intensidade da capacidade de resposta. De acordo com o autor, pessoas que são mais afetadas por reações emocionais de alta intensidade seriam especialmente propensas ao contágio emocional, ou seja, a pessoa tende a imitar inconscientemente as expressões emocionais do outro.

Vale ressaltar que além do processamento neural, da internalização dos símbolos, dos significados, da expressão facial dos outros, os seres precisam criar uma programação interna para entender a emoção do outro, com isso, estudos têm demonstrado outros tipos de modulação emocional, de contágio pela proximidade, não necessariamente pela visão, mas sim do feromônios (GROOT et al., 2015; SEMIN et al., 2019).

De acordo com Semin et al. (2019), o suor de um remetente produzido em um contexto emocional específico induz um estado afetivo semelhante em um receptor, medido por métodos psicofisiológicos, cognitivos e comportamentais, com essa forma de comunicação escapando do consciente. Nesse sentido, Groot et al. (2019) complementar afirmando que os feromônios presentes no suor humano funcionam como sinais químicos, sendo assim, capazes de comunicar estados negativos (por exemplo, medo, repulsa) e também emoções positivas (ou seja, felicidade).

Portanto, verifica-se que evidências recentes demonstram a necessidade de maior atenção a essa comunicação química das emoções que tem sido percebida não somente entre

membros da mesma espécie, mas também interespécies, ainda precisando de mais pesquisas para que seja possível consolidar o assunto. Nesse âmbito, o contágio das emoções pelos meios visuais e auditivos está bem estabelecido, com os neurônios-espelho exercendo fundamental importância nesse processo, como se descreve no tópico a seguir.

2.3.1 O papel dos neurônios-espelho no contágio emocional

Um tema importante no estudo neural da emoção tem sido a busca por redes cerebrais que são seletivamente envolvidas em emoções específicas. Durante as interações sociais, as pessoas tendem a se alinhar automaticamente ou imitar as expressões faciais, vocalizações, posturas e outros estados corporais. A imitação automática pode estar implicada na empatia e afiliação. Os neurônios-espelho foram descobertos por Rizzolatti et al. (1996) a partir de um experimento com macaco Rhesus, quando demonstraram que um conjunto de neurônios localizados na rede F5, lobo frontal, quando o animal observa outro indivíduo, da mesma espécie ou não, e repetia a mesma tarefa.

Pode-se dizer que os neurônios-espelho são a razão fisiológica e biológica por trás do contágio emocional. Nos seres humanos, o córtex pré-motor e a área parietal do cérebro, hipocampo e sistema límbico são responsáveis pela execução e pela percepção das emoções, sendo os neurônios-espelho acionados quando ações relacionadas a objetivos são vistas ou executadas por outros.

As teorias de simulação foram bastante estimuladas pelo estudo da execução e observação de ações em macacos. De acordo com Keysers e Perrett (2004), foram verificadas que duas redes reciprocamente conectadas, a área F5 no córtex pré-motor ventral e a área parietal PF, continham um conjunto de neurônios que respondem tanto à execução de interações mão-objeto quanto à visão de ações semelhantes.

Devido ao seu papel comum nas perspectivas de primeira (eu entendo) e de terceira pessoa (ele capta), esses neurônios foram chamados de 'neurônios-espelho'. Vincular o que o macaco vê as pessoas fazer com o que ele próprio faz pode fornecer uma visão intuitiva das ações dos outros. Dadas suas propriedades, os neurônios-espelho parecem particularmente adequados para fornecer insights sobre as ações de indivíduos específicos (KEYSERS; PERRETT, 2004).

Para que melhor pudesse entender sobre os neurônios-espelho, Carrillo et al. (2019) desenvolveram um estudo com ratos, demonstrando que o córtex circundado anterior (CCA) do rato (área 24) contém neurônios que respondem quando um rato experimenta a dor

provocada por um laser e ao testemunhar outro rato recebendo essa mesma dor. A maioria desses neurônios não responde a um som condicionado (SC) ao medo. Desativar essa região reduz o congelamento ao testemunhar passos de outros, mas não ao ouvir o SC. Um decodificador treinado em contagem de espigões enquanto testemunha pegadas em outro rato pode decodificar a intensidade do estímulo, ao testemunhar dor em outro e ao sentir a dor em primeira mão.

Assim, existem neurônios espelhados no CCA que codificam a dor de outras pessoas em um código compartilhado com a experiência de dor em primeira mão. Uma população menor de neurônios reagiu ao testemunhar passos de outras pessoas e ao ouvir o SC, mas não ao sentir dor provocada por laser. Essas respostas diferenciais sugerem que o CCA pode conter canais que mapeiam o sofrimento de outro animal em um mosaico de canais sensíveis à dor e ao medo no observador (CARRILLO et al., 2019).

Ressalta-se que desde a descoberta dos neurônios-espelho, um grande número de estudos neurofisiológicos mostrou que redes cerebrais similares são ativadas ao observar e ao executar uma ação específica, ou ao perceber um determinado estímulo emocional ou sensorial. Esses fenômenos de espelhamento apoiavam a visão de que um observador pode decifrar as ações e os estados de um ator por meio de pelo menos uma simulação parcial dos mesmos circuitos neurais e estados internos suscitados como ator.

Quando os neurônios-espelho são ativados, eles acionam o mesmo circuito cerebral ativo nas pessoas que você está assistindo. É assim que você acaba sentindo essa emoção como sua, mesmo que não a sinta naturalmente. Portanto, é nos neurônios-espelho e em outras partes do cérebro, como o córtex insular, que encontramos uma explicação para o fenômeno chamado contágio emocional (GOLEMAN, 2012).

Pesquisas em neurociência social como a realizada por Anders et al. (2011) sugerem que a observação do estado emocional de outra pessoa ativa automaticamente a mesma representação neural desse estado afetivo no observador, juntamente com respostas autonômicas e somáticas relacionadas a eles. De acordo com os autores, trata-se do que se pode chamar de 'ressonância neural' ou 'acoplamento cérebro a cérebro' e documentaram que esse é um fenômeno robusto e consistente nos estudos de percepção emocional.

Wood et al. (2016) explicaram que quando as pessoas observam uma expressão facial de emoção, elas próprias experimentam ativação parcial nas populações neurais correspondentes, o que pode (ou não) resultar em imitação automática da expressão emocional. De acordo com a teoria do feedback facial, imitar expressões faciais de emoção ajuda a reconhecer a expressão emocional da pessoa observada. Por meio do feedback aferente dos

próprios movimentos musculares e das mudanças na ansiedade, o mimetismo automático ajuda as crianças a sentir o que o cuidador está sentindo e a entender melhor os estados mentais do cuidador. Momento a momento, experiências emocionais subjetivas são afetadas por essa imitação.

A suposição central do modelo de ação da percepção da empatia proposto por Preston e Waal (2002) é que a percepção do estado de um alvo ativa automaticamente as representações correspondentes desse estado no observador, o que, por sua vez, ativa respostas somáticas e autonômicas.

Hasson et al. (2012) propuseram que estímulos ambientais, incluindo faces, emitem diferentes formas de energia mecânica, química e eletromagnética. Os receptores sensoriais convertem esses elementos em impulsos elétricos que o cérebro usa para coletar informações ambientais e coordenar uma ação apropriada. Dessa maneira, através da transmissão de um sinal pelo ambiente, os processos neurais em um cérebro podem acoplar-se aos processos neurais em outro.

Kilner et al. (2007) elucidam que a estrutura de codificação preditiva do sistema de neurônios-espelho fornece um relato promissor de seus mecanismos potenciais. Esses cálculos preditivos não estão necessariamente vinculados a um sistema neural específico, mas podem ocorrer em diferentes formas de processamento funcional, incluindo o sistema emocional. Através do feedback sensório-motor, o corpo de um organismo recebe informações essenciais de seu ambiente.

O fato de despertar estímulos e as reações de outras pessoas em relação a despertar induzem a excitação no observador tem óbvios benefícios evolutivos. No entanto, é importante observar que não podemos apenas assumir que os estados autonômicos percebidos do remetente devem apenas obter os estados autonômicos correspondentes por causa do valor adaptativo. Só porque as respostas padrão existem, isso não significa que elas determinem ações humanas.

Em vez de o cérebro ser um órgão de "estímulo-resposta" estimulado por um tipo específico de emoção (por exemplo, medo, felicidade ou raiva), o cérebro funciona como um sistema gerador que constrói as emoções de outras pessoas à medida que a informação afetiva se acumula ao longo do tempo.

Embora a informação visual (por exemplo, tamanho da pupila, vermelhidão facial) forneça uma descrição dos componentes afetivos visíveis, não fornece uma explicação completa crítica para a compreensão do estado emocional do outro em toda a sua complexidade. Para essa conjunção, uma variedade de informações autonômicas é essencial para estimar a

probabilidade anterior (de experiências passadas) para criar as probabilidades posteriores que servem como uma previsão sobre a ação.

Kleckner et al. (2017) argumentaram que as entradas sensoriais ascendentes dos órgãos, como a função visceral e vascular autonômica, flutuações neuroendócrinas são igualmente antecipadas pelo cérebro para antecipar as necessidades corporais antes mesmo de surgirem. Os resultados de sua pesquisa mostraram que indivíduos com maior conectividade funcional dentro do sistema alostático/interoceptivo possuem maior excitação ao visualizar imagens e também demonstraram uma maior atividade do sistema nervoso simpático ao visualizar imagens excitantes. Essa evidência sugere que essas redes transferem informações emocionais entre os indivíduos e que a conectividade dessa rede é essencial para experiências indiretas (concordância entre medidas objetivas e subjetivas de excitação corporal).

2.4 Trabalho em equipe e as perspectivas de grupos

Vive-se em um meio onde a sociedade é formada por diversas organizações e no início do século XXI houve uma grande necessidade de inovações, nas organizações e a sociedade se torna organizacional, pois tudo depende de uma organização e depois de um longo percurso de teorias chegamos à conclusão do quanto são importantes, uma vez que nos permite encontrar os melhores caminhos para o sucesso e, se tratando de organizações, não podemos deixar de falar das pessoas que compõem as organizações.

As equipes buscam alcançar as mesmas metas e nela se desenvolve uma troca de experiência adquirido um alto desempenho e para isso acontecer é necessário se preocupar com os fatores que sustentam a equipe como:

MATURIDADE EMOCIONAL NOS RELACIONAMENTOS: sensibilizar para a aceitação das diferenças individuais, aprender com a adversidade, com o diferente;
CLAREZA E TRANSPARÊNCIA NOS OBJETIVOS: os integrantes da equipe têm que conhecer os objetivos, as metas da empresa;
COMUNICAÇÃO: sensibilizar para a troca, para o feedback; para falar de sentimentos, dar e receber sugestões;
CONHECER PRAZOS E RECURSOS DISPONÍVEIS: os integrantes devem ter um panorama do que devem fazer de como e de até quando fazer;
DISPOSIÇÃO PARA APRENDER E MUDAR: sensibilizar para aprender com os erros, mudar de estratégias, compartilhar conhecimentos;
RESPEITO MÚTUO: desenvolver uma relação de confiabilidade e comportamento ético;
Confiança: acreditar na equipe e na ideia de que é possível atingir os objetivos do grupo (KNAPIK, 2008, p. 60).

Sabemos da grande importância do bom desenvolvimento das equipes de trabalho dentro das empresas, ele proporciona lucratividade indiretamente, pois se a equipe sabe onde quer chegar a empresa atinge o alvo, mas lembrando que precisa estar em bom desenvolvimento, para isso acontecer o líder tem que estar ciente do seu papel e criar estratégias de forma inovadora evitando desgaste e resolvendo conflitos.

Boa parte dos problemas das organizações deriva da tradicional hierarquia aplicada às equipes, que se baseia em um líder único, que distribui as tarefas, toma decisões e cobra resultados. De acordo com Behken (2016), no trabalho em equipe, a responsabilidade deixa de ser individual e passa a ser compartilhada, cada decisão é tomada pelo componente reconhecido pelos demais como o mais preparado para aquela situação específica, levando-se em conta a formação e a experiência no assunto, e não apenas o peso do cargo que ocupa. As pessoas precisam saber como se relacionar da forma mais harmoniosa possível, sem se desgastar com o colega de trabalho, com o chefe, com o subordinado, com o cliente, com o fornecedor, definitivamente, entender de gente tornou-se um requisito importantíssimo.

Quando um indivíduo reage ao estímulo enviado tem-se uma transação, que é a unidade de relacionamento social. E é o conteúdo da transação que vai determinar a qualidade da relação interpessoal que pode ser estabelecida. Não se pode esquecer que as pessoas são produtos de suas atitudes e só se ganha credibilidade e espaço organizacional se ajudarem outros a crescerem. Trabalhar em equipe é uma grande fonte para esta finalidade. As relações interpessoais no cotidiano acontecem com todos, durante toda a vida. Não dá para evitar, bem ou mal, as pessoas estabelecem relações entre si no dia a dia (BEHKEN, 2016).

Para Behken (2016), cabe ao líder conhecer as ferramentas de administração do tempo e gerenciá-las da melhor forma possível. Importante também que toda a equipe conheça as gravidades de situações que podem acontecer em seus próprios setores.

2.4.1 Grupos operativos de Pichon-Riviere

Pichon-Rivière é o idealizador da técnica dos grupos operativos, um médico psiquiatra, que a partir de uma experiência no hospital de Las Mercedes, em Buenos Aires, quando ocorria uma greve de enfermeiras, a qual inviabilizava o atendimento aos pacientes portadores de doenças mentais no que diz respeito à medicação e aos cuidados de uma maneira geral, formulou uma assistência para os pacientes “menos comprometidos”, uma assistência para com os “mais comprometidos”.

Assim, a partir da técnica idealizada por Pichon-Rivière os próprios pacientes se ajudam. A experiência criada pelo psiquiatra foi bastante produtiva para todos os pacientes, tanto para aqueles que assumiram a função de cuidador quanto para os que assumiram a posição de cuidado, podendo-se perceber uma maior identificação entre eles, podendo-se estabelecer uma parceria de trabalho, uma troca de posições e lugares, trazendo como resultado uma melhor integração. A partir da primeira experiência benéfica, Pichon-Rivière começou a trabalhar outros grupos, observando, por exemplo, a influência do grupo familiar em seus pacientes.

Segundo Osório (2003), um grupo é constituído por um conjunto de pessoas que interage entre si, ele se une por diversas razões, como: a vida familiar, uma atividade cultural ou profissional, político ou esportiva, amizade, religião. Pode-se falar em dois tipos de grupos: a família, que é o grupo primário e o trabalho, estudos, instituições e outros são grupos secundários.

Vale ressaltar que Pichon-Rivière tinha sua prática fundamentada na psicanálise e na psicologia social, sendo o fundador da Escola Psicanalítica Argentina (1940) e do Instituto Argentino de Estudos Sociais (1953). Para Pichon-Rivière (1998), a formação do profissional deve ter como objetivo instrumentar o sujeito para uma prática de transformação de si, dos outros e do contexto em que estão inseridos. A aprendizagem é sinônimo de mudança, devendo haver uma relação dialética entre sujeito e objeto e não uma visão unilateral, estereotipada e cristalizada.

Pode-se dizer que a aprendizagem que possui como foco os processos grupais colocam em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. Deve-se ter que a aprendizagem como um processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros.

No caso da técnica de grupos operativos tem-se um trabalho com grupos visando a promoção de um processo de aprendizagem para aqueles sujeitos que estão envolvidos, a partir de uma leitura crítica da realidade, uma atitude instigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações. Deve-se destacar os objetivos da psicologia social, que de acordo com Gayotto (1992), estuda o sujeito contextualizado, verificando suas interações, no interjogo entre vida psíquica e estrutura social, que marca a constituição do sujeito. É do sistema de relações vinculares que emerge o sujeito predominantemente social, inserido numa cultura, numa trama complexa, por meio da qual internalizará vínculos e relações sociais que vão constituir seu psiquismo.

Para Pichon-Rivière (1988), o grupo funciona como uma ferramenta de transformação da realidade, estabelecendo relações grupais entre seus integrantes, que começam a partilhar objetivos comuns, a ter uma participação criativa e crítica, podendo perceber como interagem e se vinculam. Pichon-Rivière (1988) estabeleceu a partir da interação em grupo a teoria do vínculo, a qual possui um caráter social na medida em que compreende que sempre há figuras internalizadas presentes na relação, quando duas pessoas se relacionam, ou seja, em uma estrutura triangular.

Assim, tem-se o vínculo bicorporal e tripessoal, isto é, em todo vínculo há uma presença sensorial corpórea dos dois, havendo um personagem que está interferindo sempre em toda relação humana, que é o terceiro. Podendo-se dizer, portanto, que vínculo é uma estrutura psíquica complexa.

Para Pichon-Rivière (1988), o circuito vincular possui uma direção e um sentido, possuindo um “porquê” e um “para quê”, segundo o psiquiatra quando somos internalizados pelo outro e internalizamos o outro dentro de nós é possível identificar o estabelecimento do vínculo de mútua representação interna.

Pode-se dizer que o vínculo consiste em uma estrutura complexa, de acordo com Gayotto (1992), à medida que a relação grupal vai sendo internalizada, ela possibilita que o sujeito possa construir uma forma de interpretar a realidade própria de cada um. Nesse contexto, tem-se no grupo operativo uma estrutura que possibilita aos integrantes meios para que eles entendam como se relacionam com os outros.

Na técnica de grupos operativos de Pichon-Rivière é possível perceber três tarefas: tarefa implícita (aprendizagem, diagnóstico ou tratamento); tarefa explícita (o modo como cada integrante vivencia o grupo); e enquadre que são os elementos fixos (o tempo, a duração, a frequência, a função do coordenador e do observador). O processo grupal se caracteriza por uma dialética na medida em que é permeado por contradições, sendo que sua tarefa principal é justamente analisar essas contradições. Vale ressaltar que, segundo Pichon Riviere (1988), os grupos em sua essência são todos iguais, porém, a diferença reside na finalidade que motivou o grupo a ser criado e composto.

Para Pichon Rivière (1988), o grupo é caracterizado como operativo quando apresenta os seguintes aspectos: um compromisso grupal para a realização da tarefa; encontra-se em um mesmo lugar e horário para realizar uma tarefa em comum; os participantes têm os outros no pensamento através de relações que estabelece no grupo (grupo interno); os participantes se comunicam através dos papéis que desempenham no grupo; O grupo vence as dificuldades (resistências) que aparecem e que impedem à realização da tarefa; exemplos de grupos

operativos: o aprendizado, a cura, o diagnóstico da organização do trabalho. Logo, o grupo operativo foca sua dinâmica no “fazer” das pessoas.

Desta forma, a finalidade é aprender a pensar em conjunto; aprender a pensar na resolução das dificuldades identificadas no campo grupal e não em cada um de seus integrantes; desenvolver a capacidade de resolver contradições sem criar novas situações conflitantes, criando dessa forma um contágio emocional positivo entre seus membros, a fim de cumprir suas tarefas da forma mais funcional possível. Pichon Rivièr (1994) comenta que os cinco papéis existentes nos grupos operativos são:

- a) **O líder de mudança**, é aquele que leva a tarefa adiante, enfrenta conflitos e busca soluções, arrisca-se diante do novo;
- b) **O líder de resistência**, puxa o grupo para trás, freia avanços, ele sabota as tarefas, levantando as melhores intenções de desenvolvê-las, mas poucas vezes cumpre;
- c) **O bode expiatório**, que assume as culpas do grupo, o livrando dos conteúdos que provocam medo, ansiedade;
- d) **O representante do silêncio** assume as dificuldades dos demais para estabelecer a comunicação, obrigando o resto do grupo a falar; e
- e) **O porta-voz** é aquele que denuncia a enfermidade grupal, é ele quem denuncia as ansiedades do grupo, verbaliza os conflitos que estão latentes no grupo.

Os grupos operativos, também, apresentam três momentos que são:

- a) **Pré-tarefa**: o grupo foge, evita a tarefa, em função de dois medos básicos: o medo de perder o conhecido, o que é seguro e o medo do novo, de um possível “ataque” do desconhecido. Nesta fase, há uma grande resistência à mudança, e utilização de defesas dissociativas para a elaboração destas ansiedades;
- b) **Tarefa**: o grupo se centraliza na tarefa, e inicia a elaboração e a superação dos medos básicos que perturbam a aprendizagem; e
- c) **Projeto**: o grupo planeja suas ações futuras (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Os processos de interação grupal são fundamentais também para compreendermos o grupo de líderes analisado, são eles:

- a) **Afiliação** - é uma aproximação não fixa com a tarefa, em maior ou menor grau de identificação dos membros do grupo entre si;
- b) **Cooperação** - capacidade de ajudar-se mutuamente e é dada pela possibilidade do grupo fazer consciente a estratégia geral;
- c) **Pertinência** – é a capacidade de centrar-se na tarefa explícita e implícita. É medida pela capacidade do grupo de romper estereótipos, elaborar lutos, redistribuir papéis e vencer resistências a mudanças. É a expressão do desejo grupal;
- d) **Comunicação** - é o intercâmbio de informações entre membros do grupo (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Para não haver obstáculos no entendimento das mensagens de cada um é importante que não aconteça “formação de ruídos” nessa comunicação, o que causaria dificuldades para enfrentar a tarefa, nesse âmbito, tem-se:

- a) **Aprendizagem** - se dá em dois momentos, sendo o primeiro a soma de informações de cada integrante do grupo e o segundo é o desenvolvimento de condutas alternativas diante dos obstáculos que se apresentam, rompendo formas arcaicas de comportamento; e
- b) **Tele** - refere ao clima afetivo, apresentando o grupo em diferentes momentos, ou seja, é a disposição positiva ou negativa para interagir com os membros do grupo. Diz respeito a empatia entre os participantes do grupo, que pode ser positiva ou negativa. É o clima que se desenvolve no grupo causando sentimento de atração ou rejeição no tocante as tarefas. A *tele* seria ainda “o cimento que mantém unidos os grupos” (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Para representar o movimento de estruturação, desestruturação e reestruturação de um grupo, Pichon-Rivière (1988) utiliza o que chamou de cone invertido, que consiste em um instrumento que visualiza uma representação gráfica em que estão incluídos seis vetores de análise articulados entre si, possibilitando verificar os efeitos de mudança. Para esclarecer sobre os vetores de análise do cone invertido, Visca (1987, p. 39) elucida que:

Em poucas palavras, a pertença consiste na sensação de sentir-se parte, a cooperação consiste nas ações com o outro e a pertinência na eficácia com que se realizam as ações. Por outro lado, a comunicação pode ser caracterizada como o processo de intercâmbio de informação, que pode ser entendido desde o ponto de vista da teoria da comunicação ou a partir da teoria psicanalítica, etc.; a aprendizagem, como a

preensão instrumental da realidade e a tele – palavra de origem grega, tomada de Moreno –, como a distância afetiva (positiva-negativa).

O principal objetivo de um grupo operativo é a mudança, a qual faz parte de um processo gradativo, onde os integrantes do grupo assumem diferentes papéis e posições frente à tarefa principal, a partir do momento em que é possível elaborar as ansiedades básicas, romper com os padrões, abre-se o novo e o desconhecido, podendo-se dizer, nesse momento, que o grupo está na tarefa.

Nesse contexto, a tarefa consiste na trajetória seguida pelo grupo para alcançar seus objetivos, estando relacionado a como o integrante do grupo interage para alcançar suas próprias necessidades, caso estas sejam compartilhadas em torno dos objetivos comuns do grupo implica flexibilidade, descentramento e perspectiva de abertura para o novo. É possível dizer que a partir do momento em que o grupo aprende a problematizar as suas dificuldades para alcançar seus objetivos tem-se o início de uma tarefa, visto que elaborar um projeto em comum já é possível, podendo, portanto, operar um projeto de mudanças.

2.4.2 O processo grupal na perspectiva de Bión

Wilfred Ruprecht Bion, nasceu no ano de 1897, na cidade de Mutra, na Índia, quando seu pai um engenheiro britânico prestava serviço para o governo nesta localidade. Menino cresceu, teve participação na segunda guerra mundial, mas não se interessou pela carreira de militar, logo abandonou e ingressou na faculdade de Oxford, na área de historiadores. De acordo com Zimerman (2009), Bion passou por várias formações acadêmicas, Letras, Artes Moderna, Filosofia e Linguística, porém, ao ler os livros de Freud se interessou pelo seu campo de estudo e cursou medicina e psicanálise. O psicanalista faleceu no ano de 1979 em decorrência de leucemia, mas deixou uma importante contribuição na produção científica: o trabalho com grupos.

Grimberg, Sor e Bianchedi (1973) explicam que para fazer referência aos fenômenos observados nos mais diversos grupos, Bion introduz uma terminologia específica que proporciona traços comuns ressaltados nos diversos experimentos, os quais: mentalidade grupal, cultura grupal, supostos básicos, grupo de suposto básico e grupo de trabalho.

A mentalidade grupal está ligada à cultura do grupo, de acordo com Bion (1975, p. 57) consiste na “expressão unânime da vontade do grupo, à qual o indivíduo contribui por maneiras das quais ele não se dá conta, influenciando-o desagradavelmente sempre que ele pensa ou se comporta de um modo que varie de acordo com os pressupostos básicos”. Já os supostos básicos

são compostos pelas emoções intensas e de origem primitiva nos grupos. Os grupos de supostos básicos são tidos por Bion (1975) como aqueles grupos que possuem combinações de supostos básicos, feitos de forma automática e inevitável.

Ressalta-se que Bion (1975) diferencia dois tipos de grupos: os grupos de trabalho e os de suposições básicas, estando a diferença no fato de que nos grupos de trabalho o indivíduo volta sua atividade mental para a tarefa de ter sua tarefa executada, enquanto os grupos de suposição básica apresentam características inconscientes, o que dificulta a execução da tarefa.

Fazendo uma leitura sobre o pensamento de Bion, Zimerman (2009, p. 27), “que construía seu pensamento de forma livre e sem saturação de sua mente por conceitos já estabelecidos”. Compreendemos que na relação de pessoa e formação de grupos deve haver sempre uma interação entre os membros, no sentido de refletir antes de questionar uns aos outros. Percebe-se ainda que, na perspectiva do psicanalista, quando nos sentimos mais próximos das pessoas, nos comunicamos de maneira mais natural e criamos vínculos com mais afinidades.

O autor coloca “a interação das palavras como sendo seus significados” como também sendo interessantes, nos modelos básicos da relação grupal. Mas, leva em consideração o prisma da verdade, falsidade e mentira, como preocupação central na constituição de um grupo. Ao mesmo tempo em que; orienta observar o comportamento das pessoas envolvidas no processo (ZIMERMAN, 2009).

Avaliar no sentido de entender certas atitudes, interpretar e procurar comunicar adequadamente o que na verdade foi percebido nas experiências emocionais, já que não podemos captar e medir pelos órgãos dos sentidos. Para isso, o autor preferiu utilizar o verbo “intuir”, no sentido de captar a realidade psíquica. Bion citava o exército e a igreja e visava para a formação de grupos, a necessidade de liderança (ZIMERMAN, 2009). Nesse sentido, compreendemos que uma liderança, tem grande influência nos grupos, tendo em vista a necessidade de motivar, estruturar, informar e orientar na participação e colaboração do desenvolvimento das pessoas que compõem um grupo.

Nos grupos existem vários tipos de comportamentos como: depressão; inveja destrutiva, egoísmo, preconceito entre outros. É onde a presença do líder exige capacidade de transformação de outras culturas. Bion (1975) cita os grupos de níveis simultâneos, opostos e interativos, mas limitado entre si. Um é o “grupo de trabalho” o outro é o “grupo de base”. O grupo de trabalho está voltado para aspectos conscientes, para a tarefa. Os grupos básicos funcionam pelas leis do inconsciente.

Freud e Bion estudaram o fenômeno das lideranças, porém, cada um partiu de perspectivas diferentes. Freud, em 1921, afirma que o grupo se constitui como emergente de seu líder, enquanto Bion, de forma exposta, diz que o líder é que é o emergente das necessidades do grupo.

Bion (1975) estudava que os grupos do ângulo da psicologia social, onde através da interação entre os indivíduos, grupo e sociedade, pode se estabelecer o papel de cada um, dando apoio e elegendo os aspectos prioritários que extrapolam aos suportes básicos das ações grupais. O autor alerta para a importância de cada membro de grupos, assim como a observação ao desempenho dos papéis, posições e funções de cada membro.

É comum haver entre grupos, mal-entendido, vindo de más interpretações externas. É onde se percebe a capacidade do líder, no sentimento de observar, interpretar e intervir no antejogo dessas interpretações projetivas e introjetivas de uns para com os outros.

Bion (1975) denominou respectivamente: “Dependência”, “Luta e Fuga” e de “Acasalamento”. E dizia: As emoções básicas como o amor, ódio, medo, ansiedade, estão presentes em qualquer situação. Mas o que caracteriza cada um desses suportes básicos é a forma de como esses sentimentos vem combinados e estruturados. São suportes predominantes e vigentes nos grupos, exigindo do líder, capacidade para mediar e trabalhar o que emerge.

Importante ressaltar a visão de Kurt Lewin e sua teoria de campo em 1935 sobre comportamento social como também no papel da motivação baseada especialmente em duas vertentes fundamentais. a) o comportamento humano conforme a real totalidade de fatos comprovados; b) possui também um campo dinâmico, com forças interrelacionadas com outras partes existentes (LEWIN, 1973).

Algumas situações conforme Mailhot (2013) tem peso no tocante ao ambiente psicológico, voltado logicamente para o campo psicológico. As pessoas no caso possuem situações, na qual o indivíduo tende a satisfazer as necessidades das pessoas, assim como do outro lado negativo causando prejuízos as mesmas. É importante a visão deste autor, já que depende basicamente do comportamento dos indivíduos em realizar os desejos do momento assim como as expectativas existentes. O conteúdo ideativo para o autor mencionado é importante no ambiente e coloca as pessoas em estado de real espírito, na qual a situações possuem influencia na psicologia e no campo dinâmico.

2.5 Inteligência emocional

O termo inteligência emocional pode ser entendido basicamente como o uso da inteligência para gerenciar emoções, podendo ser percebido o uso desse termo desde a década de 1990. De acordo com Neta, Garcia e Gargallo (2008), a inteligência emocional teve seu conceito emergido na década de 1990, quando Peter Salovey (*Yale University*) e John Mayer (*University of New Hampshire*) o utilizaram para designar o uso de habilidades do indivíduo para controlar seus sentimentos e emoções e, a partir desse controle, utiliza-se das informações extraídas para melhor guiar suas ações.

Após o primeiro uso do termo inteligência emocional ele passou a ser utilizado por inúmeros estudiosos sobre o assunto, tendo destaque Daniel Goleman, que popularizou o assunto e se tornou um dos autores mais renomados a descrever o uso da inteligência emocional nos ambientes organizacionais. Para Goleman (2012), a inteligência emocional está relacionada ao relacionamento entre as pessoas, à empatia, à capacidade de trabalhar em equipe e de negociar.

A inteligência emocional tem características como capacidade de motivar, de perseverar apesar das frustrações, controlar os impulsos, ajustar seu estado de ânimo, evitar a angústia nas faculdades racionais, sentir empatia, confiar nas demais pessoas, dentre outros. No âmbito científico aconteceram muitas críticas em relação a expansão do conceito, justificado no fato de o uso do termo “inteligência emocional” fazer alusão a redes amplas da personalidade, que vão além da emocional e da cognição (NETA; GARCIA; GARGALLO, 2008).

Segundo Valle (2006), a teoria atribuída a Daniel Goleman disseminou-se pelo mundo, tendo por base os princípios já estudados por Thorndike cerca de 30 anos antes. Tal visão colocou em xeque a concepção tradicional de inteligência. A proposta de Goleman baseava-se em valorizar a forma como o indivíduo administra suas emoções e o seu comportamento frente às emoções alheias, abandonado o paradigma da inteligência convencional, que media a capacidade mental para prever a sua performance na profissão, na formação educacional e na realização profissional, enfim, no sucesso na vida. Explica Vale (2006, p. 19):

Goleman (1998, 1999) continuou suas pesquisas, tendo como foco, executivos bem-sucedidos de grandes empresas, pesquisando quais habilidades faziam com que esses administradores se destacassem e permanecessem em posição de destaque por muitos anos, obtendo inclusive a admiração e o reconhecimento de seus pares, subordinados, colegas e superiores. O que Goleman (1998, 1999) constatou foi que as habilidades em IE mostraram ser fator diferencial do sucesso desses executivos.

Primi (2003, p. 71) esclarece:

Daniel Goleman não foi o criador do construto Inteligência Emocional e sim Peter Salovey, John Mayer e David Caruso, inclusive a concepção atribuída a Goleman é diferente da concepção original dos autores citados, porque Goleman incluiu “aspectos muito mais amplos do que originalmente foi proposto como inteligência emocional”.

Quando Daniel Goleman afirma que a inteligência emocional supera a teoria do Quociente Intelectual quando medida pelos testes psicométricos, trata-se de uma afirmação inconsistente, pois não existe evidência documentada sobre isto. A Inteligência Emocional se apresenta de acordo com as colocações Goleman em que as lições emocionais e a ciência são modelos que devem ser incluídos na escola em um programa de educação para a competência emocional, no entanto, o autor não afirma quais as lições e tampouco quais os seus procedimentos (PRIMI, 2003).

Não se pode deixar de considerar que o maior mérito de Goleman foi realizar um trabalho de organização das investigações e descobertas exigentes na área, a respeito de alguns objetos de estudo, que certamente levaria a contribuições mais afetivas. Nos dias de hoje, o campo da inteligência emocional conta com uma sólida base teórica, proporcionada por diversas linhas de pesquisa, que dão origem aos modelos teóricos disponíveis (MIGUEL; NORONHA, 2009).

Para Lane e Pollermann (*apud* MIGUEL; NORONHA, 2009), Inteligência emocional é uma definição que é expressa a habilidade do sujeito em utilizar as informações de cunho emocional para adaptar-se ao meio e desenvolver-se nele. As informações referidas podem advir das próprias reações emocionais do sujeito ou geradas como resultado das reações emocionais das pessoas com as quais convive.

A Inteligência Emocional é um tipo de inteligência tal como as outras inteligências: verbal, espacial, social e refere-se “à capacidade do indivíduo de compreender e utilizar informação emocional” complementa Mayer (*apud* MIGUEL; NORONHA, 2009. p. 219). Visão semelhante tem Cobêro, Primi e Muniz (2006, p. 346) que afirmam que:

O construto de inteligência emocional parece ser um tipo específico de inteligência, que antes não havia sido demonstrado, sendo independente de medidas de personalidade e relativamente associado a medidas tradicionais de inteligência podendo ainda ser útil na previsão do desempenho profissional.

Conforme Daniel Goleman (2012), as pessoas emocionalmente competentes levam vantagem em qualquer campo da vida, pois a inteligência intrapessoal é a mais importante de todas, possuindo cinco domínios principais:

- a) **Autoconsciência:** Reconhecer sentimentos quando ele ocorre; controlar sentimentos; ser bons pilotos da nossa própria vida.
- b) **Lidar com emoções:** Saber controlar a raiva, irritabilidade, ciúme, medo, ansiedade.
- c) **Motivar-se:** Por as emoções a serviço de uma meta; odiar a satisfações em prol sem objetivo.
- d) **Reconhecer as emoções no outro:** Desenvolver empatia; dar suporte.
- e) **Lidar com relacionamentos:** Lidar com as emoções dos outros; saber reagir frente às pessoas; assertividade.

Salovey e Mayer (2009) conceituam a Inteligência Emocional como a capacidade de perceber a emoção, integrar a emoção para facilitar o pensamento, compreender as emoções, e de regular emoções para promover o crescimento pessoal. Goleman (2012, p. 346) afirmam:

Nos processos de avaliação, dentre os parâmetros a serem considerados deve constar a forma como as pessoas administram suas próprias emoções e as emoções dos outros, sem menosprezar os aspetos mensurados relativos às capacidades intelectuais e à formação acadêmica, porque as “duas variáveis, inteligência geral e emocional são igualmente importantes na previsão do desempenho”.

Por sua vez, Cobêro, Primi e Muniz (2006, p. 346):

[...] a capacidade de resolver problemas complexos usando o raciocínio indutivo-dedutivo como medido na BPR-5 e a habilidade de entender as informações sobre o mundo trazidas pelas emoções e a habilidade de às gerenciar em si e nos outros são aspectos importantes do desempenho no trabalho, já que pessoas com essas características tendem a ser mais frequentemente avaliadas, pelos seus supervisores, como funcionários muito bons ou excelentes.

Valle (2006) realizou um estudo sobre a Inteligência Emocional no Trabalho, observando que a Inteligência Emocional (IE) é um campo razoavelmente novo que tem despertado a atenção principalmente de escritores e escritoras e de pesquisadores e pesquisadoras internacionais que apoiam seus estudos sobre a teoria da Inteligência Emocional surgida na década de 1990. Afirmam a autora que há uma gama ampla de obras na área de literatura sobre este assunto provenientes do exterior como, por exemplo, os estudos de “Bar-On e Parker (2002), Mayer e Salovey (1997, 2001), Mayer, Salovey e Caruso (2000), Ashkanasy (2002), George e Jones (2005), Goleman (1996, 1998, 1999), mas, pouco estudo em âmbito nacional” (p. 17).

Valle (2006) propõe-se a explorar a realidade nacional no ramo empresarial para aplicar os princípios teóricos de Inteligência Emocional a gestores e gestoras de organizações nacionais ou de empresas internacionais que atuem em solo brasileiro para mensurar o seu nível de IE e tentar perceber em que medida o conhecimento sobre esta área pode favorecer as empresas atuantes no Brasil. segundo a autora, o assunto:

Apresenta relevância teórica, pois, proporciona um melhor entendimento dos antecedentes comportamentais e atitudes relevantes no contexto do trabalho e ainda apresentam relevância prática, pois, através da utilização destas informações nos processos de contratação e seleção de profissionais gestores, interna ou externamente e no treinamento e desenvolvimento de lideranças, pode-se obter o máximo aproveitamento dos recursos humanos (VALLE, 2006, p. 18).

O *best-seller* Inteligência Emocional de Daniel Goleman, lançado em meados da década de 1990, retratou uma teoria revolucionária que redefinia a inteligência e o que era ser inteligente fugindo à padronização baseada no QI (Quociente de Inteligência), que tradicionalmente mensurava por meio de testes os níveis de inteligência dos sujeitos. Explicitam Miguel e Noronha (2009, p. 220):

A dificuldade em processar e regular a própria experiência emocional seria um dos fatores que causam o enfrentamento mal adaptativo. Portanto, em ambientes muito exigentes ou desafiadores, a influência da inteligência emocional deveria se dar por meio da seleção e controle de estratégias e competências que visariam o enfrentamento da situação imediata, levando em consideração o domínio das emoções.

Explica Goleman (2012), as pessoas que possuem puro QI em geral são socialmente equilibradas, comunicativos, animados, engajados com pessoas, solidários, atenciosos nos relacionamentos, com uma vida emocional rica e satisfatória, seguros de si. A falta dele gera desentendimentos, brigas, frustrações, problemas, etc., somente com a atuação de forma consciente e produtiva leva a resolução de nossos próprios conflitos. Goleman (2012, p. 15) explica que:

Enquanto a inteligência emocional determina nosso potencial para aprender os fundamentos do autodomínio e afins, nossa competência emocional mostra o quanto desse potencial dominamos de maneira em que ele se traduza em capacidades profissionais.

Daniel Goleman (2012) realizou estudos em empresas com os executivos que obtinham sucesso na carreira, respeito e reconhecimento entre os seus pares subordinados e superiores. Valle (2006) acrescenta que a IE ainda é um tema que gera grandes polêmicas e mesmo aversão

de outras linhas de pesquisa sobre a inteligência do ser humano. Porém, surgem autores como Bar-On (1997) citado pela autora que propõe uma interação entre a IE e a quantificação de inteligência da forma convencional e outros pesquisadores (as) ainda, que afirmam que não há qualquer correlação entre ambas, a exemplo de Wong e Law (2002), também citado pela autora.

A dissertação de Mestrado de Joseney Sprea intitulada “Inteligência emocional: o diferencial nas organizações educacionais competitivas” realizada em 2009 no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa em Lisboa/Portugal teve como objetivo principal “verificar o que é necessário fazer para amenizar o impacto das emoções nos processos decisórios e na liderança” e como objetivos específicos a) “investigar quais as emoções positivas e negativas mais frequentes nas organizações”; b) “de que maneira as emoções podem influenciar o comportamento dos indivíduos; como este comportamento interfere nos processos decisórios e na liderança”, obteve resultados que demonstraram a importância da inteligência emocional.

Descobriu-se que os (as) líderes mais eficazes se assemelham num quesito crucial: todos têm, em alto grau, aquilo que se convencionou chamar de inteligência emocional, conforme Daniel Goleman em seu artigo para a revista *Harvard Business Review* (1998). Não que o QI e a capacitação técnica sejam irrelevantes. Pesam que sim, mas, sobretudo como “habilidades iniciais”; ou seja, são requisitos mínimos para posições executivas (SPREA, 2009).

A pesquisa de Sprea (2009) procurou demonstrar que a Inteligência Emocional é uma competência essencial para o bom desempenho de líderes que ocupam lugares onde são necessárias as tomadas de decisão por possuírem domínio sobre a assertividade.

Na ausência deste quesito, segundo o autor, por mais que o sujeito receba treinamentos, capacitação, possua uma mente incisiva, analítica e um suprimento inesgotável de ideias brilhantes, ainda assim, não será um líder ou decisor competente (SPREA, 2009, p. 22).

Para Sprea (2009), há diversos administradores que passam por escolas de administração e acabam “mesmo assim” por fracassar devido à falta de habilidade gerencial, pois se sabe que o ser humano está distante de ser uma máquina e não é possuidor de reações robotizadas. Assim, o administrador competente não considera os seus colaboradores como meros instrumentos, pois conhecendo as reais necessidades para sua organização procura pessoas capazes de executar atividades laborais “com autorresponsabilidade e em resposta às exigências naturais deste mundo globalizado que está se descortinando neste século XXI”, compreende o autor (p. 62).

Sprea (2009) parte do princípio de que o indivíduo se encontra ligado ao mundo geopolítico e sofre influências ideológicas e comportamentais por estar nele inserido e isso seria inevitável. No entanto, os que mais possuem capacidades possibilitadas pela Inteligência Emocional é que estarão mais preparados para conduzir com sucesso uma empresa sob sua responsabilidade.

A indagação neste início de século XXI segue, no tocante caminhar da economia, das religiões, das guerras, das tecnologias e das políticas, em relação às habilidades do administrador, e como elas poderão ser apuradas de forma a possibilitá-lo agir com maior eficiência possível, quando sua real contribuição na organização é trabalhar através dos outros indivíduos que nela labutam. Esse aperfeiçoamento pode possibilitar ao administrador moderno, a par de sua capacidade científica, técnica e artística, a competência necessária para tratar com a coisa mais importante para as organizações, o elemento humano, o capital humano. (SPREA, 2009).

Segundo Sprea (2009), os gestores e as gestoras das empresas e os(as) especialistas em comportamento humano nas organizações, investigam sobre como melhorar o desenvolvimento das potencialidades das empresas por meio das tomadas de decisão e da liderança de seus colaboradores ou colaboradoras em cargos de gerência e de planejamento. E para tanto, procuram saber sobre quais bases os indivíduos se apoiam “concepções, ideias, valores e atitudes pessoais em relação a este mundo globalizado”, pois os tomadores de decisão já não utilizam apenas o quociente de inteligência idealizado por Binet, que preponderou durante todo o século XX. Atualmente, se tem que considerar também o quociente emocional e o conglomerado Inteligências Múltiplas idealizado por Gardner, pela teoria das inteligências múltiplas e ainda as demais formas de inteligências práticas e criativas.

2.5.1 Estratégias de regulação emocional individual e de grupos

A regulação emocional tem se apresentado como uma área de rápido crescimento dentro da psicologia, principalmente pelos resultados que podem ser trazidos, tanto em âmbito individual, quanto em grupo. Trata-se de um termo geralmente usado para descrever a capacidade de uma pessoa de gerenciar e responder com eficácia a uma experiência emocional. As pessoas inconscientemente usam estratégias de regulação emocional para lidar com situações difíceis muitas vezes ao longo do dia. Gross (1998, p. 275) define regulação emocional como “o processo pelo qual os indivíduos influenciam as emoções que têm, quando as têm e como experimentam e expressam essas emoções”.

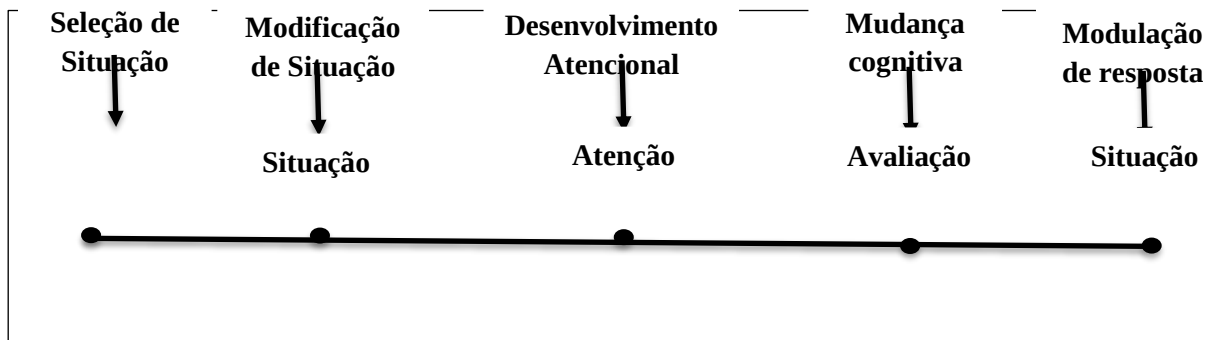
De acordo com Charles (2011), em um contexto de relações interpessoais, é possível verificar significativo uso de estratégias de regulação emocional, geralmente aqueles ou aquelas que não conseguem adotar essas estratégias, são os(as) que possuem dificuldades de relacionamento, inclusive desenvolvendo transtornos como ansiedade. Sobre o assunto, Vasco (2008) bem afirma que regular a satisfação das necessidades psicológicas é pedra-de-toque do bem estar.

Na pesquisa realizada por Jordet et al. (2009), foi considerada a regulação emocional durante uma cobrança de pênaltis. Em seus resultados verificaram que os comportamentos ao se preparar para cobrar um pênalti podem influenciar o resultado de uma disputa de pênaltis no futebol. Ao investigar o papel dos comportamentos individuais exibidos antes de uma cobrança de pênalti no futebol, os referidos autores revelaram que estratégias escapistas de autorregulação como, por exemplo, tempos de preparação baixos e maior evitação antes de executar uma cobrança de pênalti estavam associadas a chutes de alto estresse e desempenho negativo. Dessa forma, evidencia-se a importância do uso de estratégias de regulação emocional para melhoria do desempenho da equipe.

O estudo das estratégias de regulação emocional diz respeito a como os indivíduos influenciam as emoções que experimentam e como as experienciam. No nível mais amplo, a regulação da emoção pode ser dividida em categorias de estratégias focadas nos antecedentes e focadas na resposta. As estratégias focadas nos antecedentes referem-se ao que um indivíduo faz antes que as respostas emocionais sejam ativadas e mudem seu comportamento. As estratégias focadas na resposta referem-se ao que um indivíduo faz uma vez que uma emoção está sendo experimentada, seguindo a geração de tendências de resposta (GROSS, 2015).

A mudança cognitiva tem sido apresentada como uma estratégia de regulação emocional, de acordo com Goldin e Gross (2010) sua aplicação envolve o uso de habilidades cognitivas como mudança de perspectiva, interpretações desafiadoras e reformulação do significado das situações. Nesse mesmo sentido, Gross (2015) elaborou um modelo de estratégia de regulação emocional, conforme o ilustrado na Figura 2:

Figura 2. Modelo de regulação emocional



Fonte: Adaptado de Gross (2015).

De acordo com Gross (2015), a seleção de situação refere-se a tomar ações que tornem mais (ou menos) provável que a pessoa esteja em uma situação que espera que dê origem a emoções desejáveis (ou indesejáveis). Já na modificação da situação se tem a tomada de ações que alteram diretamente uma situação, a fim de mudar seu impacto emocional. Por sua vez, o desenvolvimento atencional trata do direcionamento da atenção com o objetivo de influenciar sua resposta emocional. Na mudança cognitiva, se tem a modificação da avaliação de uma situação para alterar seu impacto emocional. Por fim, a modulação de resposta, que é referente a influenciar diretamente os componentes experienciais, comportamentais ou fisiológicos da resposta emocional depois que a emoção está bem desenvolvida.

Em outra pesquisa, Ochsner e Gross (2005) destacaram como estratégias de regulação emocional, o controle da atenção e a alteração cognitiva do significado de estímulos emocionalmente evocativos. Os autores verificaram que ambos dependem das interações entre os sistemas de controle pré-frontal e cingulado e sistemas corticais e subcorticais de geração de emoções. O envolvimento consistente da dinâmica do sistema de controle-avaliação em várias formas de regulação sugere uma arquitetura funcional comum que pode ser implantada de forma flexível para apoiar vários tipos de estratégias de controle.

Com vistas a analisar a relação do uso de estratégias de regulação emocional e o bem estar dos indivíduos, Verzeletti et al. (2016) aplicaram o questionário de regulação emocional com 633 adolescentes, verificando em seus resultados que o uso da estratégia de regulação cognitiva foi positivamente associada a melhores resultados de bem estar, principalmente quando se considera os indicadores: satisfação com a vida, percepção de suporte social e afeto positivo. Já a estratégia supressiva foi verificada como associada a um nível mais baixo de bem estar em todos os indicadores analisados, destacando-se saúde psicológica, solidão emocional e afeto negativo. Evidencia-se, assim, que a estratégia de regulação cognitiva se apresenta mais

benéfica ao indivíduo, podendo-se dizer que o resultado reflete diretamente no grupo que está inserido.

No contexto do esporte de equipe, Campo et al. (2016) realizaram dois estudos sobre o processo de regulação emocional dos (as) atletas e como fazem para regular as emoções dos companheiros de equipe, sendo que no primeiro estudo investigaram as emoções de jogadores de Rúgbi e, no segundo, analisaram os motivos que levam os jogadores a usar estratégias de regulação extrínseca interpessoal durante os jogos.

No primeiro estudo verificaram como resultados, o surgimento de um continuum de autoenvolvimento nos processos regulatórios, em que coexistiam duas formas de regulação emocional: autorregulação (autoenvolvimento total) e regulação interpessoal, que incluía correção (autoenvolvimento parcial; regulação com outros) e regulação extrínseca (sem autoenvolvimento; regulação por / de outros). Enquanto no segundo estudo verificaram que os jogadores regulavam as emoções dos companheiros de equipe por razões altruístas (para ajudar um companheiro), razões egoístas (para seu próprio benefício) ou ambos. Diante desses resultados, é possível verificar o papel que tanto os objetivos individuais quanto o envolvimento do ego podem desempenhar na otimização da regulação interpessoal eficiente durante a competição em nível de equipe (CAMPO et al., 2016).

Por sua vez, Campo, Mackie e Sanchez (2019) verificaram entre atletas de esportes coletivos competitivos que estratégias de identidade, como engajar-se na mobilidade social, focando em uma identidade atual ao invés de outra, ou por autoclassificação como um indivíduo, pode ajudar a regular as emoções. Os autores ainda afirmam que isso pode influenciar especialmente os capitães ou capitãs de equipe, encarregados de regular seus companheiros ou suas companheiras de equipe, pois não sabem o que estão realmente sentindo e, de maneira mais geral, a dinâmica do grupo, pois foi sugerido que os processos de identidade podem influenciar a regulação da emoção interpessoal. Os autores destacam a importância de considerar a regulação emocional de grupo como meio de evitar o colapso de desempenho por contágio emocional.

2.5.2 Inteligência emocional para o esporte

No esporte, os atletas precisam lidar com muitas expectativas e demandas. As diferenças no desempenho não se devem apenas ao treinamento físico e à nutrição, mas também aos estados mentais. Assim, a psicologia do esporte é responsável por analisar, estudar e observar os comportamentos, reações e respostas emocionais de um indivíduo ou equipe.

Embora seja geralmente reconhecido que as emoções desempenham um papel importante no esporte (D'URSO; ANDREINA; ROBAZZA, 2002), a natureza exata de seu papel no desempenho esportivo ainda é insuficientemente pesquisada. Tem-se argumentado que não apenas a expressão da emoção é altamente prevalente no campo esportivo, mas um aspecto essencial do desempenho em todos os esportes.

De acordo com Laborde et al. (2011), no esporte, a inteligência emocional está ligada ao melhor desempenho em esportes coletivos. Assim, nesse cenário, a inteligência emocional é pensada para refletir a complexidade do sucesso do atleta, devendo ele reconhecer suas emoções, bem como a de seus companheiros de equipe e membros da equipe adversária, como um meio de melhorar seu desempenho. Nesse sentido, no contexto do desempenho esportivo, verifica-se que a inteligência emocional está relacionada a respostas fisiológicas ao estresse, uso bem-sucedido de habilidades psicológicas e desempenho atlético mais bem-sucedido.

Muitas das teorias atuais sobre o papel da emoção no esporte são limitadas a um aspecto, como níveis ideais de excitação ou equilíbrio entre emoções positivas e negativas, o que significa que, embora cada teoria individual acrescente à nossa compreensão, não há um modelo particular que possa ser usado para explicar a relação completa entre toda a gama de emoções e desempenho esportivo (D'URSO; PETROSSO; ROBAZZA, 2002).

Salienta-se que diferentes são os estudos que têm demonstrado a relação entre a inteligência emocional e o desempenho dos(as) atletas. Crombie et al. (2009) descobriram que a habilidade média de inteligência emocional da equipe estava positivamente relacionada ao desempenho da equipe de jogadores de críquete. Nesse mesmo sentido, Petrides et al. (2006) relataram uma correlação positiva entre o traço de inteligência emocional e as classificações de habilidade de dança de balé.

Laborde, Guillén e Mosley (2016) verificaram que o tipo de esporte praticado é uma distinção importante na relação entre desempenho e inteligência emocional. De acordo com os autores, em esportes individuais, as ações e decisões não podem ser compensadas por companheiros de equipe. Isso implica que um atleta individual tem mais responsabilidade pelo resultado competitivo.

Assim, as características individuais da personalidade desempenham um papel importante na determinação do resultado. Os autores ainda relataram que os escores médios do IE não diferenciaram entre os atletas com diferentes níveis de especialização. Resultado diferente foi verificado por Vaughan et al. (2017), que examinaram as diferenças de inteligência emocional entre atletas de elite, amador e não atletas e concluíram que o IE não difere na especialidade esportiva.

Ao comparar o desempenho de atletas de diferentes níveis de atletas canoístas de elite e o seu desempenho no esporte, Arribas-Galarraga et al. (2020) verificaram em seus resultados que os atletas especialistas de Nível 2 pontuaram mais alto em empatia ($p < 0,05$), reconhecimento emocional ($p < .05$), controle e regulação emocional ($p < .001$) e anos de prática investidos em sua preparação ($p < .01$) do que os atletas especialistas de Nível 1.

Diferentemente desses resultados, na pesquisa realizada por Knobel (2010) com 74 jogadores da primeira e segunda equipe de rúgbi de quatro escolas de ensino médio no Sul da África, verificaram que certos aspectos preditores espirituais e sociais estão significativamente relacionados ao desempenho no rúgbi, mas não à inteligência emocional.

Por sua vez, Zizzi et al. (2003) descobriram que os componentes de inteligência emocional parecem estar moderadamente relacionados ao desempenho de arremesso, mas não relacionados ao desempenho de rebatidas no beisebol. Além disso, Laborde et al. (2014) descobriram que o traço de inteligência emocional não estava relacionado ao desempenho do saque no tênis. Da mesma forma, Perlini et al. (2006) não encontraram relação significativa entre as medidas de desempenho e inteligência emocional em atletas de hóquei no gelo.

Verifica-se, assim, que a capacidade de mudar estados emocionais e aprender como mudar as emoções em relação ao desempenho requer autoconsciência, com os atletas precisando ser capazes de identificar quando suas emoções estão influenciando seu desempenho e como suas emoções mudam com o tempo, assim como de avaliar os estados emocionais que outras pessoas também estão sentindo, captando sua linguagem corporal, gestos verbais e não verbais. À medida que um jogador se torna consciente de seu estado emocional e aplica estratégias de inteligência emocional, a probabilidade de melhoria de seu desempenho também aumenta.

2.6 Contágio emocional e colapso de desempenho em esportes coletivos

O processo de contágio emocional em grupos é algo que pode ser considerado como natural, automático e difícil de ser evitado, considerando que são pessoas que vivem constantemente em contato, sentindo o que o outro sente. Todavia, de acordo com Doherty (1997), existem fatores que contribuem para uma maior suscetibilidade de contágio emocional como a genética, o gênero, a experiência inicial e as características da personalidade, além de elementos de temperamento, como tendências de abordagem ou retirada, distração e atenção, limiar e intensidade de resposta.

Doherty (1997) afirma que os indivíduos com maior suscetibilidade ao contágio emocional são aqueles que prestam muita atenção aos outros e são capazes de ler as expressões emocionais, se interpretam como inter-relacionadas com os outros, em vez de independentes e únicos, além daqueles que a experiência emocional consciente é poderosamente influenciada pelo feedback periférico. De acordo com o autor, essa suscetibilidade pode ser medida como a frequência com que os estímulos emocionais suscitam uma expressão emocional característica da emoção provocadora.

Salienta-se que a suscetibilidade de contágio emocional foi avaliada a partir de três estudos realizados por Doherty (1997), os quais tiveram como base a Escala de Contágio Emocional (ECE), verificando e seus resultados que o estudo 1 avalia a confiabilidade da escala ECE (a de Cronbach = 0,90). O estudo 2 encontrou suscetibilidade relacionada positivamente à reatividade, emocionalidade, sensibilidade a outras pessoas, funcionamento social, autoestima e mais associada aos modos de empatia emocional do que cognitivo, além disso, encontrou relação negativa com a alienação, autoafirmação e estabilidade emocional e, não encontrou relação à masculinidade e motivação para aprovação. Já o estudo 3, constatou-se que as pontuações da Escala ECE predizem de forma confiável vieses nas avaliações dos participantes e estão correlacionadas com uma medida de responsividade a feedback aferente e autorrelatos de experiência emocional após exposição a expressões emocionais.

Em equipes de esporte, o aspecto emocional pode se transformar numa tarefa a mais para ser vencida, sendo essencial saber que o esporte em grupo pode condicionar as possibilidades excelentes dos indivíduos, porém as experiências vividas ajudarão a influenciar o interesse destas e poderão determinar a motivação nas outras deficiências encontradas (VERARDI, 2014).

Tal enfoque está inserido para um planejamento de grupos no esporte com intuito de criar uma cultura de base e também, que permita, o conhecimento desses grupos alcançar novos patamares de qualidade no decorrer do contágio emocional. O crescimento emocional e sua inteligência torna-se mais evidente na proporção em que os grupos se sentem mais seguros para compreender os limites independentes até das necessidades que os grupos possam apresentar, e consegue explorar as potencialidades que os mesmos possuem.

Podemos observar também a necessidade de trabalhar com outros elementos que não foram enfatizados no que se refere a melhorar as condições de adequação do esporte. É necessário que equipes se sintam confortáveis diante das novas possibilidades que surgem diante do esporte. O intuito é lançar conscientização do controle emocional tornando-o um agente de reformulação dos princípios de ação em grupo para uma articulação de ações que

promovam a satisfação com os bons resultados para o fortalecimento das equipes (VALLE, 2006).

Ademais, cercar as equipes de toda a atenção para que lhes seja permitido, segundo suas próprias possibilidades, discernir a respeito de sua condição especial no esporte ainda que, as necessidades específicas de grupos possam redundar em adaptações necessárias das atividades realizadas, sendo que o mais essencial é torná-los cientes da diversidade como também das possibilidades de crescimento através do contágio emocional (TUBINO, 1992).

É na convivência entre as equipes que as necessidades emocionais se fortalecem. Sendo pertinente questionar os critérios que têm sido usados para diferenciar as necessidades especiais no esporte. É fundamental a compreensão de que a integração com necessidades ou não depende das condições emocionais.

É importante compreender a relação entre contágio emocional e as equipes no esporte que contribuem para o processo de ambiente que está inserido os resultados semelhantes, para tornar o ambiente no esporte mais agradável. A importância do contágio emocional nesse processo será compreender a necessidade das equipes de serem capazes de melhorar sua participação nos jogos aceitando a atitude de solidariedade emocional e da inteligência nos relacionamentos, na medida em que eles podem melhorar o respeito por si e pelo grupo.

Quando o assunto se volta para os esportes de equipe, como o futebol, é preciso considerar que esse contágio emocional pode ser desencadeador de um colapso coletivo que ocorre quando vários jogadores ou jogadoras, experimentam um desempenho inferior repentino em um jogo. Analisando sobre as causas do colapso de desempenho, Wergin et al. (2018) desenvolveram uma pesquisa com profissionais de diferentes esportes coletivos, com o intuito de identificar as possíveis causas desse colapso.

Wergin et al. (2018) verificaram que o colapso da equipe coletiva parecia ser induzido por uma cascata temporal de causas, e não por gatilhos isolados. Essa cascata inclui antecedentes, que representam fatores que tornam mais provável a ocorrência de um colapso da equipe; eventos críticos, que incluem eventos específicos dentro do jogo, bem como resultados afetivos, cognitivos e comportamentais. Dentro dessa estrutura teórica, fatores sociais, como diminuição do contágio de desempenho ou contágio emocional, desempenharam papéis cruciais em causar o colapso da equipe. Os resultados encontrados pelos autores evidenciam que o colapso coletivo da equipe é mais do que a soma do estrangulamento individual de vários jogadores ou jogadoras ao mesmo tempo, com o contágio emocional exercendo influência central nesse processo.

Esse colapso de desempenho pode ser exemplificado com o conhecido caso do 7x1 da Alemanha contra o Brasil na Copa do Mundo de Futebol de 2014, partida válida como semifinal, considerado como um dos maiores vexames do futebol brasileiro. Um nítido colapso de desempenho coletivo pode ser visto em análise à partida, ao levar o primeiro gol, os jogadores se abateram, pareceram ter apagado e a cada gol isso se tornava mais nítido, o que abriu espaço para a goleada histórica. Um clássico exemplo de colapso de desempenho coletivo.

Essa ocorrência de colapso de desempenho em esportes de grupos foi analisada na pesquisa de Apitzsch (2019), que considerou 146 jogadores de futebol profissional masculino e 15 treinadores, além de analisar uma equipe envolvida em um colapso de desempenho e outra envolvida em uma reviravolta vitoriosa. Em seus resultados verificaram que em 69,6% das ocorrências de colapso de desempenho os motivos apontados envolveram o comportamento de jogadores e treinadores, destacando-se fatores como a falta de comunicação e a não aceitação de papéis no grupo.

De acordo com Apitzch (2019), a ocorrência de colapso de desempenho entre jogadores de futebol geralmente é acompanhada de emoções negativas que se espalham nos membros da equipe, o que resulta em contágio emocional. A partir disso, o autor evidenciou a necessidade de adotar medidas que venham a mitigar essa ocorrência, sugerindo que essas medidas devem visar manter os jogadores concentrados no objetivo certo (objetivos do processo), usando a comunicação construtiva (entre os jogadores-técnicos e entre os jogadores) e executando o desempenho de função esperado em sua posição. Além disso, o autor sugere que as equipes nomeiem de dois a três líderes emocionais entre os jogadores, que sejam considerados expressivos, interativos e que possam contribuir para o desempenho da equipe, bem como para a coesão social.

O contágio emocional em equipes de esporte coletivo também foi constatado na pesquisa realizada por Barsade (2002), verificando que os membros do grupo de contágio emocional positivo que participaram de seu estudo, experimentaram maior cooperação, diminuição do conflito e aumento do desempenho percebido na tarefa.

Resultado importante também foi verificado na pesquisa realizada por Moll, Jordet e Pepping (2010) que analisaram os comportamentos pós-arremesso individualmente exibidos em pênaltis realizadas em Copas do Mundo e Campeonatos Europeus, tendo como base a presença de comportamentos universalmente distintos e reconhecíveis associados a emoções positivas. Em seus resultados, os autores verificaram que os jogadores que se engajaram em certos comportamentos de comemoração pós-arremesso eram mais propensos a estar no time que venceu a disputa de pênaltis. Em particular, as celebrações, incluindo ambos os braços,

foram associadas à vitória por pênaltis. Os autores identificaram, ainda, ser mais provável que o próximo chute executado por um oponente fosse perdido depois que um jogador exibisse esses comportamentos após um gol do que quando ele não o fizesse.

Giacomoni e Fonseca (2014) elucidam que cargas emocionais como ansiedade, medo e críticas provocam nos jogadores ou jogadoras um estado físico que os impede de atingir um melhor desempenho. Verifica-se, assim, a influência do contágio emocional no desempenho das equipes de esporte coletivo, tanto para um melhor resultado quanto para o colapso no desempenho.

A partir dos relatos acima, não poderia me furtar a falar sobre meu entendimento e experiência ao longo de 34 anos de trabalho a frente de equipes de futebol das mais diversas faixas etárias. No decorrer desse tempo pude observar que a questão do contágio emocional ultrapassa os muros de um clube. Até aqui notamos pesquisas relacionadas ao atleta, ao grupo e tudo mais que envolva esse pequeno universo de pessoas, porém não podemos deixar de lado que a temática do contágio emocional alcança pessoas não mencionadas nesses estudos; a saber: pais, irmãos, amigos, esposa, marido, filhos, comunidades e torcida por exemplo.

O futebol mexe com a emoção de centena de milhares de pessoas e consequentemente mexe também com suas vidas e relações. Esse esporte tem a possibilidade de dar uma identidade a uma Nação e a se tornar o símbolo de uma cultura. Conseguem imaginar até onde vai o resultado de um campeonato por exemplo? Conseguem imaginar que esse contágio emocional faz a economia de um País se fortalecer?

A excitação, a alegria, a decepção, a raiva, a realização de um sonho dentre outros sentimentos envolvidos, passeiam pelas mentes de pessoas que sequer conhecemos, fazendo com que elas tomem atitudes, nem sempre positivas, que podem determinar sobre suas vidas. O curso do contágio emocional não pode ser medido por uma única régua, pois ele ultrapassa as fronteiras do nosso pensamento.

Que o futebol é um esporte nacional todos nós já sabemos, assim como sabemos também que uma equipe pode se tornar amada ou odiada em questão de segundos por conta dos seus resultados e que, esses sentimentos todos, contagiam uma massa de pessoas e que podem até produzir mudanças pessoais significativas em suas vidas. Para melhor ou para pior. Famílias inteiras são contagiadas pelas conquistas de seus filhos ou filhas e, deles, dependem muito para sua sobrevivência se querem saber.

O fato de a psicologia do esporte estar envolvida na produção dessa performance individual ou de grupo me faz pensar no papel de responsabilidade que temos nesse processo. A empatia criada através da identificação mobiliza um cem número de emoções que podem ser

vivenciadas por essas pessoas que habitam esse universo chamado esporte. Podemos aqui lembrar o dia 29 de novembro de 2016 quando um acidente aéreo com a equipe da Chapecoense deixou 71 mortos e famílias desamparadas - muitas delas sem qualquer indenização até o dia de hoje. Esse contágio emocional percorreu o mundo.

Tão importante quanto esse acidente aéreo, temos a morte de 10 garotos entre 14 e 17 anos num incêndio no centro de treinamento do Flamengo ocorrido em 2019 aqui no Rio de Janeiro e que motivou uma série de mudanças nos alojamentos dos clubes pelo Brasil, alguns inclusive sendo proibidos de manter menores em suas dependências.

Observem que através do contágio emocional (positivo ou negativo) muitas histórias de vida são transformadas, algumas com final não muito feliz como pudemos observar. Eu, particularmente, vivi uma experiência muito marcante em minha vida. Enquanto acontecia um jogo de futebol da minha equipe, a de um de meus atletas faleceu no momento em que a partida estava acontecendo por conta de um infarto. Essa experiência marcou minha trajetória de vida profissional para sempre, assim como também contagiou a equipe e todo o clube através de uma empatia nunca observada por mim.

Pensando nisso, consigo perceber que esse tobogã de emoções e o contágio delas se dá em diferentes direções de acordo com o que acontece em relação aos seus resultados. Quando me refiro aos resultados, não são tão somente os resultados de um jogo, de um campeonato. São os resultados de uma história de vida pautada naquilo que o outro pode produzir em mim. Parece haver uma relação direta de esperança em algo que está fora de si mesmo e que venha a arrebatá-los seus próprios objetivos.

3 MÉTODO

3.1 Caracterização da pesquisa

Como método de desenvolvimento deste estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória com análise conteúdo (discurso), considerando a narrativa autobiográfica de jogadores de futebol sobre o contágio emocional em equipes, enfocando nos fatores relacionados ao colapso de desempenho.

A pesquisa qualitativa foi escolhida por utilizar-se de concepções mais filosóficas do que o viés quantitativo. No método qualitativo, a análise de dados é indutiva e caracteriza os pesquisadores e pesquisadoras como criadores ou criadoras de seus próprios padrões, categorias e temas de baixo para cima, organizando os dados em unidades de informação cada vez mais abstratas (CRESWELL, 2010).

As pesquisas qualitativas são consideradas não apenas como um conjunto de técnicas ou métodos qualitativos, mas como um modo de se fazer ciência e de se considerar a produção do conhecimento (DEMO, 1998). De acordo com Triviños (1987), analisar o significado dos dados, percebendo o fenômeno dentro do seu contexto é a caracterização da pesquisa qualitativa, o autor explica:

[...] uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc.) (TRIVIÑOS, 1987, P. 132).

A produção de conhecimento na metodologia qualitativa mostra a possibilidade de resgatar a unidade e a complexidade do objeto humano, como também revela a impossibilidade de congelar esse cenário. Lima (2005) explicita que as abordagens qualitativas asseguram que se obtenha uma dimensão mais ampla e verticalizada dos fenômenos envolvendo a experiência humana. Os resultados das interpretações ou descrições devem retratar a experiência das pessoas de forma fiel, de tal modo que os participantes se reconheçam neles.

Minayo (1993) destaca que na metodologia qualitativa, pesquisador (a) e pesquisados são agentes simultâneos. Portanto, desvela significados individuais, oportuniza a expressão e compartilhamento do pensar e sentir de toda a coletividade. Analisá-las exige habilidade de manipulação e cuidado. É importante checar-se se o que foi entendido pelo pesquisador ou

pesquisadora é compatível com o significado do discurso do participante da pesquisa. A autora defende uma alternativa para essa lacuna, adotar o pensamento sistêmico, forma de ver a realidade de modo articulado. É uma proposta de percepção do mundo que contrapõe à visão unidimensional, buscando a interação e a comunicação entre diferenças e oposições.

Não é possível compreender o comportamento humano ignorando o significado que aquele ou aquela que comporta lhe atribui, assim como não é possível compreendê-lo apenas com as interpretações daquele ou daquela que o investiga. Por isso a postura dialética de incorporar e não de reduzir as diversas verdades do contexto social na construção do conhecimento é a que melhor atende a pesquisa qualitativa.

Assim, esse tipo de pesquisa envolve a colaboração interativa com os participantes, de modo a terem uma oportunidade de dar forma aos temas ou abstrações que surgem ao longo do processo. O pesquisador ou pesquisadora analisa ao significado que os participantes dão ao tema abordado e não se baseiam enfaticamente nos significados dos teóricos ou deles próprios.

No que diz respeito à perspectiva narrativa, os conceitos descritos pela perspectiva estrutural, pela pragmática da comunicação humana e pelo ciclo de vida por si só, isolados da prática, não revelam a complexidade das relações familiares. Esta pesquisa tem o interesse de, durante as entrevistas familiares, observar como se dá a dinâmica familiar, a interação entre seus membros e como os elementos teóricos aparecem nas entrevistas familiares. Por isso, foram utilizados elementos da perspectiva narrativa.

No modelo narrativo é David Epston quem, juntamente com White, propõe que através da narração os indivíduos contam sua vida, estruturam-na e lhe conferem significados. White e Epston (1993) preocupavam-se em atentar sobre a forma como as pessoas narram sua vida para auxiliá-las a separar o problema de si transformando identidades precárias em heroicas. Ou seja, visavam auxiliar a separação das pessoas de seus problemas, unindo a família na luta contra um inimigo comum: o problema (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Por meio desse desfoque do problema, novas opções, fatos ou eventos aparecem e permitem que o sujeito volte ao passado, revisem suas histórias e possam atribuir novos significados as suas vivências com o outro e consigo (WHITE; EPSTON, 1993).

A perspectiva narrativa é uma visão que insere a experiência participativa dos sujeitos, através de trocas linguísticas. Nessa dinâmica, os significados vão sendo construídos e os membros da família compartilham, expressando de formas diferentes, uma história do que acontece em suas vidas, sendo um todo interconectado de acontecimentos, personagens, temas e valores (LAHM-VIEIRA; BOECKEL; RAVA, 2016).

Também sob esta perspectiva, o viés das terapias narrativas é conhecido por envolver

conversas de re-história, entendendo-se por re-historiar o ato de recontar as muitas histórias que temos sobre nossas vidas e relações, sobre nós mesmos, nossas aptidões, lutas, competências, ações, desejos, trabalho, conquistas, aquisições e falhas (LAHM-VIEIRA; BOECKEL; RAVA, 2016).

As narrativas autobiográficas são uma práxis humana, pois se apropria das relações sociais, traduzindo-as em estruturas psicológicas. Todo comportamento ou ato individual é a síntese horizontal de uma estrutura social. Com isso, os relatos de vida se tornam uma maneira vantajosa de investigação, por permitir o alcance de como as pessoas percebem e assimilam seus cenários (STARKS; TRINIDAD, 2007).

Para esclarecer sobre o método autobiográfico, os autores Nóvoa e Finger (2010) comentam que a sua utilização nas ciências da educação é um tanto recente. Essa metodologia foi criada a princípio na Alemanha no final do século XIX, em razão da possibilidade sociológica ao positivismo.

Foi empregada pela primeira vez no ano de 1920 por sociólogos da Escola de Chicago, despertando polêmicas sobre sua teoria de conhecimento. A partir tal fato, sua utilização de modo autônoma tem sido pleiteada pelos estudiosos do método. Labov (2001, p. 3) aponta os seguintes elementos como típicos de uma narrativa:

- a) Resumo: frequentemente, narradores iniciam a narrativa com algumas sentenças que sumarizam toda a história. Essas sentenças podem ser consideradas um sumário da narrativa;
- b) Orientação: nas sentenças chamadas de “orientação”, o narrador apresenta, de alguma maneira, o tempo, o lugar, as personagens e o que estas faziam durante a ação. Essas informações podem estar no começo da narrativa, mas, na maioria dos casos, aparecem em pontos estratégicos do relato;
- c) Complicação: série de sentenças que mostram o desenvolvimento da ação;
- d) Avaliação: sentenças que revelam a atitude do narrador acerca da narrativa por meio da ênfase que é dada a alguns pontos em detrimento de outros. Pode-se dizer que os avaliadores indicam o “porquê” da narrativa;
- e) Resolução: sentenças que indicam que a narrativa está se aproximando do seu final. Essas sentenças “resolvem” os conflitos e complicações apresentados;
- f) Coda: dispositivo funcional que retoma a perspectiva verbal para o momento presente.

Oliveira, Rego e Aquino (2006) explicam que o ser humano consegue a partir das narrativas dividir sua vida em marcos pessoais, descrevendo uma experiência vivenciada a partir de uma estrutura discursiva. Bruner e Weisser (1995) complementam afirmando que narrar as experiências pessoais é fazer uma autobiografia, com a vida sendo representada por um texto que, como tal, é passível de revisão, exegese e reinterpretação, possibilitando uma avaliação do passado. Sobre o assunto, Oliveira, Rego e Aquino (2006, p. 120) bem afirmam:

Memórias pessoais organizadas em depoimentos autobiográficos são fontes valiosas no esforço de compreensão da constituição da história de cada pessoa. Um sujeito, ao apresentar uma narrativa autobiográfica, delimitado pelas características desse gênero discursivo, organiza a apresentação de seu passado no momento mesmo da narração. Lembrar, portanto, é recriar as experiências passadas com os olhos do presente [...] entendemos que as análises de narrativas autobiográficas são potencialmente férteis para uma compreensão geral das várias fontes de constituição dos sujeitos ao longo de suas vidas, bem como dos múltiplos modos de significação construídos na cultura da chamada contemporaneidade.

A realidade humana não é simplesmente sequência temporal. A única diferença entre narrativa literária e vida, indica que o primeiro tem um autor ou autora distinto. A vida “deixa de corresponder à coerência formal e à autoria clara de algumas histórias” (CARR *et al.*, 1991, p. 166). Ele concede aos teóricos e teóricas, este ponto sobre a divergência de vida e narrativa. Enquanto houver continuidade na forma narrativa, a autoria de composição literária é muito mais refinada, com a capacidade de escolher quais eventos estão incluídos no enredo de modo a fornecer uma progressão lógica e satisfatória para o desfecho da história.

Ricoeur (2014) defende uma versão do sujeito humano em que a identidade pessoal não é totalmente estável ou autotransparente, mas também não é incoerente ou autoalienada. O sujeito humano, desde a “virada linguística” da filosofia, foi entendido como tendo acesso a si mesmo (e ao mundo) apenas como mediado pela linguagem. Para Ricoeur (2014), esse autocontrole é essencialmente uma interpretação ativa, e não autocriação totalmente autônoma.

A vida é uma narrativa contínua e nós somos seus narradores, peneirando suas vicissitudes em busca de uma história coerente e progressiva de nossa existência. Portanto, a questão da identidade (ou autocompreensão) se reduz àquela da coerência da história de vida de alguém (CARR *et al.*, 1991, p. 74). Do ponto de vista de uma mudança constante agora, os narradores ou narradoras fazem um balanço das experiências, eventos, ações, papéis, práticas, relacionamentos que fazem a nossa vida (planejada ou contingente, a curto e a longo prazo), através de um olhar reflexivo temporal que busca coerência e um sentido de inteireza e significado.

Para Ricoeur (1986), a função narrativa, como ambição de representar nossa consciência histórica, encontra sua limitação na unidade do tempo, a qual se desenvolve através de uma mediação imperfeita entre futuro, passado e presente, isto é, caracterizamos e reescrevemos a história a partir daquilo que recebemos através da tradição, do que prevemos por meio de nossas expectativas e do que vivemos em nossa ocasião presente.

Isto é, fazemos uma mediação imperfeita da realidade em que estamos inseridos, da realidade que nos foi descrita e contada e da qual temos ainda expectativas sobre o futuro. Desse modo, a linguagem é parte da ação e da realidade humana, dentro da temporalidade da vida e

podemos redescrever o mundo a partir dela. Em outras palavras, o texto, a linguagem, o discurso e a narrativa compõem, tecem e redescrevem o mundo no qual o sujeito vive e age (STARKS; TRINIDAD, 2007).

Quanto ao ato de uma escrita narrativa, o narrador ou narradora necessita além de lembrar de episódios do pretérito, criar igualmente uma conjuntura na qual a história será descrita, todos os(as) personagens, sua importância e as suas ações dentro do contexto narrado. É importante que também se atente e se preocupe com o público-alvo, ou seja, quem será o seu leitor ou leitora, afinal, toda história pressupõe um público específico. Ainda como mais uma questão a se pensar, na escrita há um processo complexo e atento de informações a respeito da experiência a ser descrita, fase em que são atribuídos significados e sentidos ao que se realiza (NACARATO; PASSEGGI, 2013).

De acordo com Nacarato e Passeggi (2013) produzir várias narrativas em fases distintas da vida possibilita a criação de um mosaico de lembranças. Todo sujeito tem seu caráter e valores constituídos e moldados através das práticas sociais, principalmente aquelas práticas mais distantes da sua realidade e de sua criação e formação, influenciando em seu modo de vida, na criação de um novo pensamento crítico, de novos desejos e descobertas, que despertam seu interesse e o fazem enxergar a vida e os seus valores por um novo viés, seguindo um script social, ou seja, a força influenciadora da sociedade é, de fato, muito significativa.

Conforme Bruner e Weisser (2002), a narrativa de histórias é parte integrante de vários contextos, permitindo considerá-la uma prática social, tendo relação com avaliação, prática social e identidade, em uma proposta que estes elementos são interdependentes. Para Gaspar, Passeggi e Pereira (2012), adotar esses escritos de narrativas autobiográficas como sendo uma poderosa ferramenta de ponderação, é crer que a escrita sobre si próprio, por ser uma autodescrição, se transforma em um instante único no desenvolvimento de uma habilidade esclarecedora e reflexiva sobre si mesmo e sobre o dia a dia ao seu redor, seja em qualquer área da vida. E, ainda completa que a escrita sobre si é um exercício que oferece uma autorreflexão, permitida pela própria escrita.

Em uma visão socioconstrucionista, as narrativas são formas de recapitular eventos passados e de recontar lembranças de eventos de forma contextualizada. O pensamento socioconstrucionista se alinha com o processo de reconstrução identitária através do relato de narrativa que podem ser entendidas como uma reconstrução de experiências (BRUNER; WEISSER, 2002). Os estudos de narrativas propostos por Bruner e Weisser (2002) têm como base o contexto e cultura das histórias em si, o local e situação onde a narrativas ocorre, ou seja, a narrativa é a organizadora da experiência humana.

A utilização das narrativas autobiográficas no contexto sociocultural funciona como maneira de busca, baseando-se no propósito de apuração da autenticidade da criança, do adolescente e do adulto, enquanto sujeitos de direitos, altamente qualificado para relatar sua própria trajetória de vida e de pensar, analisar e debater sobre ela (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016). Dessa forma, as narrativas autobiográficas refletem memórias dos indivíduos, possibilitando conhecer suas vivências e experiências, como bem afirma Souza (2007):

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e autorreferente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. [...] existe um substrato social da memória articulada com a cultura, tomada em toda sua diversidade estética, política, econômica e social. (SOUZA, 2007, p. 63).

O fator central da pesquisa autobiográfica está intrínseco ao ser humano que, em contextos e ocasiões distintas cria a sua própria autobiografia, seja descrevendo fatos de sua vida, ou seja, meditando sobre a sua trajetória de autoformação. O indivíduo cria novos significados às suas experiências, a tudo aquilo que aprendeu, oferecendo-lhes um novo sentido (FRISON; SIMÃO, 2011). Ainda para Frison e Simão (2011), o processo de aprendizagem permite a organização e a exposição das ideias narradas pelo indivíduo resultando em um diálogo entre as informações aprendidas (conhecimentos) e os conceitos mais pessoais de cunho autorreflexivo.

Toda e qualquer narrativa autobiográfica tem em sua raiz as essências sociais e culturais do indivíduo que a compõe e que, naturalmente é integrante principal dessa sociedade, incorporando seus costumes, sua cultura. Cada qual com suas especificidades naturais que relevam fatores de educação, de valores transmitidos ao longo de sua criação e sua convivência com outros indivíduos, sejam esses familiares ou amigos. O fato é que esse conjunto de relações e ligações formam inúmeras influências das quais atingirão esse indivíduo e, por conseguinte, esse mesmo indivíduo também influenciará outros como ele a seguir por um determinado caminho através de ações realizadas por ele e que se tornam exemplo de vida para os demais.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Participaram desta pesquisa, 16 atletas de Futebol profissional do gênero masculino de quatro grandes clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Os participantes possuíam entre 18 e 32 anos ($M = 23,625$; $DP = 4,145$).

3.3 Aspectos éticos

Com relação às questões éticas, sobretudo, no que concerne aos procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção dos dados e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, ressalta-se que suas participações são voluntárias, isto é, elas não são obrigatórias, onde o participante tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Não foi definida nenhuma penalização caso decidissem não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, estes participantes tomaram ciência que ela era muito importante para a execução da pesquisa.

Destaca-se ainda que foram garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas pelos participantes. Qualquer dado que pudesse identificá-los foi omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material foi armazenado em local seguro, bem como, os dados foram analisados e divulgados, mantendo-se o anonimato dos participantes, ou seja, o nome do participante não foi divulgado em hipótese alguma.

A cada um foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em conformidade com a Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (APÊNDICE A). Foi solicitada autorização dos quatro Clubes de Futebol para a realização da pesquisa e, caso necessário, de seus empresários, por meio do Termo de Autorização Institucional (TAI) (APÊNDICE B). Durante todo o processo de pesquisa, os dados foram manuseados somente pelos envolvidos na pesquisa e mantidos em sigilo.

Os possíveis riscos podem ser enumerados como: invasão de privacidade; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; constrangimento do observado perante o observador durante o procedimento de coleta de dados. E os benefícios foram: trazer subsídios para que psicólogos, líderes de equipes em esportes de grupos e outros profissionais interessados possam melhor compreender sobre o impacto do contágio emocional no desempenho da equipe, possibilitando que os profissionais atuem junto aos atletas no fortalecimento de sua inteligência emocional.

Ao final da elaboração do trabalho, este pesquisador comprometeu-se em fazer uma devolutiva oral aos profissionais envolvidos na pesquisa, a fim de contribuir com os mesmos a partir dos resultados alcançados, bem como entregar uma cópia impressa do trabalho aos participantes se assim for solicitado. Este pesquisador comprometeu-se ainda a conceder aconselhamentos e orientações aos profissionais sobre questões relacionadas ao contágio emocional, se assim lhe fosse solicitado.

O pesquisador comprometeu-se ainda a conceder aconselhamentos e orientações aos profissionais sobre questões relacionadas aos resultados da pesquisa, com vistas a promover benefícios diretos e sem retornos prejudiciais à sociedade. Os resultados desta pesquisa serviram como indicadores e não como métodos diagnósticos.

3.4 Processo de coleta dos dados

A fim de acessar as narrativas autobiográficas dos jogadores de futebol acerca do contágio emocional em equipes de esportes de grupo, construiu-se uma entrevista semiestruturada, focando nos resultados do colapso no desempenho (APÊNDICE C).

Salienta-se que a entrevista narrativa, como meio de integração de fontes autobiográficas, a cada dia alcança um espaço maior nas pesquisas, se tornando dispositivo importante na pesquisa autobiográfica, uma vez que por intermédio de narrativas, as pessoas relembram e refletem sobre o passado. Dando início à entrevista, o pesquisador explica ao entrevistado sobre o contexto do estudo, os trâmites da entrevista e requisita a sua autorização para gravar a mesma.

Pode-se destacar que a entrevista, de acordo com Haguette (1995), consiste em um processo de interação social, onde o entrevistador possui o objetivo de coletar informações dos sujeitos de pesquisa, utilizando para tanto de um roteiro com tópicos que cercam o problema levantado para a pesquisa, bem como os objetivos traçados.

A entrevista sendo utilizada como técnica de pesquisa, para Minayo (1994) possibilita ao pesquisador a obtenção de informações privilegiadas pelo fato de ser obtida por meio da fala individual revelando condições estruturais, sistema de valores, normas e símbolos, e ainda, transmite por meio de um “porta-voz” as representações do grupo social em estudo.

Neste trabalho optou-se pela entrevista semiestruturada, a qual possibilita ao entrevistado um espaço maior para que possa discorrer sobre suas experiências, não limitando o que ele deve responder, apenas direcionando o assunto a partir do foco da pesquisa, este tipo

de entrevista ao mesmo tempo em que permite ao entrevistado dar respostas mais livres, valoriza a atuação do pesquisador. Segundo Triviños (1987):

Entrevista semiestruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, junto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Os tópicos da entrevista semiestruturada realizada para este trabalho levaram em consideração o embasamento teórico utilizado nesta pesquisa e as informações coletadas pelo pesquisador sobre o fenômeno social em estudo, com a formulação de perguntas básicas, na qual as respostas possibilitassem o alcance dos objetivos.

Foram utilizadas tanto questões fechadas como abertas. As questões fechadas são aquelas respondidas de forma curta a partir de um número limitado de respostas (e.g., “Em que tipo de competição ocorreu o colapso de desempenho?”). Elas foram elaboradas para acessar informações, como se o atleta já havia vivenciado algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho e em que tipo de competição/jogo isso aconteceu.

Já as questões abertas consistem em perguntas que permitem ao respondente a liberdade de se expressar livremente sobre o assunto em pauta, não havendo um conjunto de respostas limitadas. As questões abertas interrogavam quanto à atmosfera durante o colapso e aos fatores que contribuíram para o colapso.

A sequência e condução das entrevistas foram feitas por este pesquisador assim como também por outros colegas psicólogos(as) devidamente inscritos em seus conselhos de classe e que pertencem às Instituições que aceitaram aplicar o questionário com as perguntas disparadoras. As entrevistas realizadas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas, facilitando o processo de análise dos relatos. Para que essas entrevistas em outras Instituições pudessem ser realizadas, este pesquisador precisou entrar em contato com o (a) profissional do clube via aplicativo de vídeos com as seguintes orientações:

1. Importância do tom da voz neutro nas perguntas de modo que não levasse o atleta a uma resposta esperada;
2. Ambiente de silêncio e tranquilidade para a aplicação;
3. Que as entrevistas fossem individuais;
4. Que na gravação o atleta dissesse que concordava em participar da pesquisa;

5. Que informasse sua idade;
6. Que informasse ao atleta o tema e o objetivo da pesquisa e que seria totalmente anônima;
7. Que se mantivesse restrito (a) às perguntas do questionário;
8. Que não perguntassem duas coisas ao mesmo tempo;
9. Que as perguntas fossem feitas de forma clara e objetiva;
10. Que caso o atleta desconhecesse o significado de alguma palavra, o pesquisador teria que ajuda-lo através de um dicionário da língua Portuguesa.

3.5 Processo de análise dos dados

Em relação às questões fechadas, utilizou-se o método de análise de frequência. Para facilitar a visualização e interpretação das respostas, recorreu-se à representação gráfica desses resultados.

No que se refere às questões abertas, a análise de conteúdo foi utilizada. Bardin (2011) afirma que “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (p. 18).

A análise de conteúdo tem sido muito utilizada nas ciências humanas e sociais e é considerada como um método mais comum em pesquisas qualitativas porque busca estabelecer interpretações mais definitivas entre as hipóteses formuladas pelo pesquisador e as intuições que surgem ao longo do processo (MINAYO, 2000).

A análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta, sendo uma ferramenta eficaz para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso (BARDIN, 2011). Isso permite ao pesquisador o entendimento das representações que o indivíduo apresenta em relação a sua realidade e a interpretação que faz dos significados à sua volta.

A análise de conteúdo procura ir além do senso comum e de interpretações muito subjetivas zelando por uma reflexão crítica da pesquisa para compreender os significados expressos no material coletado (MINAYO, 2000). Salienta-se que existem diferentes tipos de análise de conteúdo, optando-se nesta pesquisa pela análise temática ou categorial definida por Minayo (2000) como uma técnica recorrente que consiste em operações de desmembramento e quebra do texto para um reagrupamento de acordo com o sentido semântico das palavras e trechos.

Para análise de conteúdo das questões abertas, se procedeu com as transcrições das entrevistas e posterior retirada de todos os aglutinadores linguísticos como preposições,

advérbios e conjunções (APÊNDICE D). Depois de retirados esses elementos, o que permaneceu foi analisado utilizando o *software* Interface de *R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ). O software tem como principal objetivo analisar a estrutura e a organização do discurso, possibilitando informar as relações entre os mundos lexicais que são mais frequentemente enunciados pelos participantes da pesquisa (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Foi realizada a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), para o reconhecimento do dendrograma com classes emergentes, onde quanto maior o χ^2 , mais associada está a palavra com a classe, e desconsiderando as palavras com $\chi^2 < 3,80$ ($p < 0,05$). Também foi utilizada a Nuvem de Palavras, a fim de agrupar as palavras e organizá-las graficamente em função da sua relevância, sendo as maiores aquelas que possuíam maior frequência. Foi realizada, ainda, a Análise de Similitude, que possibilita identificar as ocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, facilitando a compreensão do corpus textual analisado.

A partir dos resultados encontrados por essas análises, pretende-se encontrar subsídios para compreensão das diversas situações em que uma equipe pode chegar ao colapso no desempenho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Questões fechadas

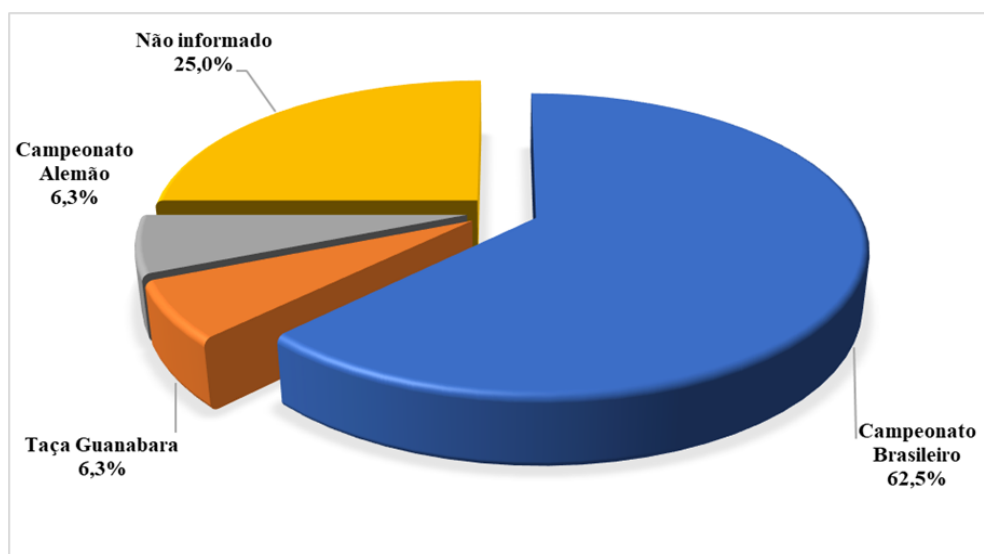
Dos jogadores que participaram desta pesquisa, 15 (93,75%) informaram já ter passado por colapso de desempenho e somente um (6,25%) informou não ter passado ainda por essa situação. Para esse jogador que informou ainda não ter enfrentado essa situação, buscou-se explicar o que seria o colapso, o que gerou por parte dele uma explicação de suas vivências, em suas palavras:

Não cheguei a passar por nenhum tipo de situação dessa, de nenhum desastre ou colapso assim. Às vezes tem um momento dentro da partida que a gente passa um perrengue, porque o adversário está em cima, mas não creio que é um colapso não, creio que é um momento que a gente pode ajustar ali, que a gente consegue fazer as coisas certas (Atleta 7).

Conforme é possível verificar no relato do Atleta 7, houve situações ruins vivenciadas e resolvidas dentro da própria partida, o que pode indicar inteligência emocional por parte dele e do grupo em que está inserido, considerando que mesmo em momento de dificuldade e tensão, conseguem ajustar o comportamento e acertar o jogo.

Em relação ao tipo de competição em que ocorreu o colapso de desempenho, 62,5% (10) dos jogadores informaram ter passado por colapso durante o campeonato brasileiro, conforme verifica-se na Figura 3.

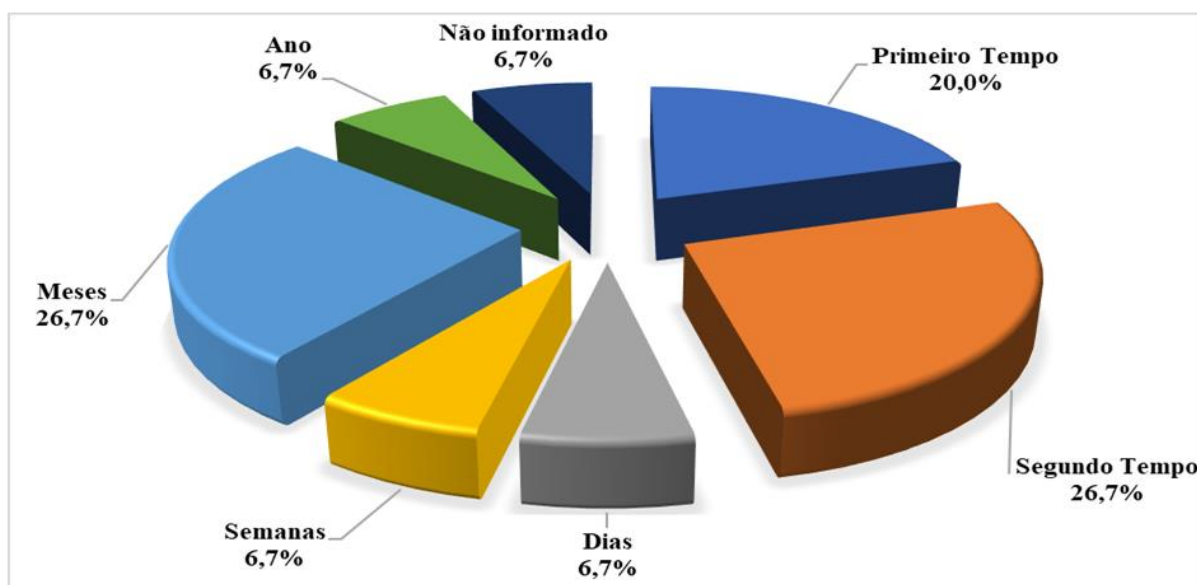
Figura 3. Tipo de competição em que ocorreu o colapso de desempenho



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Quanto ao tempo de duração do colapso, os atletas relataram em maior número ocorrer em uma mesma partida durante o primeiro ou segundo tempo do jogo, sendo 20,0% (3) e 26,7% (4), respectivamente. Todavia, alguns relatam maior duração do contágio, chegando a ser mencionado até um ano de permanência nessa situação, com 26,7% (4) informando passar meses em colapso, conforme ilustrado na Figura 4.

Figura 4. Tempo de duração do colapso de desempenho

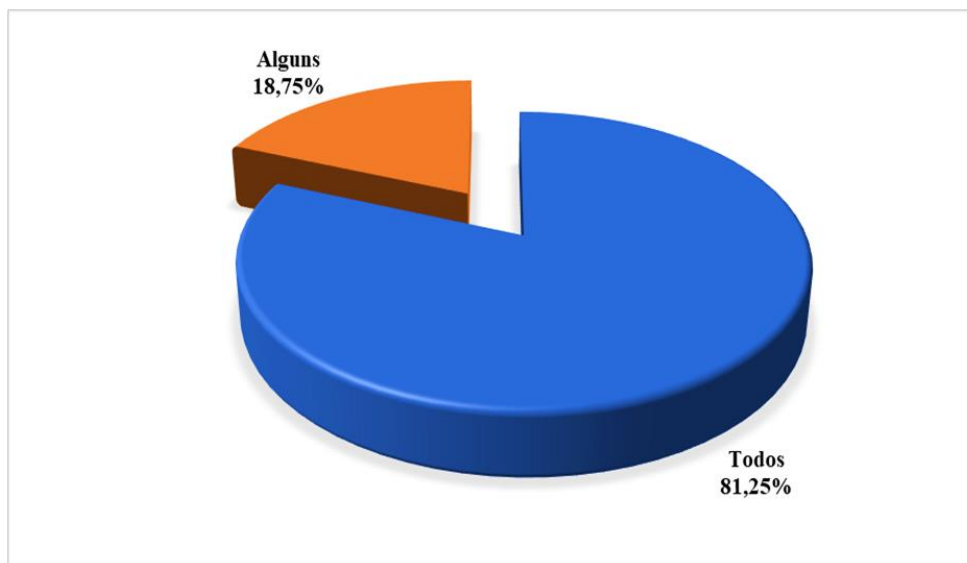


Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Relevante destacar que o contágio emocional foi percebido pela maioria dos atletas em toda sua equipe (81,25%). Outros 18,75% relataram perceber o contágio de forma parcial, atingindo somente a alguns jogadores, por exemplo, aos atacantes e meio-campo, responsáveis por armar as jogadas, ou entre zagueiros, deixando a defesa do time comprometida. O contágio emocional se evidencia nesse cenário, com as equipes se abatendo após sentimento de desânimo ser sentido por pelo menos um dos jogadores.

A partir dos resultados foi possível verificar que o colapso de desempenho vai além de uma só partida. Geralmente, interfere tanto nos treinos quanto nas partidas seguintes. 81,25% (13) dos jogadores que participaram desta pesquisa informaram que o problema atinge a todos do grupo, tanto aqueles que estão dentro, quanto os que estão fora de campo, conforme demonstrado na Figura 5.

Figura 5. Jogadores atingidos no colapso de desempenho vivenciado



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Entre os jogadores que responderam alguns (18,75%, 3) citaram como posições atingidas em campo atacante, meio-campo, zagueiro, lateral, apesar de mencionarem essas posições verificou-se que não há uma posição específica a ser atingida, conforme é possível verificar em seus relatos:

Quando acontece esse apagão que eu falei, acontece com todo mundo, então foram os 11 jogadores mesmo (Atleta 5).

Assim, tinham alguns líderes, mas assim, era todo mundo na mesma sintonia de apagão, né? Era mais ou menos isso, né? (Atleta 6).

Acho que depende muito da característica de jogador, tem jogadores que compram essa situação, e tem jogadores que são mais maduros e conseguem lidar melhor com esse tipo de situação, então eu não lembro exatamente quantos jogadores, mas acho que uns 3 ou 4 do grupo entram nessa situação. [...] acho que não tem uma posição exata pra isso, acho que depende da situação do jogo (Atleta 11).

Olha, acho que naquele momento era o time inteiro, né? Todos os jogadores sentiram o golpe e a gente naquele momento não soube reagir. [...] eu acho que cada um tinha a sua função, né? E a gente não, num primeiro momento a gente não conseguiu executar bem, né? As funções de cada um (Atleta 13).

A partir disso, é possível verificar que o colapso de desempenho não tem uma posição específica para atingir, mas ocorre principalmente entre aqueles que têm maior pressão seja no ataque ou na defesa, por exemplo. Diante disso, verifica-se que o colapso de desempenho não se limita a jogadores específicos, caracterizando-se pela ocorrência de um contágio emocional diretamente relacionado à pressão recebida pelo jogador.

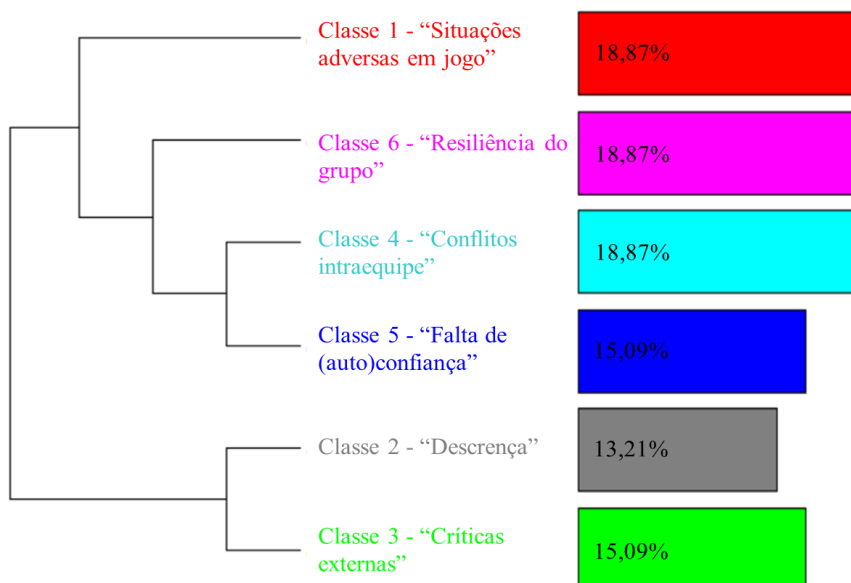
4.2 Questões abertas

Nesta etapa foram descritos os resultados encontrados a partir da análise das questões abertas. Inicia-se a apresentação dos resultados com as estatísticas textuais e classificação hierárquica descendente (CHD), momento em que as classes de análise foram definidas. Os tópicos posteriores trazem as análises referentes às categorias (classes) identificadas, as quais: situações adversas em jogos, descrença, críticas externas, conflitos intraequipe, falta de autoconfiança e resiliência do grupo. Importante mencionar que o uso de colchetes remete à correlação existente entre as palavras.

4.2.1 Estatísticas textuais e Classificação Hierárquica Descendente

O corpus textual foi constituído por 16 textos, separados em 67 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 53 ST (79,1%). Emergiram 2.267 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 604 palavras distintas e 341 com uma única ocorrência. No que se refere à CHD, o conteúdo analisado foi categorizado em seis classes: Classe 1 - “Situações adversas em jogo”, com 10 ST (18,87%); Classe 2 - “Descrença”, com 7 ST (13,21%); Classe 3 - “Críticas externas”, com 8 ST (15,09%); Classe 4 - “Conflitos intraequipe”, com 10 ST (18,87%); Classe 5 - “Falta de (auto)confiança”, com 8 ST (15,09%); e Classe 6 - “Resiliência do grupo”, com 10 ST (18,87%) (Figura 6).

Figura 6. Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

4.2.2 Classe 1 – “Situações adversas em jogo”

Compreende 18,87% (f = 10 ST) do corpus total analisado. Constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 4,75$ (“sair”) e $\chi^2 = 31,93$ (“conseguir”). Essa classe é composta por outras palavras como “ação” ($\chi^2 = 13,67$); “jogar” ($\chi^2 = 8,91$); “a gente” ($\chi^2 = 6,72$); “tentar” ($\chi^2 = 6,1$); e “jogo” ($\chi^2 = 6,1$). Essa classe traz conteúdos referentes às atitudes individuais dos jogadores causando problemas dentro do grupo acabando por contaminar a todos no que se refere ao controle do jogo, como por exemplo saber administrar a pressão. Algumas frases destacadas são:

“jogadores tentando fugir da responsabilidade mesmo quando a gente ia para nossos jogos dentro de casa a pressão era muito grande e o time não conseguia funcionar quando jogava dentro de casa e a gente via isso claramente” (Participante 14).

“a gente não conseguia mais encaixar o jogo então entrou em desespero não conseguia ficar com a bola e o time adversário um time que estava em primeiro lugar no campeonato conseguiu desestabilizar a nossa equipe que a gente não conseguiu mais jogar o segundo tempo” (Participante 05).

“a gente perdeu um jogo que era considerado um jogo importante para fugir do rebaixamento daí esse jogo meio que abalou todo mundo ficaram todos mais calados ninguém falava a gente não conseguia reagir foi tipo um apagão” (Participante 15)

Assim, entende-se que a partir do colapso, os jogadores percebem uma atmosfera ruim, mesmo que momentânea. Em um dos relatos é possível verificar menção a um “apagão” em campo pelos atletas que participaram desta pesquisa, que pode ser entendido como uma forma utilizada no senso comum para descrever um momento de desorientação. Os jogadores mencionam esse apagão como uma sensação de não saber o que fazer em campo, uma ausência de reação, como se os neurônios desligassem e não mais conseguissem responder ao estímulo negativo que enfrentaram

4.2.3 Classe 2 – “Descrença”

Compreende 13,21% (f = 7 ST) do corpus total analisado. Constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 4,85$ (“causa”) e $\chi^2 = 28,43$ (“desconfiança”). Essa classe é composta por outras palavras como “time” ($\chi^2 = 16,31$); “ruim” ($\chi^2 = 12,59$); “dirigente” ($\chi^2 = 7,93$); “companheiro” ($\chi^2 = 5,11$); e “acreditar” ($\chi^2 = 5,11$). Essa classe traz conteúdos referentes à dificuldade na administração de alguns sentimentos importantes pelos participantes da equipe (jogadores e comissão técnica) causando rachas internos.

“resultados ruins brigas internas desconfiança entre os membros e companheiros de time acredito que seja isso os resultados ruins aconteceram muita troca de treinador acabou que o time não se encontrava mais” (Participante 10).

“a desconfiança do time a falta de conversa o silêncio é sempre muito ruim, mas tem também a pressão dos dirigentes a troca de treinador tudo isso contribui para o colapso” (Participante 15).

“foi por causa de uma derrota acabou baixando e o time ficou numa crise, mas agora estamos buscando subir de rendimento um momento ruim uma energia negativa mas isso é momentâneo e o que a gente está buscando é melhorar” (Participante 01).

O contágio emocional se evidencia nesse cenário, com as equipes se abatendo após sentimento de desânimo ser sentido por pelo menos um dos jogadores. A questão da confiança esteve presente nos relatos dos(as) atletas, que mencionam sobre a perda de confiança como desencadeadora do colapso de desempenho, podendo ser em relação a si mesmo ou em relação aos seus companheiros, gerando desentendimentos em campo. Além disso, mencionam também sobre a confiança da torcida e dos dirigentes como influenciadores desse processo.

4.2.4 Classe 3 – “Críticas externas”

Compreende 15,09% (f = 8 ST) do corpus total analisado. Constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 6,6$ (“problema”) e $\chi^2 = 31,05$ (“redes sociais”). Essa classe é composta por outras palavras como “interno” ($\chi^2 = 18,15$); “expor” ($\chi^2 = 17,89$); “externo” ($\chi^2 = 17,89$); “pressão” ($\chi^2 = 14,04$); e “resultado” ($\chi^2 = 8,55$). Essa classe traz conteúdos referentes às críticas externas sofridas pelo elenco através de redes sociais principalmente, assim como também as críticas feitas por dirigentes.

“acho que também atualmente com as redes sociais é muito comum de a gente ver os jogadores muito expostos e muito crucificados por causa do resultado e isso aumenta o colapso emocional sim essa exposição as pessoas xingando e falando mal nas redes sociais é muito problema mesmo” (Participante 15).

“o que ele ouve de torcedor através de redes sociais ele tem que ter muito controle interno para saber ser um jogador de alta performance ele tem que filtrar também nem a derrota tem que influenciar e nem a vitória tem que influenciar” (Participante 16).

“e isso só não se torna algo generalizado quando os resultados acontecem, mas eu acho que quando os resultados não aparecem com toda essa pressão que a gente é exposto tanto pressão externa quanto pressão interna dos dirigentes e pessoas do clube é o que acontece sim” (Participante 14).

Explica-se que são jogadores da divisão de elite do Futebol brasileiro, o que os deixa expostos a cobranças por resultados. Essas cobranças vem de diferentes fontes como do técnico,

de companheiros de equipe, dos dirigentes e a pressão específica da torcida, que chega a gerar nos(as) atletas receio de suas reações, gerando esse colapso emocional.

4.2.5 Classe 4 – “Conflitos intraequipe”

Compreende 18,87% (f = 10 ST) do corpus total analisado. Constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 4,28$ (“outro”) e $\chi^2 = 14,48$ (“vez”). Essa classe é composta por outras palavras como “achar” ($\chi^2 = 13,08$); “falta” ($\chi^2 = 11,54$); “entender” ($\chi^2 = 4,75$); e “colocar” ($\chi^2 = 4,75$). Essa classe traz conteúdos referentes à aceitação de um estado de coisas tal que começava a gerar fortes indicativos da falta de confiança em si e no outro. A confiança pode ser definida como o grau de certeza do atleta de que possui as habilidades necessárias para alcançar seus objetivos.

“a gente já não confiava mais um no outro a gente não confiava que era capaz e aí falta confiança falta coragem acho que é isso eu acho que tem sido uma coisa cada vez mais comum” (Participante 14)

“todo mundo ficava calado ninguém se falava ficamos meses assim mas no final conseguimos reverter o quadro que é mais falta de concentração às vezes falta de atenção acho que é muito por esses setores aí de concentração e atenção” (Participante 09)

“ficou discutindo com outro colocando o outro para baixo ninguém se ajudava muito ruim muito ruim ninguém estava reconhecendo o outro entendeu acho que isso vai muito da cabeça também que vai um tentando ferrar o outro e isso acaba prejudicando o resultado” (Participante 02)

A (des)concentração foi relatada entre os jogadores de desempenho, sendo possível depreender que o poder de concentração se relaciona diretamente com o desempenho, com a falta desse poder sendo capaz de gerar o colapso.

4.2.6 Classe 5 - “Falta de (auto)confiança”

Compreende 15,09% (f = 8 ST) do corpus total analisado. Constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 4,11$ (“mal”) e $\chi^2 = 17,89$ (“certo”). Essa classe é composta por outras palavras como “dar” ($\chi^2 = 12,12$); “atmosfera” ($\chi^2 = 6,6$); “confiança” ($\chi^2 = 6,43$); e “falta” ($\chi^2 = 4,9$). Essa classe traz conteúdos referentes às dificuldades encontradas pelos jogadores de dar uma identidade à equipe, a fim de que pudessem criar uma atmosfera vencedora.

“aí ficou difícil do time encontrar sua cara todo mundo ficou sem confiança a gente já não confiava mais um no outro ninguém conversava mais direito essa falta de confiança também foi para os treinadores porque a gente não sabia se aquele estilo de jogo ia dar certo para a gente” (Participante 15).

“atmosfera de derrota a gente via jogadores entregues clima muito ruim como se a gente já tivesse sido rebaixado como se tudo já tivesse dado errado a gente não via saída então era como se a derrota já fosse certa como se a gente não tivesse força para lutar contra aquilo” (Participante 14).

“erros sucessivos automaticamente perda de confiança e com isso a gente ficou muito abaixo do esperado ficou todo mundo mal atmosfera ruim muito desânimo fraqueza falta de reação essas coisas” (Participante 16).

Conforme é possível verificar nos relatos, a perda de confiança vai além de confiar no outro, verificando-se como uma das principais problemática a perda de autoconfiança, o que traz consigo essa sensação de desânimo, de desmotivação em seguir com a busca de melhores resultados.

4.2.7 Classe 6 - “Resiliência do grupo”

Compreende 18,87% (f = 10 ST) do corpus total analisado. Constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 4,28$ (“difícil”) e $\chi^2 = 18,37$ (“grupo”). Essa classe é composta por outras palavras como “colapso” ($\chi^2 = 7,8$); “saber” ($\chi^2 = 4,63$); e “acontecer” ($\chi^2 = 4,63$). Essa classe traz conteúdos referentes à importância da união, da concentração e do entendimento de todos na equipe em prol do objetivo maior que é superar o adversário.

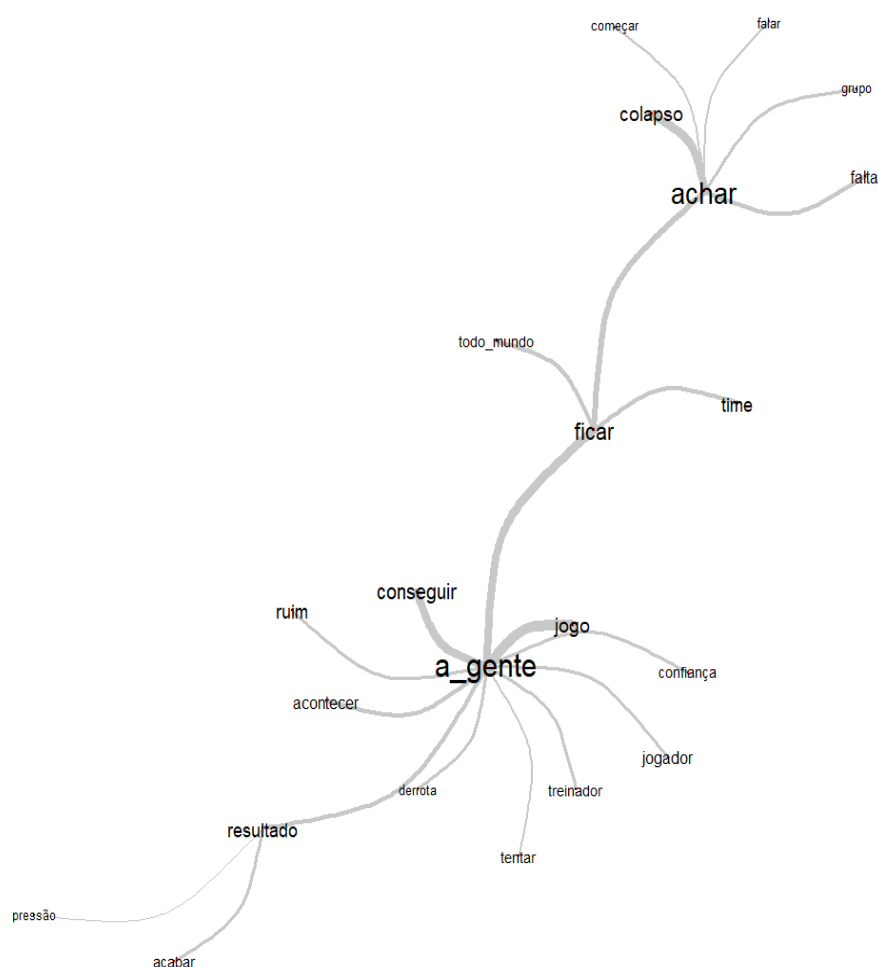
“creio que quando o grupo é bem unido é bem fechado eu acho que é muito difícil desse colapso acontecer creio que desavenças dentro do grupo deslealdade assim nos treinamentos” (Participante 07).

“se isso acontece é porque não estavam preparados foram poucas vezes não é que eu vivenciei esse colapso tanto é que foi até difícil de lembrar essa partida aí então eu acho que eu sou um cara que gosta de animar” (Participante 13).

“se um dois do time não estiverem concentrados mais num campeonato tão importante e difícil que é o campeonato alemão um desconcentrar acho que já desestabiliza a equipe toda não eu acho que é isso mesmo” (Participante 05).

Esse preparo verificado nos relatos dos jogadores pode ser remetido à presença de inteligência emocional no grupo, é a partir disso que acredita-se ser possível essa resiliência do grupo, o uso de estratégias de regulação emocional que possibilite que os multifatores que podem causar o colapso de desempenho tenham seus efeitos minimizados.

Figura 8. Análise de Similitude



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Com relação à palavra em destaque “a gente”, que apresenta forte conexidade com as palavras “jogo”, “conseguir”, “ficar”, “acontecer” e “resultado”. Pode-se compreender que é de muita importância tudo que se refere ao que é humano, ou seja, a experiência, o se doar, a empatia de cada um membro desse grupo.

A palavra “ficar”, por sua vez, apresenta conexidade com as palavras “achar”, “todo mundo” e “time”. Ao analisar tais conexões, pode-se perceber que a interpretação que os atletas fazem do ambiente que estão vivendo parece ser determinante para sua percepção de como se comportar e sobre o que acham que pode ou está acontecendo com cada um e com a equipe de um modo geral.

Por fim, a palavra “achar” está conectada mais fortemente às palavras “colapso”, “falta” e “grupo”. Nesse sentido podemos observar que a ideia que os atletas e comissão técnica tem

do que está acontecendo, assim como sua origem, deve sim ser determinante para performances positivas ou negativas e que esse contágio pode se dar simplesmente pela observação de um ou mais atletas que não estejam de fato conectados com o restante.

4.4 Discussão dos resultados

Durante o estudo foi verificado que houve situações ruins vivenciadas e resolvidas dentro da própria partida, o que pode indicar inteligência emocional por parte dele e do grupo em que está inserido, considerando que mesmo em momento de dificuldade e tensão, conseguem ajustar o comportamento e acertar o jogo. Sobre o assunto, Brito-Costa et al. (2016) elucidam que a inteligência emocional varia e depende de fatores individuais e situacionais, quando um indivíduo de um grupo a possui, é possível potenciá-lo, considerando que pode promover um contágio emocional positivo.

Os relatos demonstram a dificuldade percebida pelos atletas em relação à atmosfera gerada entre os jogadores em campo, sendo relatados sentimentos de derrota, de desconfiança, sendo este último relatado como a pior sensação dentro de campo, dificultando ainda mais o desempenho da equipe. Para Samulski (2002), é fundamental considerar o contexto situacional (interação de pessoa, tarefa e meio ambiente) para que seja possível entender as emoções no esporte.

O resultado verificado na pesquisa também foi evidenciado por Apitzsch (2019), que apontou que um colapso coletivo geralmente é seguido por emoções negativas, a partir disso menciona a importância de haver um líder emocional, para que seja possível criar uma atmosfera positiva em tempos de adversidade, contribuindo para o desempenho da equipe, bem como para a coesão social.

A partir dos resultados foi possível verificar que o colapso de desempenho vai além de uma só partida, geralmente interferindo tanto nos treinos quanto nas partidas seguintes. Os resultados ruins foram constantemente mencionados pelos atletas que participaram desta pesquisa como fator desencadeador de colapso de desempenho. Para discorrer sobre o assunto, toma-se base em Baum (1999), que menciona sobre uma cadeia comportamental, em que um reforço condicionador para uma resposta apresenta a função de estímulo discriminativo para a próxima.

Esses resultados ruins na verdade foram resultados de diferentes comportamentos ligados entre si que formaram uma cadeia comportamental, fazendo-se fundamental compreendê-los para que seja possível chegar à raiz do problema, que são diversas, podendo

ser decorrentes de outros fatores que já vêm sendo desencadeados, sendo assim uma derrota ou somente levar um gol torna-se o estopim para que o colapso de desempenho aconteça.

Sobre o assunto, Andreoli, Oliveira e Fontelis (2020) destacam que o resultado ruim como desencadeador de colapso de desempenho pode estar relacionado às expectativas dos jogadores sobre o resultado final, uma ansiedade cognitiva que interferem no desempenho e na autoeficácia do atleta.

É possível verificar que os atletas apontam o colapso de desempenho a derrotas, como uma quebra de expectativas. Porém, acredita-se que essas derrotas na verdade já são consequências de outros fatores. Isso foi verificado na pesquisa realizada por Wergin et al. (2018), que afirmaram o colapso da equipe coletiva parecia ser induzido por uma cascata temporal de causas e não por gatilhos isolados. Essa cascata inclui antecedentes, tanto eventos críticos anteriores, quanto eventos específicos dentro do jogo. Os autores ainda mencionam resultados afetivos, cognitivos e comportamentais que promovem a manutenção do colapso. Nesse mesmo sentido, Apitzsch (2019) destacou em seus resultados que um colapso coletivo geralmente é seguido por emoções negativas, que se espalham pela equipe resultando em contágio emocional.

Nesse ponto cabe mencionar sobre a sensação de apagão sentida pelos jogadores, um termo frequente no campo futebolístico. É possível verificar seu uso em muitos casos de derrota pela imprensa, como na derrota do Brasil para Alemanha por 7x1 na Copa do Mundo de 2014, sendo veiculados por jornais como a Folha de São Paulo e revistas como a Veja como um apagão entre os atletas em campo após o primeiro gol, os jogadores simplesmente não conseguiram reagir, um impacto emocional que contagiou a toda a equipe. Esse apagão também foi mencionado pela comissão técnica e pelos próprios jogadores na época, sendo apontado como algo inexplicável.

Esse apagão também é mencionado na pesquisa de Assunção (2020) em análise ao jogo entre Brasil e Uruguai na semifinal da Copa do Mundo de 1970, quando o Brasil venceu por 3x1, de acordo com o autor, os jogadores relataram um apagão durante todo o primeiro tempo, em que não conseguiram jogar, acertar passes, chegar a um resultado e após conversa no vestiário durante o intervalo do jogo conseguiram recuperar e vencer o jogo durante o segundo tempo.

Dessa forma, verifica-se que esse apagão relatado pelos jogadores é justamente o contágio emocional que gerou um colapso de desempenho, a inteligência emocional é fundamental para que seja possível evitar essas situações ou reverter o quadro quando já está instaurado ainda durante o jogo.

No que diz respeito à pressão a que os jogadores são expostos pode ser vista sob o viés da sociedade do espetáculo, mencionada por Guy Debord (1997), em que a espetacularização dos fatos se apresenta como produto do capitalismo, tendo como premissa mostrar somente “o que é bom”, gerando expectativas constantes de resultados positivos, “O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’” (DEBORD, 1997, p. 16-17).

Assim, a derrota no jogo se mostra como o ruim, o que não deveria ser visto, partindo daí essa pressão entre os atletas, além de representar perda de lucros. Quanto mais resultados positivos esses jogadores mostrarem, maior a possibilidade de outros clubes buscarem sua contratação e quanto mais disputado entre esses clubes, maior o valor do seu passe. Pode-se entender, assim, que essa espetacularização gira em torno do lucro.

De acordo com Camurça (2019), a presença dos torcedores nos estádios pode gerar resultados emocionais diferentes dependendo do resultado que a equipe esteja gerando, as emoções são fortes nessas partidas, na mesma medida que as cobranças e tensões. Além disso, a autora ressalta que as discussões sobre os jogos tendem a ecoar por mais tempo. Dessa forma, é possível perceber que os jogadores que participaram deste estudo estão envolvidos em um ambiente de pressão, tensão, cobrança por parte dos torcedores, dos gestores, do técnico, com uma necessidade constante de gerar resultados.

Esses jogadores são constantemente expostos como uma espécie de propaganda para o consumo, na realização de um verdadeiro espetáculo público que atende a uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997). Para o autor, “toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos” (DEBORD, 1997, p. 8).

A partir de Debord (1997) é possível entender sobre a presença do futebol na mídia, sendo mencionado pelo autor a inflação de imagens, dando destaque a uma sociedade do espetáculo, onde a religião estimula a construção de novas imagens, não de ícones já conhecidos, mas de jogadores e treinadores que passam a agir como estrelas/celebridades.

No universo esportivo, mais especificamente, a figura da celebridade se confunde com a do ídolo ou mito. Frequentemente vemos jornalistas apelidando e transformando esportistas em novos ídolos por meio de apelidos como “guerreiro”, “imperador”, “muralha”, “fenômeno” e etc., nomes esses que lembram cenários de guerra. Quanto mais batalhas o esportista participar e enfrentar com êxito, mais próximo da glória eterna ele estará deixando o status de celebridade e passando a figurar como ídolo ou herói.

Para Herschamann e Pereira (2003), as fronteiras que separam heróis de celebridades estão cada vez mais fragilizadas e já não é mais possível apontar com precisão quais são os fatores que os fazem passar de um ponto a outro, tornando-se ídolos, se não o talento, os atos heroicos ou as estratégias publicitárias bem-sucedidas. No fundo, pode ser considerada uma junção de todos. Os três ‘’ se articulam no sentido de produzir heróis/ celebridades em contextos de alta visibilidade’’ (HERSCHAMANN; PEREIRA, 2003, p. 13).

Para um sujeito ser considerado um herói por torcedores e imprensa, primeiro ele precisa ser considerado um ídolo. Como podemos ver, são níveis e patamares de idolatria diferentes que são alçados os sujeitos. Conquistar grandes feitos, os quais, tenham grande destaque e sejam enaltecidos na mídia são pré-requisitos para se tornar um ídolo, no entanto, não basta somente isto. Tornar-se ídolo e posteriormente um herói nacional é ir além de esporte, do talento apresentado dentro de campo, mas também é necessário ser um exemplo de ser humano, despertando valores e significados de ídolo. O atleta, como sujeito-ídolo, tem como condição ser exemplo em aspectos que crie uma conexão com o receptor da notícia.

Explica-se que o receptor precisa de ídolos e novos heróis, por vezes a mídia os cria com a intenção de saciar tal necessidade, no entanto, ídolos instantâneos e efêmeros se desmancham facilmente, tornando-se ídolos passageiros, construindo uma inversão de papéis, onde receptor passa a enxergar um vilão a partir do momento que significados e valores não são correspondidos (HALL, 1997).

A fabricação de ídolos esportivos, como outros ídolos, se dá por um processo que ocorre através da mídia especializada, com textos publicitários, artigos, manchetes, narrativas, gols, comentários especializados e etc. que colocam em destaque os atributos e talentos do sujeito veiculado pela mídia. Tal processo de fabricação acontece nas instâncias midiáticas, onde não se criam apenas ídolos, mas também os destroem muito rapidamente. A desconstrução não acontece somente por críticas feitas ao ídolo, de maneira ativa, mas com a falta de textos divulgados, de forma passiva. É justamente nesse ponto que percebe o quanto a pressão é exercida nesses jogadores, visto que seu desempenho, tanto dentro quanto fora de campo, implica na construção ou desconstrução de sua imagem.

Nesse mesmo sentido, as redes sociais da internet também foram mencionadas pelos jogadores quando se relacionavam à pressão sentida como fator de desencadeamento do colapso de desempenho. Isso porque, depois das redes sociais, as pessoas tem mudado a maneira de se relacionar, pois nas redes sociais sentem a liberdade de falar o que quer independente da consequência que pode vir a causar.

Salienta-se que é intrínseco ao ser humano o aspecto individual e social. Dessa forma, do mesmo jeito que somos individuais e únicos já nascemos inseridos em uma rede social que é a família, depois vamos estabelecendo outros vínculos com a sociedade que influenciam, inclusive, na construção como sujeito.

As redes sociais se definem como uma estrutura social composta por pessoas ou organizações que estão conectadas por um ou vários tipos de relações e que partilham valores e objetivos comuns. Elas podem operar em diferentes tipos de níveis como redes de relacionamento, redes políticas, redes profissionais e redes comunitárias. Por meio dessas redes sociais as pessoas têm ultrapassado as barreiras geográficas, se comunicando em tempo real de qualquer parte do mundo, são informações, comunicações pessoais, divulgação de produtos e festas, enfim, a comunicação de um mundo de diversidade sem sair de casa. As redes sociais virtuais ou apenas redes sociais como são conhecidas no meio social tratam-se de relações virtuais entre indivíduos que buscam interação, elas distinguem-se apenas por suas dinâmicas e propósitos. Assim, as redes sociais nada mais são que sites de relacionamento.

Essa pressão exercida pelas redes sociais tem chamado atenção de diferentes pesquisadores e pesquisadoras. Considerando o caso de Neymar Júnior, jogador brasileiro de reconhecimento mundial, Colagrossi (2018) destaca que a superexposição nas redes sociais gera expectativas proporcionais, gerando o que ele chama de ressaca digital, como na Copa do Mundo de 2018, já que nos momentos anteriores ao evento havia muitas expectativas geradas nas redes sociais, quando o atleta não entregou o resultado esperado, as consequências foram o bombardeio de críticas.

Discorrendo sobre o assunto, se esclarece que após a Copa do Mundo de 2018 realizada na Rússia, onde Neymar chegou fora de forma e muito contestado, acabou se tornando piada internacional ao simular, gesticular e reclamar exageradamente, sendo eliminado pela Bélgica ainda nas quartas de final. Enquanto disputa a Copa do Mundo de 2018, Neymar vê seu nome envolvido em mais uma polêmica, onde enfrenta mais um processo judicial contra as Receitas Federais brasileira e espanhola por sonegação de impostos, estampando as capas de diversos gêneros da mídia. Em 2019, talvez o ano em que Neymar tenha sofrido mais críticas da mídia e torcedores por se envolvendo em polêmicas. Em maio de 2019, a equipe do Paris Saint-Germain perdeu a final da Copa da França para a equipe do Bordeaux.

Essa preocupação tem sido constante entre os clubes brasileiros, não se limitando somente ao futebol, tanto que nas Olimpíadas de Tóquio de 2020, que estão acontecendo neste ano de 2021, os dirigentes e treinadores têm constantemente alertados os atletas sobre os riscos de acompanhar as redes sociais durante as competições.

Verificou-se que a confiança tem sido fator latente na geração de colapso de desempenho, fazendo-se importante trabalhar essa questão para que seja possível evitar que um colapso venha a ocorrer na equipe. Na pesquisa realizada por Apitzsch (2019) essa questão também foi verificada. De acordo com o autor, seus resultados demonstraram que o comportamento dos jogadores e dos treinadores foi responsável por 69,6% dos motivos invocados para a ocorrência de um colapso coletivo. A falta de comunicação e a falta de aceitação de papéis foram apontadas como os principais fatores.

A relação com os treinadores foi mencionada por Van Kleef et al. (2019) que demonstraram como fator que influencia diretamente no desempenho dos jogadores. Em seus resultados demonstraram que as expressões de felicidade dos técnicos favoreciam o desempenho da equipe, enquanto as expressões de raiva não.

A partir disso é possível verificar que o trabalho da confiança entre os jogadores pode seguir na linha da motivação entre eles, quando bem entrosados, se permitem melhorar a confiança do seu companheiro de equipe, sendo este fator de significativa relevância, podendo-se dizer que há uma reversão, ao invés de se impulsionar um contágio emocional da desconfiança, se tem um contágio do sentimento de motivação, de poder. Como bem afirma Johnson (2002), quando o jogador é bem aceito no grupo e sente essa motivação, tende a ter uma maior capacidade de se recuperar de situações difíceis mais rapidamente.

Salienta-se que a concentração tem sido uma preocupação entre especialistas em Psicologia do Esporte, como Rúbio (2000) que destaca a importância de trabalhar a concentração dos jogadores como meio de obter melhores resultados. De acordo com a autora, a concentração está diretamente relacionada ao foco, trabalhando esse fator no atleta é possível trazer estímulos que o mantenham em foco durante todo o evento esportivo. Harter (1978) destaca a importância da motivação nesse processo, de acordo com o autor, um(a) atleta desmotivado tem maiores chances de apresentar problemas de concentração em campo.

Nesse ponto faz-se importante mencionar a influência do circuito de recompensa, visto que quanto mais o jogador se ver longe da vitória e perto da derrota, menor é a sensação de alcance da recompensa, assim esse sistema atua na mobilização da pessoa, é esse sistema que influencia na adesão ao treinamento, na motivação para a vitória, até mesmo, a um tratamento que tenha que realizar para a melhor recuperação.

Percebeu-se também inteligência emocional por parte dos jogadores que mencionam sua capacidade de manter o colapso de desempenho somente no primeiro tempo da partida ou somente em um determinado jogo. Trata-se, na verdade, do uso de estratégias de regulação emocional, mencionadas por Goldin e Gross (2010) como habilidades cognitivas, dentre as

quais estão mudança de perspectiva, interpretações desafiadoras e reformulação do significado das situações. Pesquisadores como Laborde et al. (2011), Crombie et al. (2009) e Brito-Costa et al. (2016) também verificaram em seus resultados os impactos positivos da inteligência emocional no desempenho de jogadores de esportes coletivos.

CONCLUSÃO

A partir deste estudo foi possível verificar que o contágio emocional está presente no esporte, assim como nas diferentes esferas da sociedade, afetando os resultados daqueles ou daquelas envolvidos em equipe. Os estudos ainda são escassos, principalmente no Brasil, sobre o processo de colapso de desempenho por contágio emocional no Futebol, mesmo sendo uma constante nesse esporte.

A partir da pesquisa realizada com atletas profissionais de futebol da série A do Campeonato Brasileiro não foi possível verificar relação entre o contágio emocional pelo perfil do atleta, acreditando-se que vai além de um perfil predefinido, podendo estar relacionado à experiência do jogador, quanto mais experiente o jogador maior sua capacidade de gerenciar suas emoções em campo.

Em relação ao clima gerado a partir do colapso de desempenho verificou-se que quando este ocorre geralmente atinge a todos os jogadores ou jogadoras em campo, não sendo encontrado um resultado homogêneo em relação à influência do colapso nas partidas e nos treinos seguintes, variando de acordo com a relação entre a equipe. A inteligência emocional foi verificada como fator preponderante para que conseguissem manter o colapso em somente um tempo da partida ou somente em uma parte, identificando estratégias de regulação emocional como mudanças de perspectivas como utilizadas por aqueles ou aquelas que conseguiram superar o colapso em curto espaço de tempo.

Foi possível verificar como principais causas do colapso de equipes de esporte de grupo por conta do contágio emocional negativo: situações adversas em jogos, descrença, críticas externas, conflitos intraequipe, falta de autoconfiança e resiliência do grupo. Dessa forma, é possível dizer que as causas do colapso de desempenho são multifacetadas.

Os resultados ruins foram verificados como desencadeadores por se apresentarem como uma quebra de expectativa, já que os jogadores tendem a gerar uma ansiedade cognitiva, sendo possível dizer que essa ansiedade está aliada à pressão por resultado que também é fator desencadeador.

A pressão foi verificada como um dos principais pontos a serem considerados, podendo ser vista em diferentes dimensões, tanto a pressão do técnico, quanto dos dirigentes, a dos próprios companheiros, a da torcida e a de si mesmos. Nesse âmbito da pressão se tem a chamada sociedade do espetáculo, onde a espetacularização do esporte se apresenta como fruto do capitalismo, o resultado a ser gerado pelos atletas significa lucro, para as torcidas o que importa é o resultado positivo.

Ainda em relação à pressão por resultado tem destaque as redes sociais nesse processo. A exposição exacerbada do jogador aumenta essa pressão exercida pela torcida, podendo ser alvo de críticas tanto pela sua vida pessoal quanto pela vida profissional, fazendo-se fundamental que esteja atento à gestão de suas emoções, pois os resultados podem ir além de um colapso de desempenho por contágio emocional em campo, podendo afetar a saúde mental de forma mais profunda. As redes sociais precisam ser vistas como fontes de estresse.

A confiança no companheiro e a desconcentração também foram relatadas de forma constante como um comportamento em campo quando se tem um colapso de desempenho instaurado, sendo o termo apagão utilizado para explicar o momento em que os jogadores não conseguem reagir para modificar o resultado.

Ao final deste estudo concluiu-se que o colapso de desempenho é uma constante entre atletas da elite do futebol brasileiro, sendo as causas multifacetadas, com a pressão por resultado se apresentando como a principal entre elas. A inteligência emocional precisa ser trabalhada nesses jogadores para que seja possível evitar que esses casos aconteçam e os resultados possam ser alcançados, primando pela saúde mental dos jogadores, ensinando-lhes estratégias de regulação emocional que podem ser utilizadas dentro de campo.

Salienta-se que este estudo poderia ser mais aprofundado com um número maior de jogadores, sugere-se que em futuras pesquisas seja realizado um grupo focal para que seja possível promover uma discussão entre eles, conseguindo, assim, obter maiores informações sobre o processo de contágio emocional, o que não foi permitido nesta pesquisa, dado o cenário de pandemia vivenciado durante o seu desenvolvimento. Conclui-se que o quando o colapso de desempenho acontece, atinge a todos os jogadores ou jogadoras em campo, não sendo encontrado um resultado homogêneo em relação à influência do colapso nas partidas e nos treinos seguintes, variando de acordo com a relação entre a equipe. Os estudos sobre o processo de colapso de desempenho por contágio emocional no Futebol são escassos no Brasil, mesmo sendo uma constante no futebol. E sabendo que o contágio emocional está presente no esporte e nas diferentes esferas da sociedade, afetando os resultados daqueles ou daquelas desenvolvidos em equipe.

REFERÊNCIAS

- ADRIÁN-VENTURA, Jesús et al. Reward network connectivity “at rest” is associated with reward sensitivity in healthy adults: a resting-state fMRI study. **Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience**, v. 19, n. 3, p. 726-736, 2019.
- ANDERS, Silke et al. Flow of affective information between communicating brains. **Neuroimage**, v. 54, n. 1, p. 439-446, 2011.
- ANDREOLI, Mariana De Araújo; OLIVEIRA, Thaís Cabral De; FONTELES, Daniel Sá Roriz. Um panorama das intervenções comportamentais para tratar estresse e ansiedade em atletas: revisão bibliográfica. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 20, n. 1, p. 85-115, 2020.
- APITZSCH, Erwin. Collective collapse in football. In: **Football Psychology**. Routledge, 2019. p. 117-126.
- ARAÚJO, D. Definição e história da psicologia do desporto. Em Serpa, S. e Araújo, D. **Psicologia do Desporto e do Exercício** (p. 9-51). Lisboa: FMH Edições, 2002.
- ARRIBAS-GALARRAGA, Silvia et al. Influence of emotional intelligence on sport performance in elite canoeist. **Journal of Human Sport and Exercise**, [S.l.], v. 15, n. 4, p. 772-782, dec. 2020.
- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Brasil 3 x 1 Uruguai, semifinal da Copa de 70 (um relato-ensaio retrospectivo). **FuLiA/UFGM**, v. 5, n. 3, p. 27-57, 2020.
- ÁVILA, Lazslo Antonio. **O grupo como método**. Psicologia Revista (PUC-SP), 9, 1999, p. 61-74.
- ÁVILA, Lazslo Antonio. A Trofolaxes grupal: transtornos narcísicos e reconstruções vinculares. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 3, p. 523-529, 2007.
- BALBINO, H. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação Física - UNICAMP, Campinas 2001.
- BARD, Philip. A diencephalic mechanism for the expression of rage with special reference to the sympathetic nervous system. **American Journal of Physiology-Legacy Content**, v. 84, n. 3, p. 490-515, 1928.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARRETT, Lisa Feldman. Are emotions natural kinds?. **Perspectives on psychological science**, v. 1, n. 1, p. 28-58, 2006.

BARSADE, Sigal G. The ripple effect: Emotional contagion and its influence on group behavior. **Administrative science quarterly**, v. 47, n. 4, p. 644-675, 2002.

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon**. Psicólogo informação ano 14, n. 14 jan./dez. 2010.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa, Dinalivro, 1994.

BECKER JR., B e SAMULSKI, D. **Manual de treinamento psicológico para o esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

BECKER JUNIOR, B. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000.

BEHKEN, Sergio Paulo. **Gestão estratégica de pessoas, coaching e liderança**. São Paulo: Saraiva, 2016.

BETTI, M. **O que a semiótica inspira ao ensino de educação física**. São Paulo: Discorpo, n. 3, p. 25-45, 1994.

BION, W. R. **Experiências com grupos**. 2a ed., W. I. Oliveira, trad. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: EDUSP, 1975.

BOK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias uma introdução ao Estudo de Psicologia**. Editora Saraiva 1999.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto alegre: Magister, 1998.

BRITO-COSTA, Sónia et al. Inteligência emocional percebida em atletas de futebol. **Revista INFAD de Psicología**. v. 2, n. 1, p. 455-464, 2016.

BRUNER, J.; WEISSER, S. A invenção do ser: A autobiografia e suas formas. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, p. 141-161. 2002.

BZUNECK, José Aloyseo. Conceito e funções dos esquemas cognitivos para a aprendizagem implicações para o ensino. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 12, n. 3, p. 142-145, 1991.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMPO, Mickaël et al. Emotions in team contact sports: A systematic review. **The Sport Psychologist**, v. 26, n. 1, p. 62-97, 2012.

CAMPO, Mickaël et al. Interpersonal emotion regulation in team sport: Mechanisms and reasons to regulate teammates' emotions examined. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 15, n. 4, p. 379-394, 2017.

CAMPO, Mickael; MACKIE, Diane M.; SANCHEZ, Xavier. Emotions in group sports: A narrative review from a social identity perspective. **Frontiers in psychology**, v. 10, p. 666, 2019.

CANNON, Walter B. The James-Lange theory of emotions: A critical examination and an alternative theory. **The American journal of psychology**, v. 39, n. 1/4, p. 106-124, 1927.

CARR, D., TAYLOR, C. E RICOEUR, P. Discussão: Ricoeur na narrativa. Em D. Wood (Ed.), **Sobre Paul Ricoeur: narrativa e interpretação** (pp. 160-187). Londres, Reino Unido: Routledge, 1991.

CARRILLO, Maria et al. Emotional mirror neurons in the rat's anterior cingulate cortex. **Current Biology**, v. 29, n. 8, p. 1301-1312. e6, 2019.

CARVALHO, Cristianne Almeida. A psicologia do esporte no Brasil ciência do esporte e do exercício. In: CONDE, Erick et al. **Psicologia do Esporte e do Exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Pasavento, 2019.

CASAL, H. M. V. Fatos e reflexões sobre a história da Psicologia do Esporte. Em Brandão, M. R. F. e Machado, A. A. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício**, v. 1. São Paulo: Atheneu, 2007.

CELEGHIN, Alessia; DE GELDER, Beatrice; TAMIETTO, Marco. From affective blindsight to emotional consciousness. **Consciousness and cognition**, v. 36, p. 414-425, 2015.

CHARLES, Susan Turk. Emotional experience and regulation in later life. In: **Handbook of the Psychology of Aging**. Academic Press, 2011. p. 295-310.

COBÊRO, Cláudia; PRIMI, Primi; MUNIZ, Monalisa. Inteligência emocional e desempenho no trabalho: um estudo com MSCEIT, BPR-5 E 16PF. **Paidéia**, 2006, 16(35), 337-348.

CORRÊA, Daniel Kroeff de Araujo et al. Excelência na produtividade: a performance dos jogadores de futebol profissional. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, n. 2, p. 447-460, 2002.

COZAC, João Ricardo Lebert. **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume, 2003.

COUTO, Ana Cláudia Porfírio. **A educação pelo esporte: um caminho para o desenvolvimento humano**. Minas Gerais: EEEFTO/UFMG, 2000.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CROMBIE, David; LOMBARD, Carl; NOAKES, Tim. Emotional intelligence scores predict team sports performance in a national cricket competition. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 2, p. 209-224, 2009.

DAMASIO, H. et al. The return of phineas gage: clues about the brain from the skull of a famous patient. **Science, American Association for the Advancement of Science**, v. 264, n. 5162, p. 1102–1105, 1994.

DEL-BEN, Cristina Marta. Neurobiologia do transtorno de personalidade anti-social. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 27-36, 2005.

DEMO, P. Pesquisa Qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, 6(2), pp. 89-104, 1998.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM Pocket, 2005.

DOHERTY, R. William. The emotional contagion scale: A measure of individual differences. **Journal of nonverbal Behavior**, v. 21, n. 2, p. 131-154, 1997.

D'URSO, Valentina; PETROSSO, Andreina; ROBAZZA, Claudio. Emotions, perceived qualities, and performance of rugby players. **The Sport Psychologist**, v. 16, n. 2, p. 173-199, 2002.

ESPERIDIÃO-ANTONIO, Vanderson et al. Neurobiologia das emoções. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 35, p. 55-65, 2008.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FLEURY, S. **Ansiedade Pré-Competitiva**. 2005. São Paulo. Disponível em www.suzyfleury.com.br. > Acesso em jan. 2020.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria à prática de educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.

FREITAS, Maria de Fatima Quintal de. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. vol.11 n.1 Porto Alegre, 1998.

FREUD, S. **Sobre a psicoterapia** (1905 [1904]). In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987. V. VII.

FRISON, Lourdes M. B.; SIMÃO, Ana M. V. **Abordagem, (auto) biográfica** – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. Porto Alegre: Revista Educação, v.34, n.2, p.198-206, maio/ago. 2011.

GALATTI, L.R. **Pedagogia do Esporte**: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos. 139f. Dissertação (Mestrado em

Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

GANCZAREK, Joanna; HÜNEFELDT, Thomas; BELARDINELLI, Marta Olivetti. From “Einfühlung” to empathy: exploring the relationship between aesthetic and interpersonal experience. 2018.

GASPAR, Mônica Maria Gadêlha; PASSEGGI, Maria Conceição; PEREIRA, Fátima. **As narrativas autobiográficas e a formação de professores:** Uma reflexão sobre o diário de acompanhamento. Porto Alegre, 2012.

GAYOTTO, M. L. **Conceitos básicos que facilitam a compreensão do início de um grupo.** Artigo referente ao curso de especialização em Coordenação de grupos operativos do Instituto Pichon-Rivière. [S.l.: s.n.], 1992.

GEURTS, Dirk EM et al. Neural connectivity during reward expectation dissociates psychopathic criminals from non-criminal individuals with high impulsive/antisocial psychopathic traits. **Social cognitive and affective neuroscience**, v. 11, n. 8, p. 1326-1334, 2016.

GIACOMONI, Cristian; FONSECA, Gerard Mauricio Martins. Principais indicadores de burnout em jovens atletas de futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 106-123, jul./dez. 2014.

GILBERT, P. **The compassionate mind.** London: Constable & Robinson, 2009.

GILBERT, P. **Compassion focused therapy:** The CBT distinctive features series. London: Routledge, 2010.

GILBERT, P. **Human Nature and Suffering.** Hove, UK: NJ (Erlbaum), 1989.

GILBERT, Paul. The origins and nature of compassion focused therapy. **British Journal of Clinical Psychology**, v. 53, n. 1, p. 6-41, 2014.

GOLDIN, Philippe R.; GROSS, James J. Effects of mindfulness-based stress reduction (MBSR) on emotion regulation in social anxiety disorder. **Emotion**, v. 10, n. 1, p. 83, 2010.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional:** a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GOLEMAN, Daniel. Como uma equipe é contagiada pelas emoções de seu líder. **Administradores.com**. 2014. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/como-uma-equipe-e-contagiada-pelas-emocoes-de-seu-lider> Acesso em: jan. 2020.

GOLEMAN, Daniel et al. **Empathy (HBR Emotional Intelligence Series).** Harvard Business Press, 2017.

GONDIM, Sônia Maria Guedes et al. Constrangimento, contágio emocional e gestão: um estudo transcultural. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5 n. 1, p. 7-20, jan./jun. 2014.

GOUVEIA, Valdiney Veloso et al. Escala de Contágio Emocional: Adaptação ao contexto brasileiro. **Psico**, v. 38, n. 1, p. 5, 2007.

GRINBERG, L.; SOR, D.; BIANCHEDI, E. **Introdução às ideias de Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

GROOT, Jasper HB et al. A sniff of happiness. **Psychological science**, v. 26, n. 6, p. 684-700, 2015.

GROSS, James J. Emotion regulation: Current status and future prospects. **Psychological inquiry**, v. 26, n. 1, p. 1-26, 2015.

HASSON, Uri; MALACH, Rafael; HEEGER, David J. Reliability of cortical activity during natural stimulation. **Trends in cognitive sciences**, v. 14, n. 1, p. 40-48, 2012.

HATFIELD, Elaine; CACIOPPO, John T.; RAPSON, Richard L. Emotional contagion. **Current directions in psychological science**, v. 2, n. 3, p. 96-100, 1994.

HOLMES, Oliver W. Descartes, Hume, Kant and Diderot: The Interconnectedness of the Self and Nature. In: **Phenomenology of Life from the Animal Soul to the Human Mind**. Springer, Dordrecht, 2007. p. 381-417.

JAMES, William. What is an emotion? **Mind**, os-IX, 188-205. 1884.

JASPERS, K. **Psicopatologia Geral**: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.

JORDET, Geir. Why do English players fail in soccer penalty shootouts? A study of team status, self-regulation, and choking under pressure. **Journal of Sports Sciences**, v. 27, n. 2, p. 97-106, 2009.

KESSEL, Ellen M. et al. Neurophysiological processing of emotion and parenting interact to predict inhibited behavior: an affective-motivational framework. **Frontiers in human neuroscience**, v. 7, p. 326, 2013.

KEYSERS, Christian; PERRETT, David I. Demystifying social cognition: a Hebbian perspective. **Trends in cognitive sciences**, v. 8, n. 11, p. 501-507, 2004.

KLECKNER, Ian R. et al. Evidence for a large-scale brain system supporting allostasis and interoception in humans. **Nature human behaviour**, v. 1, n. 5, p. 1-14, 2017.

KILNER, James M.; FRISTON, Karl J.; FRITH, Chris D. Predictive coding: an account of the mirror neuron system. **Cognitive processing**, v. 8, n. 3, p. 159-166, 2007.

KOENIGS, M. et al. Damage to the prefrontal cortex increases utilitarian moral judgements. *Nature*, **Nature Publishing Group SN**, v. 446, p. 908 EP –, Mar 2007.

KONZAG, I. A formação técnico-tática nos jogos Desportivos Colectivos. **Revista Kinesis**, nº. 10, p.45-49, 1992.

KNOBEL, Daniël Pieter. **Emotional intelligence in sport: a predictor of rugby performance**. 2010. Tese de Doutorado.

LABORDE, Sylvain; GUILLÉN, Félix; MOSLEY, Emma. Positive personality-trait-like individual differences in athletes from individual-and team sports and in non-athletes. **Psychology of sport and exercise**, v. 26, p. 9-13, 2016.

LABORDE, Sylvain et al. The role of trait emotional intelligence in emotion regulation and performance under pressure. **Personality and Individual differences**, v. 57, p. 43-47, 2014.

LABOV, W. Uncovering the event structure of narrative. **Georgetown University Round Table** 2001. Georgetown: Georgetown University Press. 2001.

LAHM-VIEIRA, Camila Roberta; BOECKEL, Mariana Gonçalves; RAVA, Paula Grazziotin. rEVisando intErVENçõEs narratiVas: FerramEntas Para o ContExto tEraPêutiCo. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 20, n. 40, p. 99-114, 2011.

LANGE C. **The emotions**. Baltimore: Williams & Wilkins, 1885.

LEWIN K. **Princípios de psicologia topológica**. São Paulo: Cultrix; 1973.

LOPES, Maura Corcini.; FABRIS, E. H. **Inclusão & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MACHADO, A.A. Liderança: novas perspectivas no futebol. In: BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A.; MEDINA, J. P.; SCAGLIA, A. J. (Ed.). **Futebol, psicologia e produção do conhecimento**. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 2008. p. 95-112.

MAILHIOT, G B. **Dinâmica e Gênese dos Grupos** - Atualidade das Descobertas de Kurt Lewin. São Paulo: Vozes, 2013.

MANDLER, George. Affect and learning: Causes and consequences of emotional interactions. In: **Affect and mathematical problem solving**. Springer, New York, NY, 1989. p. 3-19.

MELO, Gislane Ferreira de; SILVA, Amanda Alves da. **IRAMUTEQ** (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEEFTO. UFMG, 2019.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOLL, Tjerk; JORDET, Geir; PEPPING, Gert-Jan. Emotional contagion in soccer penalty shootouts: Celebration of individual success is associated with ultimate team success. **Journal of sports sciences**, v. 28, n. 9, p. 983-992, 2010.

NACARATO, Adair Mendes; PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas autobiográficas produzidas por futuras professoras: representações sobre a matemática escolar. Campinas: **Rev. Educ. PUC-Camp.**, v. 18, n. 3, p. 287-299, set/dez., 2013.

NADLER, Reldan S. **Liderando com inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

NASCIMENTO, Raphael Silva. " O que é uma emoção?", de William James. **Clínica & Cultura**, v. 2, n. 1, p. 95-113, 2013.

NETA, N. F. A., GARCIA, E., GARGALLO, I. S. A inteligência emocional no âmbito acadêmico: Uma aproximação teórica e empírica. **Psicologia Argumento**, 26 (52), 11-22, 2008.

OLIVEIRA, M.K. de; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. **Pro-Posições**. (Dossiê Temas e tendências na perspectiva histórico-cultural), v. 17, n. 2 (50), p. 119-138. 2006.

OCHSNER, Kevin N.; GROSS, James J. The cognitive control of emotion. **Trends in cognitive sciences**, v. 9, n. 5, p. 242-249, 2005.

PASSEGGI, Maria Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; LIVEIRA, Roberta de. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação**. Revista Lusófona de Educação, n.33, 2016.

PEREIRA, Thaís Thomé Seni Oliveira. Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 21-29, 2013.

PERLINI, Arthur H.; HALVERSON, Trevor R. Emotional intelligence in the National Hockey League. **Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement**, v. 38, n. 2, p. 109, 2006.

PETRIDES, Konstantinos V. et al. Emotional intelligence as personality: Measurement and role of trait emotional intelligence in educational contexts. In: **Emotional intelligence in education**. Springer, Cham, 2018. p. 49-81.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1993.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PINO, A. A questão da significação-perspectiva histórico-cultural. In: **Temas de Neuropsicologia e Neurolinguística**. São Paulo: Tec Art., 2015. v.4, p. 32-38.

PORGES, Stephen W. The Polyvagal Theory: Neurophysiological Foundations of Emotions. **Attachment, Communication, and Self-regulation**, p. 161-162, 2011.

PRESTON, Stephanie D.; DE WAAL, Frans BM. Empathy: Its ultimate and proximate bases. **Behavioral and brain sciences**, v. 25, n. 1, p. 1-20, 2002.

PRINZ, J. **The Emotional Construction of Morals**. New York: Oxford University Press, 2007.

RAINE, Adrian et al. Reduced prefrontal gray matter volume and reduced autonomic activity in antisocial personality disorder. **Archives of general psychiatry**, v. 57, n. 2, p. 119-127, 2000.

RAINE, Adrian; BUCHSBAUM, Monte; LACASSE, Lori. Brain abnormalities in murderers indicated by positron emission tomography. **Biological psychiatry**, v. 42, n. 6, p. 495-508, 1997.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zelia; FREIRE, José-Jozefran. O dualismo de Descartes como princípio de sua Filosofia Natural. **Estudos avançados**, v. 27, n. 79, p. 157-170, 2013.

RATINAUD, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Retrieved from <http://www.iramuteq.org>

RATIU, P. et al. The tale of phineas gage, digitally remastered. **Journal of Neurotrauma**, v. 21, n. 5, p. 637-643, 2004.

REVELL, Jane, NORMAN, Susan. **In your hands: NLP in ELT**. London: Saffire, 2007.

RIBEIRO, Paulo et al. Psicoeducação baseada em evidências no esporte: revisão bibliográfica e proposta de intervenção para manejo emocional. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 8, n. 1, 2018.

RIZZOLATTI, Giacomo et al. Premotor cortex and the recognition of motor actions. **Cognitive brain research**, v. 3, n. 2, p. 131-141, 1996.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RUBIO, K. **Encontros e Desencontros: Descobrindo a Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

RÚBIO, Kátia. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 3, n. 19, p. 60-69, 1999.

RUBIO, Kátia. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, 2007.

RUSSELL, James A. A circumplex model of affect. **Journal of personality and social psychology**, v. 39, n. 6, p. 1161, 2000.

SABBATINI, Renato M.E. O Cérebro do Psicopata. Doenças do Cérebro. **Revista Cérebro e Mente**, São Paulo. 2002.

SAMPAIO, Leonardo Rodrigues; CAMINO, Cleonice Pereira dos Santos; ROAZZI, Antonio. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009.

SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Monole, 2002.

SANTANA. A. P. **Escrita e afasia**: A linguagem escrita na afasiologia. Campinas: Plexus, 2012.

SEMIN, Gün R. et al. Inter-and intra-species communication of emotion: chemosignals as the neglected medium. **Animals**, v. 9, n. 11, p. 887, 2019.

SIEGEL, Daniel. Neurobiologia interpessoal. Keynote apresentado no dia 21 de bienal **IIA International Conference**. outubro 26-30, 2011, San Diego, Califórnia.

SILVA, Francis Borges. A relação Professor/Aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Itinerarius Reflectionis**, v. 1, n. 8, 2005.

STARKS, Helene; TRINIDAD, Susan. Choose your method: A comparison of phenomenology, discourse analysis, and grounded theory. **Qualitative health research**, v. 17, n. 10, p. 1372-1380, 2007.

STRONGMAN, Kenneth T. **A psicologia da Emoção**. 2.ed. 2004.

TAMIETTO, Marco; GELDER, Beatrice. Affective blindsight in the intact brain: Neural interhemispheric summation for unseen fearful expressions. **Neuropsychologia**, v. 46, n. 3, p. 820-828, 2008.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

THAGARD, Paul. The passionate scientist: emotion in scientific cognition. **The cognitive basis of science**, 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes. **As dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, Coleção Polêmica do Nosso Tempo, v. 44, 1992.

TUCKER, Don M.; Derryberry, D.; Luu, P. Anatomy and physiology of human emotion: Vertical integration of brainstem, limbic, and cortical systems. **The neuropsychology of emotion**, v. 14, p. 56-79, 2000.

VALLE, Patrícia Barroso. **Inteligência emocional no trabalho**: um estudo exploratório. Rio de Janeiro: Ibmec, 2006.

VAN KLEEF, Gerben A. et al. Emotional games: How coaches' emotional expressions shape players' emotions, inferences, and team performance. **Psychology of sport and exercise**, v. 41, p. 1-11, 2019.

VASCO, A. Sinto e penso, logo existo: abordagem integrativa das emoções. **Psilogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca**, v. 11, p. 37-44, 2013.

VAUGHAN, Robert; LABORDE, Sylvain. Psychometrics of the emotional intelligence scale in elite, amateur, and non-athletes. **Measurement in Physical Education and Exercise Science**, v. 22, n. 2, p. 177-189, 2018.

VERARDI, Carlos Eduardo Lopes et al. Burnout e enfrentamento em jogadores de futebol: fases pré e durante competição. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 20, n. 4, p. 272-275, 2014.

VERZELETTI, Chiara et al. Emotion regulation strategies and psychosocial well-being in adolescence. **Cogent Psychology**, v. 3, n. 1, p. 1199294, 2016.

VIEIRA, Lenamar Fiorese et al. Sport psychology: an emergent field in psychology. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 2, p. 391-399, 2010.

VIZEU, Camargo, Brígido; Justo, Ana Maria IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais Temas em Psicologia, vol. 21, núm. 2, dezembro, 2013, pp. 513-518 Sociedade Brasileira de Psicologia Ribeirão Preto, Brasil

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WEINBERG, R; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia aplicada ao exercício e ao esporte**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

WERGIN, V. Vanessa et al. When suddenly nothing works anymore within a team—Causes of collective sport team collapse. **Frontiers in psychology**, v. 9, p. 2115, 2018.

WHITE, Michael; EPSTON, David. **Medios narrativos para fines terapéuticos**. Barcelona: Paidós, 1993.

WILLIAMS, L. M. et al. Mode of functional connectivity in amygdala pathways dissociates level of awareness for signals of fear. *Journal of Neuroscience*, **Soc Neuroscience**, v. 26, n. 36, p. 9264–9271, 2006.

WOOD, Adrienne et al. Fashioning the face: sensorimotor simulation contributes to facial expression recognition. **Trends in cognitive sciences**, v. 20, n. 3, p. 227-240, 2016.

WUNDT, Wilhelm Max. **Outlines of psychology**. Engelmann, 1897.

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, J. S.; WEISHAAR, M. E. Schema therapy. **New York: Guilford**, v. 254, 2003.

ZIMERMAN, DAVID E. **Bion**: da teoria à prática – uma leitura didática. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ZIZZI, Samuel; DEANER, Heather; HIRSCHHORN, Douglas. The relationship between emotional intelligence and performance among college basketball players. **Journal of applied sport Psychology**, v. 15, n. 3, p. 262-269, 2003.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: O contágio emocional como influência

Pesquisador: PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 60448322.5.0000.5282

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia da UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.672.864

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos abaixo foram transcritas do arquivo "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_968649.pdf", do projeto de pesquisa e de seus apêndices.

Co-participação: não apresenta;

Tem como objeto de estudo "o colapso de desempenho em equipes de futebol";

Não apresenta Questão Norteadora;

Abordagem metodológica: "Como metodologia será realizada uma pesquisa qualitativa exploratória com análise conteúdo (discurso), considerando a narrativa autobiográfica de jogadores de futebol sobre o contágio emocional em equipes, enfocando nos fatores relacionados ao colapso de desempenho. Participarão desta pesquisa atletas de Futebol profissional do gênero masculino de quatro grandes clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro."

Campo / cenário: "quatro grandes clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro"

Participantes: "Atletas de Futebol profissional" no Brasil

Critérios de inclusão: os atletas deverão ser "do gênero masculino de quatro grandes clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro" "Os jogadores serão selecionados de forma voluntária, iniciando pelo contato com suas equipes para solicitar autorização. Serão considerados os jogadores que se voluntariarem para realização da pesquisa."

Critérios de exclusão: não apresenta

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3º and. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: coep@sr2.uerj.br



UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 5.672.864

Técnica e Instrumento de coleta de dados (ICD): "A coleta de dados será realizada a partir de uma entrevista semiestruturada, considerando uma perspectiva narrativa autobiográfica. Os tópicos da entrevista semiestruturada realizada para este trabalho levarão em consideração o embasamento teórico utilizado nesta pesquisa e as informações recolhidas pelo pesquisador sobre o fenômeno social em estudo, com a formulação de perguntas básicas, na qual as respostas possibilitem o alcance dos objetivos."

Crítérios éticos: "Com relação às questões éticas, sobretudo, no que concerne aos procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção dos dados e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, ressalta-se que suas participações serão voluntárias, isto é, elas não serão obrigatórias, onde o participante tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento.

Os mesmos não serão penalizados de nenhuma maneira caso decidam não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, estes participantes tomarão ciência que ela é muito importante para a execução da pesquisa. Destaca-se ainda que serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas pelos participantes. Qualquer dado que possa identificá-los será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material será armazenado em local seguro, bem como, os dados serão analisados e divulgados, mantendo-se o anonimato dos participantes, ou seja, seu nome não será divulgado em hipótese alguma. A cada um será entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em conformidade com a Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Será solicitada autorização de quatro Clubes de Futebol para a realização da pesquisa e, caso necessário, de seus empresários. Durante todo o processo de pesquisa, os dados serão manuseados somente pelos envolvidos na pesquisa e mantidos em sigilo.

Ao final da elaboração do trabalho, este pesquisador compromete-se em fazer uma devolutiva oral aos profissionais envolvidos na pesquisa, a fim de contribuir com os mesmos a partir dos resultados alcançados, bem como entregar uma cópia impressa do trabalho aos participantes se assim for solicitado. Este pesquisador compromete-se ainda a conceder aconselhamentos e orientações aos profissionais sobre questões relacionadas ao contágio emocional, se assim lhe for solicitado."

Análise dos dados: "Para análise dos dados coletados durante a pesquisa será utilizada a análise de conteúdo. As entrevistas serão transcritas, procedendo com a retirada de aglutinadores linguísticos para análise por meio do software Iramuteq. O tratamento será caracterizado pela seleção de palavras pertinentes, buscando mapear as palavras relacionadas ao contágio emocional

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: coep@sr2.uerj.br



UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 5.672.864

e ao colapso de desempenho.”

Objetivo da Pesquisa:

Primário: “Investigar o colapso de desempenho em equipes de futebol profissional considerando a influência do contágio emocional”;

Secundários: “Identificar a relação entre o contágio emocional pelo perfil do atleta, considerando o ambiente em que está inserido; Verificar a influência do colapso de desempenho nas partidas seguintes, considerando o impacto da emoção individual no clima gerado na equipe, sob a perspectiva do contágio emocional e sua influência no colapso do desempenho; e Pesquisar as causas do colapso de equipes de esporte de grupo por conta do contágio emocional negativo.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: “Os possíveis riscos podem ser enumerados como: invasão de privacidade; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; constrangimento do observado perante o observador durante o procedimento de coleta de dados. Ainda pode ocorrer a perda das informações escritas bem como dados de identificação dos participantes com a perda destes documentos, além de utilização do seu tempo ao responder aos questionários.”

Benefícios: “Trazer subsídios para que psicólogos, líderes de equipes em esportes de grupos e outros profissionais interessados possam melhor compreender sobre o impacto do contágio emocional no desempenho da equipe, possibilitando que os profissionais atuem junto aos atletas no fortalecimento de sua inteligência emocional. O pesquisador compromete-se ainda a conceder aconselhamentos e orientações aos profissionais sobre questões relacionadas aos resultados da pesquisa, com vistas a promover benefícios diretos e sem retornos prejudiciais à sociedade. Os resultados desta pesquisa servirão como indicadores e não como métodos diagnósticos.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa de doutoramento. Este se encontra estruturado com os elementos de um projeto de pesquisa, com todos os elementos essenciais para análise deste relacionados às questões éticas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Orçamento: financiamento próprio, com descrição de custeio.
- Folha de rosto: preenchida, assinada, datada e carimbada pela diretora do Instituto de Psicologia da UERJ;
- TCLE – O TCLE encontra-se em uma página, com todas as informações necessárias ao participante sobre sua participação na pesquisa.

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: coep@sr2.uerj.br



Continuação do Parecer: 5.672.864

- ICD – Apresenta roteiro de entrevista com 11 questões abertas, referidas ao objeto de pesquisa;
- Termo de anuência da instituição – apresenta os termos de quatro clubes de futebol, como descrito no projeto. Três estão preenchidos, datados e assinados pelos dirigentes dos clubes e um encontra-se preenchido e assinado pelo dirigente do clube, sem data, mas apresenta um carimbo do clube com o ano de 2022.
- Cronograma – apresenta previsão de coleta de dados para outubro a novembro de 2022.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, a COEP deliberou pela aprovação deste projeto, visto que não há implicações éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - previsto para setembro de 2023. A COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Tendo em vista a legislação vigente, o CEP recomenda ao(à) Pesquisador(a): Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e/ou no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para análise das mudanças; informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa; o comitê de ética solicita a V.S.^a que encaminhe a esta comissão relatórios parciais de andamento a cada 06 (seis) meses da pesquisa e, ao término, encaminhe a esta comissão um sumário dos resultados do projeto; os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_968649.pdf	12/09/2022 15:07:43		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI_Palmeiras.pdf	12/09/2022 15:07:09	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** coep@sr2.uerj.br



Continuação do Parecer: 5.672.864

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI4.pdf	17/08/2022 14:58:42	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI2.pdf	17/08/2022 14:57:45	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI1.pdf	17/08/2022 14:57:14	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito
Outros	documento_carta.docx	09/08/2022 19:11:14	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.docx	09/08/2022 18:41:20	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.doc	09/08/2022 18:40:37	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito
Folha de Rosto	Foha_de_Rosto.pdf	15/06/2022 19:50:45	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito
Outros	Roteiro_de_Entrevista.docx	26/05/2022 23:59:30	PAULO SERGIO RIBEIRO BARBOZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 29 de Setembro de 2022

Assinado por:
ALBA LUCIA CASTELO BRANCO
(Coordenador(a))

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3º and. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** coep@sr2.uerj.br

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “O contágio emocional em equipes de esportes de grupo: As causas do colapso no desempenho”, desenvolvida por Paulo Sergio Ribeiro Barboza, Doutorando em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ. Orientador por Professor Doutor Alberto Filgueiras

O objetivo central do estudo é investigar o contágio emocional em equipes de esportes de grupo, enfocando nos resultados do colapso no desempenho.

A pesquisa justificou-se pela sua relevância social, por envolver a prática esportiva e acadêmica na tentativa de contribuir com mais trabalhos de pesquisa sobre o tema e mais ainda pela relevância no aspecto profissional por trazer subsídios para que psicólogos, líderes de equipes em esportes de grupos e outros profissionais interessados possam melhor compreender sobre o impacto do contágio emocional no desempenho da equipe.

O convite a sua participação se deve ao fato de ser jogador de futebol e conviver na prática com o contágio emocional nessas equipes, podendo vivenciar os efeitos em seu desempenho. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. É importante que uma via deste documento, devidamente assinada pelos pesquisadores, seja armazenada em seus arquivos para eventuais consultas ou evocação de seus direitos, seja de forma impressa ou eletrônica.

A coleta será feita através de uma entrevista semiestruturada, que será gravada e posteriormente transcrita. Será marcado dia e horário conforme sua disponibilidade.

Os dados serão analisados e divulgados, mantendo-se o anonimato dos participantes, ou seja, seu nome não será divulgado em hipótese alguma. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/ENSP.

Os possíveis riscos podem ser enumerados como: invasão de privacidade; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; constrangimento do observado perante o observador durante o procedimento de coleta de dados. Ainda pode ocorrer a perda das informações escritas bem como dados de identificação dos participantes com a perda destes documentos, além de utilização do seu tempo ao responder aos questionários.

Contudo, o pesquisador firma o compromisso ético de cumprir o que está estabelecido na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12 respeitando as atitudes e habilidades do observado, se colocará à disposição para questionamentos sobre qualquer situação apresentada visando minimizar tais riscos, seus dados serão mantidos em sigilo, sem que haja possibilidade de identificação, bem como a entrevista acontecerá em um local privado, para que possa transcorrer sem interrupções, inclusive no horário que o participante da pesquisa considerar mais adequado.

Ao final da elaboração do trabalho, o pesquisador compromete-se em fazer uma devolutiva oral aos profissionais envolvidos na pesquisa a fim de contribuir com os mesmos a partir dos resultados alcançados, bem como entregar uma cópia impressa do trabalho aos participantes se assim for solicitado. O pesquisador compromete-se ainda a conceder aconselhamentos e orientações aos profissionais sobre questões relacionadas aos resultados da pesquisa, com vistas a promover benefícios diretos e sem retornos prejudiciais à sociedade.

Considerando que os resultados desta pesquisa servirão como indicadores e não como métodos diagnósticos.

Eu li e compreendi este Termo de Consentimento; portanto, concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Cidade, ____ de _____ de 2021.

(Assinatura do participante)

Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido da participante da pesquisa ou seu representante legal.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Paulo Sergio Ribeiro Barboza Barboza / Pesquisador responsável

O projeto da presente pesquisa teve seus aspectos técnicos, acadêmicos e éticos previamente examinados e aprovados.

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

PESQUISA: Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: O contágio emocional como influência

Responsável: Paulo Sérgio Ribeiro Barboza

Eu, ADRIANO COLARES, responsável pela Instituição S.A.F. BOTAFOGO F. R., declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, podemos revogar esta autorização, a qualquer momento, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ao sigilo da participação dos integrantes desta instituição. Declaro, ainda, que não recebemos qualquer tipo de remuneração por esta autorização, bem como os participantes também não o receberão. E asseguramos que possuímos a infraestrutura necessária para a realização/desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa só terá início nesta instituição após apresentação do Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos.

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2021


Adriano Colares
Responsável pela Instituição



Se desejar qualquer informação adicional sobre este estudo, envie uma mensagem:
Paulo Sérgio Ribeiro Barboza, (21) 9 9333-0104 - paulobarboza2207@gmail.com

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona as segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.



**CLUB DE
REGATAS
VASCO
DA GAMA**

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA PARTICIPAÇÃO COMO VOLUNTÁRIO EM ESTUDO CIENTÍFICO**

Título do estudo	Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: O contágio emocional como influência
Pesquisador Responsável	Paulo Sérgio Ribeiro Barboza
Título do Pesquisador Responsável	Mestrando da UERJ
Departamento	Médico

O CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA (CRVG), entidade de prática desportiva, com sede na Rua General Almério de Moura, nº. 131, bairro Vasco da Gama, Rio de Janeiro (RJ), CEP: 20921-060, inscrita no CNPJ/MF sob o nº. 33.617.465/0001-45, bem como o Gestor do Departamento Médico, autoriza o Pesquisador Responsável PAULO SÉRGIO RIBEIRO BARBOZA, inscrito no CPF nº CPF sob o nº 755.847.607-06, a realizar Trabalho "Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: O contágio emocional como influência", observados os seguintes termos:

1. OBJETIVO

1.1. Esta pesquisa pretende compreender a influência de questões emocionais no desempenho de uma equipe de futebol. Para sua realização da sua coleta de dados, será realizado através de questionário, instrumento esse válido pela ciência, sendo realizado com 4 atletas anônimos, selecionados pelo próprio departamento médico.



ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO / SEDE ADMINISTRATIVA
R. GENERAL ALMÉRIO DE MOURA, 131 - VASCO DA GAMA
RIO DE JANEIRO - RJ | BRASIL | CEP.: 20921-060
VASCO.COM.BR

CRVG



CLUB DE
REGATAS
VASCO
DA GAMA

2. ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA DO GESTOR DO DEPARTAMENTO

2.1. No decorrer do período da pesquisa realizada nas instalações do CRVG e com os atletas voluntários da instituição, o pesquisador será acompanhado pelo Gestor do Departamento ou por preposto por ele indicado.

2.2. Em caso de alguma dúvida ou problema relacionado a pesquisa, o pesquisador poderá entrar em contato com Gestor responsável pelo Departamento em que está sendo realizado a pesquisa ou com o Departamento de Integridade e Compliance do CRVG, através do e-mail "integridade@vasco.com.br".

3. REVOGAÇÃO DO CONSENTIMENTO

3.1. Caso o Pesquisador que não tenha mais o objetivo em realizar a pesquisa no CRVG deverá informar ao Departamento responsável pela realização da pesquisa, bem como comunicar ao Departamento de Integridade a desistência da pesquisa formalmente, via e-mail, ao endereço integridade@vasco.com.br, tendo o Pesquisador Responsável 72 horas para providenciar as medidas para exclusão de todos dados obtidos dos atletas do CRVG.

4. CONFIDENCIALIDADE

4.1. As informações obtidas nesta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo de cada atleta que participou na pesquisa.



ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO / SEDE ADMINISTRATIVA
R. GENERAL ALMÉRIO DE MOURA, 131 - VASCO DA GAMA
RIO DE JANEIRO - RJ | BRASIL | CEP.: 20921-060
VASCO.COM.BR

CRVG



CLUB DE
REGATAS
VASCO
DA GAMA

5. PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS

5.1. Para fins deste Termo, aplica-se a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018), comprometendo-se o Pesquisador a não divulgar qualquer dado pessoal ao qual tenha acesso, salvo autorização expressa do CRVG.

6. INTEGRIDADE E COMPLIANCE

6.1. O CRVG se preocupa com a aplicação da legislação nacional e normas e políticas internas, em observância aos princípios, aos valores, à missão e às práticas éticas do clube, comprometendo-se o pesquisador a:

- a) Prezar sempre pelo respeito entre as pessoas e aos direitos humanos, sendo intolerável qualquer demonstração de assédio, preconceito, intimidação, ameaça ou discriminação em razão da representação da individualidade pessoal, relativos, mas não se restringindo, à cor de pele, nacionalidade, sexo, gênero, religião, posição política, naturalidade, estética e diversidade funcional, sempre em observância à legislação vigente e às políticas e normas internas;
- b) Atuar com transparência em todas as suas relações e condutas, devendo orientar, resguardar e garantir a veracidade e qualidade de todas as informações relativas às funções relacionadas ao seu cargo e competência, bem como relativo às questões financeiras que, em consonância com as regulamentações aplicáveis, sejam destinadas à sociedade;
- c) Observar e cumprir rigorosamente todas as leis cabíveis, incluindo, mas não se limitando à legislação brasileira anticorrupção, a legislação brasileira contra a lavagem de dinheiro, assim como as normas e exigências constantes das políticas internas do CRVG;



ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO / SEDE ADMINISTRATIVA
R. GENERAL ALMÉRIO DE MOURA, 131 - VASCO DA GAMA
RIO DE JANEIRO - RJ | BRASIL | CEP.: 20921-060
VASCO.COM.BR

CRVG



CLUB DE
REGATAS
VASCO
DA GAMA

d) Notificar prontamente, por escrito, o CRVG, a respeito de qualquer suspeita ou violação do disposto nas leis anticorrupção e/ou no Estatuto do Club de Regatas Vasco da Gama, e ainda de participação em práticas de suborno ou corrupção.

e) Seguir as recomendações determinadas em todos os documentos internos do Clube, tais como, mas não se restringindo, ao "Código de Conduta Ética", "Política de Prevenção e Resolução de Conflito de Interesses" e "Estatuto do Club de Regatas Vasco da Gama".

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 2022.

Paulo Sérgio Ribeiro Barboza
CPF nº 755.847.607-06
Pesquisador Responsável

Gustavo da Silva Caldeira
Diretor do Departamento Médico
Club de Regatas Vasco da Gama



ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO / SEDE ADMINISTRATIVA
R. GENERAL ALMÉRIO DE MOURA, 131 - VASCO DA GAMA
RIO DE JANEIRO - RJ | BRASIL | CEP.: 20921-060
VASCO.COM.BR

CRVG

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

PESQUISA: Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: O contágio emocional como influência

Responsável: Paulo Sérgio Ribeiro Barboza

Eu, Anderson Barros (nome legível), responsável pela Instituição Sociedade Esportiva Palmeiras (nome legível da instituição), declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, podemos revogar esta autorização, a qualquer momento, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ao sigilo da participação dos integrantes desta instituição. Declaro, ainda, que não recebemos qualquer tipo de remuneração por esta autorização, bem como os participantes também não o receberão. E asseguramos que possuímos a infraestrutura necessária para a realização/desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa só terá início nesta instituição após apresentação do **Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos**.

Rio de Janeiro, 09 de Setembro de 2022

Responsável pela Instituição (assinatura e carimbo legível)

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS
ANDERSON BARROS
DIRETOR EXECUTIVO DE FUTEBOL

Se desejar qualquer informação adicional sobre este estudo, envie uma mensagem:
Paulo Sérgio Ribeiro Barboza, (21) 9 9333-0104 - paulobarboza2207@gmail.com

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona as segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

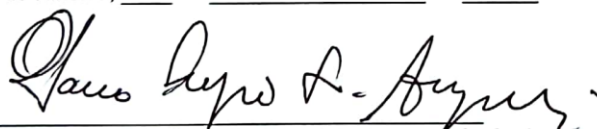
PESQUISA: Colapso de desempenho em equipes de futebol profissional: O contágio emocional como influência

Responsável: Paulo Sérgio Ribeiro Barboza

Eu, PAULO ANGIONI (nome legível), responsável pela Instituição FLUMINENSE FOOTBALL CLUB (nome legível da instituição), declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, podemos revogar esta autorização, a qualquer momento, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ao sigilo da participação dos integrantes desta instituição. Declaro, ainda, que não recebemos qualquer tipo de remuneração por esta autorização, bem como os participantes também não o receberão. E asseguramos que possuímos a infraestrutura necessária para a realização/desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa só terá início nesta instituição após apresentação do **Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos**.

Rio de Janeiro, ____ de ____ de ____



Responsável pela Instituição (assinatura e carimbo legível)



Se desejar qualquer informação adicional sobre este estudo, envie uma mensagem:
Paulo Sérgio Ribeiro Barboza, (21) 9 9333-0104 - paulobarboza2207@gmail.com

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona as segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Questionário de entrevista com atletas de futebol profissional da série A do Brasil, acerca do Colapso de equipes por contágio emocional.

Introdução:

“Um colapso grupal coletivo é o momento ou processo quando a performance do seu time decai além do normal e de maneira inesperada. Trata-se de uma situação em que seu time experimenta um colapso significativo durante uma competição ou jogo. É o momento ou processo em que nada mais funciona com o time.

Considerando os últimos 12 meses:

Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Que tipo de competição ou jogo era?

Quanto tempo durou esse colapso?

Lembra quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso?

Lembra que papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham?

Pode descrever o que aconteceu com time durante o colapso?

Descreva a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso?

O colapso de grupo influenciou nas partidas seguintes?

O colapso de grupo influenciou os treinos seguintes?

Na sua opinião quais fatores influenciam ou contribuem para o colapso de um grupo?

Fique à vontade para mencionar qualquer outra coisa acerca desse tema que envolve o colapso emocional de um grupo de jogadores da Série A de times do Brasil.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Atleta 1

Tenho 18 anos e sou de boa viagem, interior de Fortaleza, ceará

Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Sim

Que tipo de competição ou jogo era?

Brasileiro

De que ano

2020

Quanto tempo durou esse colapso?

Está durando

Lembra quantos jogadores estiveram envolvidos nesse colapso?

Todo mundo

Mais ou menos, quantos jogadores dentro e fora de campo?

Uns 35

Lembra que papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham?

Todos os papéis

Você lembra o que motivou o colapso do time?

Foi por causa de uma derrota, acabou baixando e o time ficou numa crise, mas agora estamos buscando subir de rendimento.

Descreva a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso.

Um momento ruim, uma energia negativa, mas isso é momentâneo e o que a gente está buscando é melhorar.

O colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes?

Sim

O colapso do grupo influenciou os treinos seguintes?

Um pouco

Na sua opinião quais fatores influenciam ou contribui para o colapso de um grupo?

Derrotas

Gostaria de mencionar alguma outra coisa acerca desse tema do colapso emocional?

Não, tudo o que deveria ser dito sobre esse assunto já foi dito.

Atleta 2

Tenho 20 anos e sou de Saquarema.

Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Sim

Que tipo de competição ou jogo era?

Brasileiro

De que ano

2020

Quanto tempo durou esse colapso?

Durou três dias.

Quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso?

Acho que 15.

Lembra que papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham?

Acho que a maioria era atacante, meio-campo.

Você pode descrever o que aconteceu com o time durante o colapso?

Ah, um ficou discutindo com outro, colocando o outro para baixo, ninguém se ajudava.

Descreva a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso.

Muito ruim, muito ruim, ninguém estava reconhecendo o outro, entendeu?

O colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes?

Sim

O colapso do grupo influenciou os treinos seguintes?

Sim

Na sua opinião quais fatores influenciam ou contribui para o colapso de um grupo?

Não entendi.

O que você acha que pode ter causado isso?

Acho que isso vai muito da cabeça também, que vai um tentando ferrar o outro e isso acaba prejudicando o resultado.

Gostaria de mencionar alguma outra coisa acerca desse tema do colapso emocional?

Não.

Atleta 3

Tenho 19 anos, sou de Fortaleza, Ceará.

Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Sim

Que tipo de competição ou jogo era?

Campeonato Brasileiro, América Mineiro.

Que ano?

2020

Quanto tempo durou esse colapso?

Acho que uns 20 minutos.

Do primeiro tempo, do segundo?

Primeiro tempo.

Ótimo, lembra quantos jogadores estiveram envolvidos nesse colapso?

O time todo.

Lembra que papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham?

Acho que atacante, zagueiro, lateral.

Pode descrever o que aconteceu com o time durante o colapso?

Acho que um apagão durante os primeiros vinte minutos.

Descreva a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso.

Todos agitados, desorganizados.

O colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes?

Um pouco

O colapso do grupo influenciou os treinos seguintes?

Sim

Na sua opinião quais fatores influenciam ou contribuem para o colapso de um grupo?

Acho que a falta de entrosamento.

Gostaria de mencionar alguma outra coisa acerca desse tema do colapso emocional?

Não.

Atleta 4

Tenho 18 anos, nasci em Minas, na cidade de Manhumirim.

Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Sim

Que tipo de competição ou jogo era?

Taça Guanabara

Qual ano?

2020

Quanto tempo durou esse colapso?

Duas semanas

Lembra quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso?

20

Lembra que papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham?

Não

Pode descrever o que aconteceu com o time durante o colapso?

Não

Você não tem ideia do que aconteceu para o time cair?

Não

Descreva a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso.

A gente estava junto e aconteceu naturalmente, agora a gente está mais forte.

O colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes?

Sim

O colapso do grupo influenciou os treinos seguintes?

Sim

Na sua opinião quais fatores influenciam ou contribuem para o colapso de um grupo?

Não sei.

O que pode causar, quais os fatores que podem acometer os jogadores para que haja um colapso de um grupo num jogo ou uma competição?

Lado positivo, ou negativo?

Negativo, né? Porque você está numa dificuldade dentro do time...

Ah, não sei, porque tipo assim, eu não sei o que está passando na cabeça dos caras. Eu sei na minha, na minha é porque às vezes a gente está estressado com alguma coisa, está com problema em casa, entendeu?

Tem alguma coisa a mais para mencionar sobre esse tema que envolve o colapso emocional de um grupo?

Não

Atleta 5

Tenho 31 anos e concordo em participar da pesquisa.

Ok, vamos lá, vamos às perguntas. Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Então, já vivi algo que se considera como um colapso, mas sim um apagão, né? Quando estamos muito bem, jogando o primeiro tempo, e de nada o time deu um apagão e que aconteceu um desastre em que perdemos de 5 a 1.

E quanto tempo durou esse colapso?

Então, acho que foi cerca de 45 minutos, foi o segundo tempo todo.

Você lembra quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso?

Então, normalmente quando acontece isso, são os 11 jogadores.

Lembra que papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham?

Então, como falei na pergunta anterior, né? Quando acontece esse apagão que eu falei, acontece com todo mundo, então foram os 11 jogadores mesmo.

Pode descrever o que aconteceu com o time durante o colapso?

A gente não conseguia mais encaixar o jogo, então entrou em desespero, não conseguia ficar com a bola e o time adversário um time que estava em primeiro lugar no campeonato, conseguiu desestabilizar a nossa equipe, que a gente não conseguiu mais jogar o segundo tempo.

E qual foi a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso?

Eu acho que não tem nem atmosfera, né? Quando entra nesse estado de desespero, o time fica sem reação nenhuma.

O colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes, nas outras partidas?

Não, porque o nosso grupo, naquela época, era um grupo, assim, um grupo muito bom. Eu acho que foi mais aquele momento mesmo que a gente entrou em desespero, não conseguia encaixar, fazer nada. Aí no dia seguinte a gente esfriou a cabeça e no outro jogo a gente já estava totalmente focado na outra partida.

Na sua opinião quais fatores influenciam ou contribuem para o colapso de um grupo?

Eu acho que, de grupo assim, a concentração. Se um, dois do time não estiverem concentrados mais num campeonato tão importante e difícil que é o campeonato alemão, um desconcentrar acho que já desestabiliza a equipe toda.

Beleza, obrigada. Mais alguma observação sobre esse tema que gostaria de fazer?

Não, eu acho que é isso mesmo. O trabalho de grupo é assim, grupo já se diz tudo, então se alguns não estiverem concentrados e focados naquilo que o treinador passou, acho que acaba desestabilizando, sim, o grupo. Então, se todos estão focados em um objetivo só, então a chance de dar certo é maior.

Atleta 6

Sou jogador de futebol profissional, tenho 26 anos e concordo em participar dessa entrevista.

Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Sim

Que tipo de competição ou jogo era?

Era Campeonato Brasileiro, Série A.

Quanto tempo durou esse colapso?

Durou uns 15 minutos.

Lembra quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso?

Todos

Lembra que papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham?

Assim, tinham alguns líderes, mas assim, era todo mundo na mesma sintonia de apagão, né? Era mais ou menos isso, né?

Você pode descrever o que aconteceu com o time durante o colapso?

Então, os próprios líderes tiveram esse colapso. Eu lembro que a gente se olhava assim dentro do jogo e as pessoas, esses líderes, assim, eu incluído também, né? A gente não conseguia nem falar, sabe? A gente se olhava, a gente tinha esquecido de se cobrar, a gente nem conseguia se cobrar, esse olhar era algo como assim: o que está acontecendo, né? Tu não consegue sair disso, a gente tenta, a gente pode olhar para o cara, mas só consegue pensar: “Vamos embora, para ver se isso passa.”

Descreva a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso?

É, assim, era mais ou menos isso, todo mundo meio sem chão, a gente se olhava, mas você quer dizer nada um para o outro.

O colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes?

Não.

Na sua opinião quais fatores influenciam ou contribuem para o colapso de um grupo?

Meu, acho que é assim, uma situação que ninguém espera, ou falta de concentração, acho que é muito mais isso.

Alguma observação que você gostaria de falar sobre o tema?

Não.

Atleta 7

Sou jogador de futebol, tenho 21 anos e autorizo essa pesquisa.

Você joga em que posição?

Sou meio campo.

Você já passou por alguma equipe que tenha tido algum tipo de colapso, que aconteceu algo muito ruim e que mudou o jogo todo?

Não, não cheguei a passar por nenhum tipo de situação dessa, de nenhum desastre ou colapso assim. Às vezes tem um momento dentro da partida que a gente passa um perrengue, porque o adversário está em cima, mas não creio que é um colapso não, creio que é um momento que a gente pode ajustar ali, que a gente consegue fazer as coisas certas.

Tá, é, você acredita que vários jogadores podem estar envolvidos num colapso? Ou seja, se houver um colapso, muitos jogadores podem estar envolvidos?

Creio que não, depende muito do mental, do ser humano que está ali. Depende, se ela fizer alguma coisa que acaba prejudicando numa derrota, acho que ela pode e isso pode impactar nos outros jogadores. Quer dizer, não tanto, mas eu acho que isso pode fazer cair um pouco a confiança do cara e de alguns companheiros também, mas não de todos.

Você acha que a atmosfera, o clima dentro de um grupo quando tem um colapso, ele muda?

Creio que sim, mas creio que quando o grupo é bem unido, é bem fechado, eu acho que é muito difícil desse colapso acontecer.

Na sua opinião, quais fatores influenciam para que possa ter um colapso no grupo?

Creio que desavenças dentro do grupo, deslealdade, assim, nos treinamentos. A gente sempre treina muito forte, mas se a pessoal for desleal, acho que vai contagiando outras pessoas a serem desleais com ela, mas creio que a coisa mais forte é um ambiente bom, dentro do grupo que influencia coisas boas dentro do grupo e tira muitas coisas ruins dentro da pessoa.

Atleta 8

Sou jogador profissional e aceito em participar dessa pesquisa

Esse questionário, são onze perguntas que eu vou te fazer, fala sobre colapso de grupo. A palavra colapso quer dizer que, em algum momento, acontece um contágio emocional na equipe em que nada dá certo, ou seja, parece que dá um branco, em geral em um jogador, dois, três, na equipe toda em que a performance cai muito além do esperado. Então, trata-se de uma situação em que o time experimenta o tal do colapso emocional significativo, né? Durante uma partida ou uma competição, né? Pode durar. É o momento em que nada mais funciona com o time, então essas perguntas se referem a esse colapso, esse é o colapso de grupo, ok? Você já viveu algum tipo de colapso emocional dentro de algum grupo de trabalho que você já esteve?

Sim.

Que tipo de competição ou jogo era, você lembra?

Competição profissional.

Quanto tempo durou esse colapso que você lembra?

Depende de cada jogo.

Você lembra quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso?

Não.

Você lembra os papéis de cada jogador?

Não.

Você pode descrever o que aconteceu com o time nesse colapso? Que coisas aconteceram?

Não ganhávamos, o time não estava jogando bem, e aí começou o colapso emocional, né?

Sim, você consegue descrever qual era o clima que ficava ali na equipe enquanto durou esse colapso?

Ficavam todos parados, ninguém falava, todas essas coisas.

Entendi, você acha que esse colapso influenciou seu grupo em partidas seguintes, nos jogos?

Não.

Nos treinos, influencia?

Não.

Na sua opinião, quais fatores influenciam ou que contribuem para que possa ter um colapso no grupo?

Acho que cada jogador tem que ter mais concentração, mais vontade, querer ganhar o campeonato também. Acho que se a gente não tem essa mentalidade, não dá.

Atleta 9

Sou jogador profissional e concordo em participar dessa pesquisa

Obrigado, um colapso de grupo, coletivo, é um momento em que a performance do seu time, do seu grupo, decai além do normal e de maneira inesperada. Trata-se de uma situação em que o time experimenta um colapso emocional significativo durante uma partida ou uma competição. É o momento em que nada mais funciona com o time, então essas perguntas se referem a esse colapso, esse é o colapso de grupo, ok? Você já viveu algum tipo de colapso emocional dentro de algum grupo seu de trabalho que você já esteve?

Já.

Que tipo de competição era, você lembra?

Era Série B.

OK, quanto tempo durou o colapso, sabe precisar? Foram alguns minutos, foi o jogo todo?

Já teve assim de meses. Colapso de meses aí, nada estava dando certo.

Você lembra quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso? Sabe se chegou a contaminar o grupo todo?

Acho que de certa forma sim, três meses foi bastante gente.

E dentro do grupo, que papéis tinham esses jogadores? Eram defensores, eram atacantes?

Enfim?

Então, acho que meio que contaminou meio que geral, não teve nenhuma posição assim não.

Você pode dizer o que aconteceu, descrever o que acontecer durante o colapso?

Não, teve um resultado negativo e acho que acabou dando esse curto geral aí que ficou meio complicado.

Tá, esse curto geral que você chama é o que um grupo pode ter?

Às vezes é falta de comprometimento, às vezes é falta de vontade, de entrega, acho que são essas coisas.

Show. E você consegue descrever a atmosfera que ficou na equipe

Todo mundo ficava calado, ninguém se falava, ficamos meses assim, mas no final conseguimos reverter o quadro.

E você está me falando que viveu um colapso que durou meses, então essa pergunta que eu vou te fazer é que o colapso influenciou o grupo nas partidas seguintes assim que ele ocorreu?

Sim

Perfeito, é, nos treinos seguintes também influencia, você acha que nos treinos influencia?

Sim, sim, influencia sim.

Na sua opinião, quais fatores influenciam ou que contribuem para que aconteça um colapso coletivo?

Que é mais falta de concentração, às vezes falta de atenção, acho que é muito por esses setores aí de concentração e atenção.

Atleta 10

Sou atleta de futebol, tenho 23 anos, e autorizo participar dessa pesquisa

O quê que é um colapso em uma equipe de esporte coletivo, como o futebol?

Olha, colapso eu acho que, ao pé da letra, é uma equipe de está se acabando, que está chegando ao fim, com situações que são insustentáveis.

Certo, é, que tipo de coisas que você acha que podem acontecer para que uma equipe chegue a um colapso?

Resultados ruins, brigas internas, desconfiança entre os membros e companheiros de time, acredito que seja isso.

Você já viveu algum momento assim?

Não de colapso total, mas de momentos de crise em que se gera desconfiança, própria e para com seus colegas, mas nada que tenha comprometido o prosseguimento do trabalho esperando que as coisas comecem dar certo de novo e as coisas voltem ao normal.

Que tipo de jogo era, você lembra? Era uma competição importante, era um jogo amistoso?

Era uma competição importante que o time tinha que se manter na elite, né?

OK, e nessa experiência que você teve de colapso, a que você atribui? O que você acha que aconteceu?

Os resultados ruins, aconteceram, muita troca de treinador acabou que o time não se encontrava mais, por ter tido muitas informações, muitas metodologias, muita variedade de trabalho e acabava não absorvendo uma ideia só e o time acabou ficando sem identidade.

E durou muito tempo esse colapso?

Nós ficamos, foi depois da saída do segundo treinador que a gente tinha tido até bastante empatia com a identidade do jogo e aí vem um outro treinador com uma nova ideia e aí não se encaixou no que o grupo entendia como ideia de jogo e acabou entrando nisso aí e acredito que por uns quatro meses.

E isso envolveu vários atores desse jogo, ou seja, vários jogadores nos mais diversos papéis, tipo, atacante, defensores, ou seja, todos eles?

Sim, incluiu diversos jogadores, alguns que tinham menos culpa acabavam sofrendo com isso e se tornando um escudo, tomando pancada que não deveriam, mas tiveram que aguentar esse momento.

Tá, você consegue descrever a atmosfera que ficava dentro do time durante o rumo do colapso da equipe? A atmosfera modificou, enfim?

Um pouco, era um time que tinha bastante círculos de amizade, que já estava junto a algum tempo, uma base dentro dele. Acredito que o clima não mudou tanto, mas acredito que o clima ficava ruim quando entrava em campo, por causa do clima de desconfiança de torcida, diretoria, e até mesmo foi se criando isso dentro do time mesmo.

Então, o que você tá me dizendo é que até nas próximas partidas seguintes isso continuava acontecendo?

Seguintes ao quê?

Ao colapso, as partidas seguintes?

Exato, sim, sim, sim.

Você acha que esse colapso influencia no treino também?

Muito, muito, nada dá certo, fica um treino picotado, um treino com muitos erros e muitos erros acabam gerando mesmo perda de confiança total.

Você, pessoalmente, como é que você reagiu a esse colapso do grupo?

Eu tentava conversar com a maioria para tentar buscar uma solução, para tentar ver um caminho melhor, e eu me via mal também, não conseguia desempenhar meu melhor trabalho.

Tá, então, para finalizar, na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram para esse colapso coletivo, para esse colapso no seu grupo de trabalho?

Resultados ruins, má gestão do todo, do clube, atrasos salariais, que ainda está na gestão e desconfiança da torcida, pressão ruim a todo momento durante o jogo, até em treinamentos, redes sociais, muita coisa ruim começou a girar em torno dos resultados ruins e acabou acarretando nesses diversos problemas que eu acho que no fim de tudo o grande problema foi gestão mesmo.

Então, você acha então que as causas de um colapso grupal podem ser contagiantes? Vai contaminando um, dois, três?

Exatamente, acho que isso é certo, isso é muito contagiante, um ambiente que você tem desconfiança isso vai tomando conta mesmo.

Atleta 11

Sou jogador de futebol, concordo em colaborar com esse estudo e o que eu puder fazer para ajudar, vou fazer.

Obrigado, então, um colapso grupal ou coletivo, é um momento ou processo quando a performance do seu time decai além do normal e de maneira inesperada. Trata-se de uma situação em que o time experimenta um colapso emocional significativo durante uma partida ou uma competição. É o momento em que nada mais funciona com o time, então essas perguntas se referem a esse colapso, esse é o colapso de grupo. Baseado nisso, eu vou te perguntar, você já viveu algum tipo de colapso emocional dentro de algum grupo seu de trabalho que você já esteve?

Já sim, mas às vezes acontece de no calor do jogo, na emoção do jogo a gente acaba discutindo entre a gente mesmo ou o local em que a gente jogou acabou proporcionando isso e a gente acabou se desconcentrando perdendo a concentração, o nosso foco, e isso acaba resultando em um placar ou uma bola que poderia ter concentrado melhor para fazer o gol, um cruzamento ou um passe melhor, então, com certeza todo jogador de futebol já viveu esse colapso e não pode é viver eternamente nesse colapso, tem que saber sempre sofrer e saber dar a volta por cima, saber que é do jogo e fazer o melhor possível.

Beleza, você lembra em que momento que isso aconteceu ao longo da partida? Se foi no início, no meio ou no final?

Ah, geralmente acontece quando o resultado não está a favor, porque quando o resultado está a favor, tudo colabora para que você se concentre melhor, e quando a gente está atrás do resultado, ou quando a gente se concentra no resultado, ou quando a outra equipe é muito melhor, com um poder de força grande, a gente acaba perdendo a concentração e acaba gerando esse colapso que vira um vício, né?

Na pergunta número três é quantos jogadores foram envolvidos, você acha que envolve muita gente? Pode envolver o time todo?

Acho que depende muito da característica de jogador, tem jogadores que compram essa situação, e tem jogadores que são mais maduros e conseguem lidar melhor com esse tipo de situação, então eu não lembro exatamente quantos jogadores, mas acho que uns 3 ou 4 do grupo entram nessa situação.

Quais papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham? Defensores, atacantes ou isso independe?

Independe, independe, acho que não tem uma posição exata pra isso, acho que depende da situação do jogo.

Certo, é, a atmosfera dentro do time durante o curso da partida, você acha que a atmosfera muda? Descreva isso aí.

Com certeza muda, se o grupo não souber administrar esse processo dentro do jogo, com certeza vai mudar e as coisas não vão ser as mesmas que iniciaram no jogo e tende a piorar o momento do time, desconcentrar, isso é natural.

Você acha que o colapso grupal pode influenciar na partida seguinte?

Se não souber administrar ali e ainda ficar pensando no jogo, com certeza.

Depois desse colapso grupal, depois do jogo, você imediatamente se recuperou, depois do jogo, levou o caso com mais tranquilidade ou foi difícil?

Eu sempre fui muito tranquilo, então eu gostava de, sempre depois da partida depois de uma situação dessa eu me resguardava, ficava ali no meu canto, pensava no que poderia ter feito, depois ter um feedback, tentar falar com o treinador, tentar falar com os meus companheiros para que possamos ter um ambiente melhor. Acredito muito nisso, o grupo precisa ter consciência de que isso pode acontecer durante o jogo, saber se comportar durante o jogo, conhecer o local de jogo e saber se comportar diante desse processo.

Atleta 12

Sou jogador de futebol profissional e concordo em participar dessa pesquisa.

Muito obrigado. Esse questionário que eu vou fazer se refere a colapso de equipes, né? um colapso de grupo ou coletivo, é um momento ou processo quando a performance do seu time decai além do normal e de maneira inesperada. Trata-se de uma situação em que o seu time experimenta um colapso significativo durante uma competição ou um jogo. É o momento em que nada mais funciona com o time, daí eu começo a te perguntar: você já viveu algum tipo de colapso emocional dentro de algum grupo seu de trabalho que você já esteve?

Claro, em diversas partidas.

Você lembra que tipo de competição ou jogo era?

Na base, contra o Flamengo, na final onde não estava nada dando certo para a gente e estava 2 a 0 os caras. Daí, o time estava bem abalado com isso e a gente não conseguia produzir nada. O que a gente produzia, a gente perdia a bola e eles tentavam de novo fazer o gol na gente.

Quanto tempo durou esse colapso?

Mais ou menos a metade do segundo tempo todo, aí.

Você lembra quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso, nesse branco aí?

Quase o time todo.

Tá, então, você lembra que papéis dentro do time os jogadores envolvidos tinham, então, o que você está me dizendo é que defensores, meio-campo, atacantes, todos estavam envolvidos nesse colapso, é isso?

Sim

Você pode descrever o quê que aconteceu durante, com o time durante esse colapso, você lembra?

Olha, tem um tempinho que eu vivi, mas eu lembro sim. Você diz de ações do jogo?

Isso.

Então, aquilo meio que treinou, a gente não estava conseguindo colocar em prática. Eu lembro ali do treinador, ele estava bem irritado com a gente, por causa disso, a gente estava meio que caindo no jogo do Flamengo e não fazendo o nosso jogo, foi mais isso que aconteceu.

Beleza, você consegue descrever o clima, a atmosfera que ficou enquanto esse colapso durou?

Aquela atmosfera teve, é uma atmosfera ruim para caramba, porque tu está ali disputando uma final, disputando um título e começa a passar na cabeça que você vai perder e não é isso que você quer. Eu creio que para a gente sair dali, a gente tinha que não focar na final, mas focar no jogo, nas ações do jogo, que aí sim a gente iria conseguir o título ou o resultado final.

Perfeito, você acha que esse colapso que você passou aí, ele influenciou nas partidas seguintes?

Não, a gente não jogou mais depois da final.

E nos treinos, esse colapso influencia?

Sim, com certeza.

Na sua opinião, para finalizar, quais são os fatores que influenciaram para esse colapso no grupo?

É, você no treino tem diversas ações e quando você não consegue fazer essas ações, a confiança, ela vai lá embaixo, entendeu? O seu companheiro ele ajuda muito, porque se o seu companheiro te jogar para cima, você vai conseguir, você vai ter uma válvula de escape, porque teu companheiro está te jogando para cima. E isso te motiva a melhorar nas ações do treino, no caso.

Atleta 13

Tenho 26 anos e sou de São Paulo.

OK, bom, eu já te expliquei em relação ao colapso grupal, então é mais que eu vou te fazendo as perguntas e você vai respondendo de acordo com as perguntas. Bom, você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Já, foi num clássico, num jogo contra o Flamengo que eu acho que o nosso time deu um apagão total. A gente sofreu muito.

OK, e que tipo de competição era?

Era, se não me engano, Campeonato Brasileiro de 2019.

E quanto tempo durou esse colapso?

Olha, acredito que foi o primeiro tempo inteiro, né? Após a gente tomar o primeiro gol, durou o resto do primeiro tempo todo.

Lembra quantos jogadores estavam envolvidos naquele colapso?

Olha, acho que naquele momento era o time inteiro, né? Todos os jogadores sentiram o golpe e a gente naquele momento não soube reagir.

Você lembra que papéis dentro do time esses jogadores tinham, você falou que era o time inteiro, né?

É, eu acho que cada um tinha a sua função, né? E a gente não, num primeiro momento a gente não conseguiu executar bem, né? As funções de cada um.

Certo, pode descrever o que aconteceu com o time durante o colapso?

Era mais silêncio, acho que todo mundo ficou quieto, não falava, ninguém soube reagir no momento, acho que faltou.

E em relação à atmosfera da equipe enquanto durou o colapso?

Então, eu acho todo mundo muito quieto, silêncio, como eu falei, né? A gente não soube reagir àquele momento.

Certo, o colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes?

Não, acho que não, porque no segundo tempo a gente já conseguiu voltar para o jogo, a gente conversou bastante no vestiário e no segundo tempo já foi bastante diferente. Eu acho que foram eles que entraram em um colapso que a gente começou a mandar no jogo, fizemos dois gols, é, conseguimos criar mais oportunidades, fizemos mais dois gols que foram anulados eu acho que a gente soube, no segundo tempo, voltar.

Certo, e influenciou também nos treinos seguintes?

Não, acho que não.

Na sua opinião, quais fatores influenciam ou que contribuem para que aconteça um colapso coletivo?

Cara, eu acho que para chegar num ponto desse de abrir um colapso de grupo tem que, a maioria dos envolvidos ali tem que estar meio que não se sentindo tão fortes, né? Eu acho que isso é muito mental, né? Assim, entrar em um colapso no jogo, ainda mais sabendo que é um esporte que você pode levar gol, que você não pode desanimar por isso, que é uma coisa que acontece, acho que todo mundo tem que estar preparado. Se isso acontece é porque não estavam preparados.

Certo, agora você pode ficar a vontade para você mencionar qualquer outra coisa acerca do tema sobre colapso emocional de jogadores de futebol de times da série A do Brasil.

Foram poucas vezes, né? Que eu vivenciei esse colapso, tanto é que foi até difícil de lembrar essa partida aí, então, eu acho que eu sou um cara que gosta de animar, né? Quando a gente toma um gol, quando a gente está mal, eu gosto de gritar, porque vou tentar animar, eu não deixo o silêncio ficar.

Atleta 14

Tenho 23 anos, sou de Recife.

Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Sim, eu vivi um período muito ruim brigando contra o rebaixamento e ali era um colapso claro assim e tinham muitos jogadores afetados.

Certo, que tipo de competição ou jogo era?

Era Campeonato Brasileiro.

Quanto tempo durou esse colapso?

Durou uns 9 jogos aproximadamente, acho que uns dois meses.

Certo, lembra quantos jogadores estavam envolvidos?

Foi um colapso geral, né? Não teve ninguém que escapasse, assim, era todo mundo.

Os principais papéis dentro do grupo, como você disse que todos estavam envolvidos, então, todas as posições estavam afetadas.

Isso mesmo. Todo mundo.

Você pode dizer o que aconteceu com o time durante esse colapso?

Foi uma sequência ruim de resultados. Foram 6 derrotas e 1 empate, foram 7 jogos, era o começo da competição, então e a gente começou bem claramente, assim, com falta de confiança, jogadores tentando fugir da responsabilidade mesmo, quando a gente ia para nossos jogos dentro de casa, a pressão era muito grande e o time não conseguia funcionar, quando jogava dentro de casa e a gente via isso claramente: jogadores errando coisas simples, alguns tentando fugir da responsabilidade, se escondendo, não querendo pegar na bola, essas foram as características.

Como era a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso?

Atmosfera de derrota, a gente via jogadores entregues, clima muito ruim, como se a gente já tivesse sido rebaixado, como se tudo já tivesse dado errado, a gente não via saída, então era como se a derrota já fosse certa, como se a gente não tivesse força para lutar contra aquilo.

O colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes?

Com certeza.

E isso também influenciava nos treinos seguintes?

Sim, nos treinos também, querendo ou não, a gente levava aquilo que acontecia no jogo para dentro dos treinos, e assim como não funcionava no jogo, nos treinos a gente também não conseguia fazer funcionar.

Certo, na sua opinião, quais são os fatores que influenciam ou contribuem para um colapso de grupo?

Eu acho que a pressão externa, a pressão externa é muito grande. Cada um de nós já tem uma pressão interna no sentido de um jogador começar a desconfiar do potencial do outro e nesse colapso isso é muito claro. A gente já não confiava mais um no outro, a gente não confiava que era capaz. E aí falta confiança, falta coragem, acho que é isso.

Agora você pode fazer um comentário sobre qualquer coisa acerca do tema do colapso de equipe de jogadores da série A do Campeonato Brasileiro de futebol.

Eu acho que tem sido uma coisa cada vez mais comum, com as redes sociais isso tem aumentado, em função das redes sociais, e o colapso só não se torna geral quando os resultados aparecem, a gente vê muitos jogadores sendo expostos a todo momento, sempre que tem uma derrota, alguns jogadores são

escolhidos e expostos e com certeza eles entram colapso emocional, a confiança não é mais a mesma, a coragem e a vontade de jogar já não são mais a mesma. E isso só não se torna algo generalizado quando os resultados acontecem. Mas eu acho que quando os resultados não aparecem, com toda essa pressão que a gente é exposto, tanto pressão externa quanto pressão interna, dos dirigentes e pessoas do clube, é o que acontece sim.

Atleta 15

Tenho 24 anos e sou do Paraná.

Certo, como te expliquei em relação ao colapso grupal, então vou te perguntar acerca da temática e você responde de acordo com as perguntas, OK? Você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Sim.

Que tipo de competição ou jogo era?

Campeonato Brasileiro, Série A.

Quanto tempo durou esse colapso?

Durou uns 8 jogos, a gente estava lutando contra o rebaixamento.

Certo, você lembra quantos jogadores estavam envolvidos?

Ah, o time todo, praticamente todos os jogadores.

Você pode dizer o que aconteceu com o time durante esse colapso?

A gente perdeu um jogo que era considerado um jogo importante para fugir do rebaixamento. Daí esse jogo meio que abalou todo mundo, ficaram todos mais calados, ninguém falava, a gente não conseguia reagir, foi tipo um apagão. E com isso, veio uma sequência de derrotas e que a gente não conseguia mais sair. Todo mundo começou a ficar desconfiado um do outro. Daí começaram a trocar os treinadores. A gente já estava acostumado com o esquema de jogo de um dos treinadores e trocaram. Aí ficou difícil do time encontrar sua cara.

Como você já disse, todos estavam envolvidos, então, os papéis dentro do grupo, todos estavam afetados, é isso?

Sim, é isso.

Como era a atmosfera da equipe enquanto durou o colapso?

Todo mundo ficou sem confiança, a gente já não confiava mais um no outro, ninguém conversava mais direito. Essa falta de confiança também foi para os treinadores, porque a gente não sabia se aquele estilo de jogo ia dar certo para a gente. Então, a gente não confiava também no treinador e também não confiava nos dirigentes do clube, na diretoria. Mas pior é quando você não confia no seu companheiro de time, esse é o mais difícil. Porque a gente tenta fazer as coisas como o treinador manda, mas começa a errar muito e isso tira a confiança. Se não tiver o companheiro para te colocar para cima, fica muito difícil.

O colapso do grupo influenciou nas partidas seguintes?

Sim.

E isso também influenciava nos treinos seguintes?

Sim, tanto jogo quanto treino.

Certo, e na sua opinião, quais são os fatores que influenciam ou contribuem para um colapso de grupo?

Eu acho que tem muitos fatores. A desconfiança do time, a falta de conversa, o silêncio é sempre muito ruim. Mas tem também a pressão dos dirigentes, a troca de treinador, tudo isso contribui para o colapso. Acho que também, atualmente, com as redes sociais, é muito comum de a gente ver os jogadores muito expostos e muito crucificados por causa do resultado. E isso aumenta o colapso emocional sim, essa exposição, as pessoas xingando e falando mal nas redes sociais, é muito problema mesmo.

Certo, agora você pode fazer um comentário sobre qualquer coisa acerca do tema do colapso de equipe de jogadores da série A do Campeonato Brasileiro de futebol.

Só que é um tema importante e que todo jogador passou por isso. É uma coisa mental que acontece e a gente precisa ficar atento. A falta de concentração no jogo, você perde o foco e fica mal. Isso pode gerar um resultado negativo e todo o resto, a pressão, tanto interna quanto externa, acabam atrapalhando.

Atleta 16

É 32 anos, e sou de Juiz de Fora, MG.

Certo, você já viveu algum tipo de colapso emocional em seu grupo de trabalho?

Já.

E que tipo de competição ou jogo era?

Era em competições normais, Campeonato Brasileiro, normalmente isso acontece em pontos corridos, assim, disputas de título.

Quanto tempo durou esse colapso?

Esse colapso ele varia, né? Pode ser de 2 ou 3 jogos, ou pode ser mais, de 8 a 10 jogos. Varia.

Algum jogo específico que você percebeu um colapso? Quanto tempo durou esse colapso?

É, recentemente eu acredito que esse último jogo, essa última partida contra o adversário a gente teve um apagão, um colapso durante o jogo, a gente se desencontrou, desencaixou taticamente e tecnicamente, acho que todas as valências que o time precisa para ter os pontos, ficamos longe delas. Acho que é isso.

E, durante o colapso, você percebeu quantos jogadores estavam envolvidos nesse colapso?

Quantos eu não sei, mas a grande maioria.

E os papéis dentro do time, você conseguiu perceber quem estava mais ou era uma coisa mais coletiva?

Não, era a maioria, quase todo mundo.

Pode descrever o que aconteceu com o time durante esse colapso?

Erros sucessivos, automaticamente perda de confiança, e com isso a gente ficou muito abaixo do esperado.

Você consegue me dizer, aí, mais ou menos quanto durou esse colapso?

Foi no segundo tempo todo.

E você sabe como ficou a atmosfera durante esse colapso?

Ficou todo mundo mal, atmosfera ruim, muito desânimo, fraqueza, falta de reação, essas coisas.

Você acredita que esse colapso pode influenciar a motivação para o próximo jogo, já que estamos olhando para o próximo jogo?

Eu acredito que no futebol, cada jogo é uma história, né? Muitas vezes a gente tem uma situação como essa no jogo, a gente vai para a próxima partida muito mais atento a isso para que isso não aconteça de novo. Você toma um gol de escanteio em um jogo, no próximo você já vai mais atento para que isso não ocorra. A gente fica mais atento a essas opções, com mais postura. Nada é certeza, mas a gente fica mais focado.

E nos treinos?

Ah, com certeza.

Na sua opinião, quais são os fatores que influenciam ou contribuem para um colapso de grupo?

Eu acho que falta de resultados, né? Vem a derrota, não consegue se apresentar bem, relacionado com os pontos, a partir do momento que você não consegue ganhar, você não consegue performar bem, você perde a confiança e isso, acho que é aí que você entra no colapso, quando você não está bem. Acho que é isso.

Certo, agora você pode fazer um comentário sobre qualquer outra coisa acerca do tema do colapso de equipe de jogadores da série A do Campeonato Brasileiro de futebol.

Hoje, com a minha experiência, eu acredito que os jogadores tem que saber filtrar muito o que ele escuta, o que ele vê nas redes sociais, o que ele pensa na hora do jogo. O que ele ouve de torcedor, através de redes sociais, Ele tem que ter muito controle interno, para saber ser um jogador de alta performance, ele tem que filtrar também. Nem a derrota tem que influenciar e nem a vitória tem que influenciar. E se ele conseguir filtrar bem isso, ele consegue absorver melhor e recuperar desse colapso mais rápido. O colapso é um apagão que te paralisa, né? Te paralisa num estado ruim e acho que você precisa reagir. Se o atleta conseguir filtrar isso, ele tende a reagir melhor.